

ISTVÁN DE ABREU DOBRÁNSZKY

**SUBJETIVIDADE NO ESPORTE: O IMPACTO DA
SUBJETIVIDADE DO TÉCNICO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA EQUIPE
DE TRIATLO**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

2007

ISTVÁN DE ABREU DOBRÁNSZKY

**SUBJETIVIDADE NO ESPORTE: O IMPACTO DA
SUBJETIVIDADE DO TÉCNICO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA EQUIPE
DE TRIATLO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia: área de concentração como Profissão e Ciência.

Orientador: Dr. Fernando Luis González Rey.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

2007

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t796.01 Dobránszky, István de Abreu.

D634s Subjetividade no esporte: o impacto da subjetividade do técnico na constituição de uma equipe de triatlo / István de Abreu Dobránszky. - Campinas: PUC-Campinas, 2007. 136p.

Orientador: Fernando Luis González Rey.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui anexos e bibliografia.

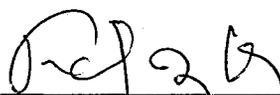
1. Esportes – Aspectos Psicológicos. 2. Atletas – Aspectos psicológicos. 3. Equipes de esportes. 4. Triatlo. 5. Aptidão física do atleta. 6. Subjetividade. I. González Rey, Fernando Luis. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós- Graduação em Psicologia. III. Título.

22ed. CDD – t796.01

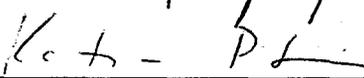
ISTVÁN DE ABREU DOBRÁNSZKY

**SUBJETIVIDADE NO ESPORTE: O IMPACTO DA
SUBJETIVIDADE DO TÉCNICO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA EQUIPE
DE TRIATHLON**

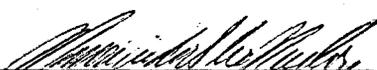
Comissão Examinadora



Prof. Dr. Fernando González Rey



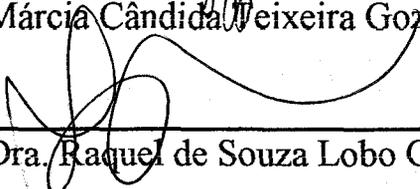
Profa. Dra. Kátia Rúbio



Prof. Dr. Mauricio Neubern



Profa. Márcia Cândida Weixeira Gozzi



Profa. Dra. Raquel de Souza Lobo Guzzo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

2007

`a minha esposa Helena

Agradecimentos

Ao Prof. Dr.Fernando,

Orientador e amigo, por suas intervenções, e principalmente por me mostrar uma nova forma de se pensar e fazer Psicologia do Esporte, que permitiu que eu pudesse olhar para novas possibilidades de aprendizado. Seu constante entusiasmo por tudo que escrevo, e sua persistência em procurar o que existe de melhor em cada pessoa é algo que admiro.

Aos sujeitos da pesquisa,

Por sua disposição e por me acolherem com tanta confiança. Espero contribuir com vocês, no mínimo, na mesma proporção que eu aprendi com vocês.

A Dra. Vera Cury Engler e Dra. Raquel de Souza Lobo Guzzo,

Por me terem apresentado ao meu orientador, e que em nossas poucas conversas me auxiliaram para a realização dessa tese.

Aos professores do Programa de Doutorado da PUCCAMP,

Profissionais competentes e dedicados com quem aprendi tanto, e principalmente por acreditarem em mim.

A minha esposa Helena,

Parceira incondicional de tudo que faço e sonho. Nossas constantes discussões ao longo do processo desta pesquisa (e muitas outras), sempre são de grande valia para mim.

A Enid e Diana, mãe e irmã,

Pela constante motivação durante todo o processo de elaboração desta tese, dando todo o suporte que um doutorando precisa.

A Mariana (Mari) e Patrícia (Paty),

“Filhas” que sempre compreenderam as minhas necessidades como o monopólio do computador, impressora, momentos de silêncio, além de sempre me ajudarem a relaxar.

Ao meu Pai Csaba,
Por seu apoio.

Ao grupo de Estudos da Subjetividade na Saúde e Educação,
Vanessa, Carmem, Elisana, Marcelo, Giselle, Beatriz, Marcelo, Valéria, Gabriel, por
nossas discussões nas reuniões do grupo de subjetividade que sempre
proporcionaram reflexões valiosas para a compreensão dos caminhos da
subjetividade.

Aos professores da Faculdade de Educação Física da PUCCAMP,
Em especial a Márcia Cândida T. Gozzi, Vagner R. Bérnago, Ana Claudia
Santurbano, Marília, José Francisco Daniel, Patrícia Trópia por depositarem
confiança, e me ensinarem tanto neste últimos 4 anos.

Ao meu amigo Maurício Delgado,
Por nossas constantes conversas, e principalmente, por sua paciência nos meus
momentos de ansiedade.

A Patrícia Trindade,
Por toda a sua compreensão e suporte frente as minhas dificuldades nesses últimos
anos.

A todo o corpo docente do curso de Educação Física da Faculdade de Jaguariúna,
Por seu suporte nesse desafio.

DOBRÁNSZKY, I. A. (2006) **Subjetividade no Esporte: o impacto da subjetividade do técnico na constituição de uma equipe de triatlo**. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUC - Campinas, 144f.

Resumo

A Psicologia do Esporte, tem estudado as dinâmicas grupais em equipes esportivas, analisando as relações inter-pessoais entre atletas, ou a influência de líderes e técnicos sobre a equipe, enquanto outras pesquisas estudam a influência dos participantes indiretos do ambiente esportivo, constituído, por exemplo, por familiares, amigos, cônjuges. As pesquisas têm analisado o processo de comunicação grupal de modo unidirecional, e desconsiderando o atleta como um sujeito ativo, e não passivo, onde seu comportamento é resultado direto dos estímulos apresentados pelo meio. Acredita-se que compreender as produções dos sentidos subjetivos, e como se organizam os processos de comunicação em uma equipe esportiva, são relevantes para compreendermos as configurações subjetivas, tanto da subjetividade grupal, como dos atletas individualmente. Tanto a subjetividade individual como a grupal passam por processos de constante transformação de forma a buscar um equilíbrio que considere as necessidades individuais e grupais ao mesmo tempo. Esse estudo teve como objetivo analisar a relação e os processos de produção de sentido subjetivo entre técnico e atletas de uma equipe de *triatlo*, considerando: i) a organização dos processos de comunicação da equipe, a entender a relação atleta - equipe, atleta - atleta, técnico - equipe, técnico - atleta; ii) a compreensão do clima grupal e de que modo ele afeta a subjetividade dos atletas; iii) e de que forma estes processos influenciam no desempenho esportivo. O presente estudo enfatiza o caráter construtivo - interpretativo e dialógico do conhecimento, a partir da interpretação de González Rey sobre pesquisa qualitativa. A pesquisa de campo constituiu-se por um acompanhamento de cinco meses de 8 atletas e um técnico de uma equipe de *triatlo*, em uma cidade do interior de São Paulo, e que participa de competições regionais, nacionais e internacionais. Para a realização deste estudo os instrumentos utilizados foram: dinâmica conversacional, termo utilizado para enfatizar o caráter processual e aberto das relações com o participante; complemento de frases, que permitiu adquirir informações sobre a produção de sentido do sujeito; e um diário de campo. Os instrumentos forneceram indicadores de sentido subjetivo, que em nossa análise, nos levou à construção dos seguintes núcleos de sentidos subjetivos: i) o impacto da subjetividade do técnico na constituição da equipe; ii) o momento competitivo e sua influência na configuração subjetiva da equipe; e iii) a interferência da família na formação da subjetiva do atleta. O impacto de cada um desses núcleos de sentido subjetivo sobre o atleta e a equipe foram os principais resultados dessa pesquisa, onde a produção de sentido subjetivos do técnico teve forte influência no processo de comunicação entre ele com o atleta, equipe, e familiares do atleta. A disputa do técnico pela atenção e reconhecimento dos participantes diretos e indiretos, criou um ambiente de competição intra-pessoal, gerando individualismo, ciúme e inveja. Esses indicadores quando associados a outros existentes no ambiente competitivo, como a exaltação do vencedor, desvalorização do derrotado e o imediatismo, configuram uma subjetividade social, que representa a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, Subjetividade e Esporte, Subjetividade do Técnico, Subjetividade e Equipes Esportivas.

DOBRÁNSZKY, I. A. (2006) **Subjectivity in Sport: the impact of the coach's subjectivity in one triathlon team constitution**. Doctoral Thesis. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUC – Campinas, 144p.

Abstract

Sport Psychology has been studying the group dynamics in sporting teams, by analyzing the inter-personal relationships among athletes, or the leaders' and coaches' influence on the team, while other researches study the influence of indirect participants' of the sporting atmosphere comprising, for instance, relatives, friends and spouses. The researches have been analyzing the process of group communication on a one-way direction, and not considering the athlete as an active and not passive individual, where his/her behavior is a direct result of the incentives presented by the environment. It is believed that to understand the productions of the subjective senses and how the communication processes in a sporting team are organized are relevant to lead us understand the subjective configurations, both of the group subjectivity and of the athletes individually. Those two levels of the subjectivity go through processes of constant transformation aiming at looking for a balance to consider the individual and group needs simultaneously [at the same time]. That study had as objective to analyze the relation and the production processes of subjective sense between coach and athletes of a triathlon team, considering: i) the organization of the team communication processes to understand the athlete-team, athlete-athlete, coach-team, coach-athlete relationship; ii) the understanding of the group climate and how that affects the athletes' subjectivity; iii) and how these processes influence the sporting performance. The present study emphasizes the constructive-interpretative and dialogical character of the knowledge, starting from González Rey's interpretation over qualitative research. The field research comprised a five-month follow-up of 8 athletes and a coach of a triathlon team, in a town of the state of São Paulo countryside that participates in regional, national and international competitions. For the accomplishment of this study the tools used were: conversational dynamics, term used to emphasize the procedural and open character of the relationships with the participant; complement of sentences, which allowed acquiring information about the production of sense of the individual; and a field diary. The tools supplied indicators of subjective sense, which, in our analysis, took us to the construction of the following subjective senses nuclei: i) the impact of the coach's subjectivity in the team constitution; ii) the competitive moment and its influence in the team subjective configuration; and iii) the family interference in the athlete's subjective formation. The impact of each one of those subjective sense nuclei on the athlete and the team were the main results of this research, where the coach's production of subjective sense had strong influence in the communication process among him and the athlete, the team, and the athlete's family. The coach's dispute for the attention and recognition of the direct and indirect participants created an atmosphere of intra-personal competition, generating individualism, jealousy and envy. Those indicators when associated to others existent in the competitive atmosphere, as the winner's exaltation, the depreciation of the defeated and the promptness configure a social subjectivity, which represents the contemporary society.

Key words: Sport Psychology, Subjectivity and Sport, Coach's Subjectivity, Sporting Teams.

DOBRAŃSZKY, I. A. (2006) **Subjectivité Sport: l'impact de la subjectivité de l'entraîneur dans la constitution de l'équipe**. Thèse Doctorat. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUC – Campinas, 144f.

RÉSUMÉ

La Psychologie du Sport a étudié les dynamiques de groupe en équipes sportives, en analysant les relations inter-personnelles parmi les athlètes, ou l'influence de leaders et entraîneurs sur l'équipe, alors que d'autres recherches étudient l'influence des participants indirects de l'ambiance sportive, constituée, par exemple, de familiers, amis, conjoints. Les recherches analysent les procédures de communication de groupe de manière unidirectionnelle en déconsidérant l'athlète comme une personne active, et pas passive, où son comportement est le résultat direct des stimulations présentées par l'entourage. On croit que comprendre les productions de sens subjectifs et comment s'organisent les procédures de communication dans une équipe sportive, sont importantes pour qu'on comprenne les configurations du milieu subjectives, tant de la subjectivité du groupe que des athlètes individuellement. Ces deux niveaux de subjectivité passent par des procédures de transformations constantes, pour chercher un équilibre lequel considère les besoins individuels et de groupe en même temps. Cette étude a eu comme objectif d'analyser la relation et les procédures de production de sens subjectif parmi l'entraîneur et les athlètes d'une équipe de triatlo, en considérant : i) l'organisation des procédures de communication de l'équipe, soit le rapport athlète – équipe, athlète- athlète, entraîneur –équipe, entraîneur- athlète; ii) la compréhension de l'atmosphère de groupe et comme elle influence la subjectivité des athlètes ; iii) et comment ces procédures influencent l'accomplissement sportif. Cette présente étude met en évidence le caractère constructif- interprétatif et dialogique de la connaissance, à partir de l'interprétation de González Rey de la recherche qualitative. La recherche de camp était faite à travers l'accompagnement de cinq mois de huit athlètes et d'un entraîneur d'une équipe de triatlo dans une ville de province de São Paulo qui participe des compétitions régionales, nationales et internationales. Pour la réalisation de cette étude, les outils utilisés étaient : dynamique de conversation (conversacional), un terme utilisé pour mettre en évidence le caractère de procédure et d'ouverture des relations avec le participant : complément de phrases, lequel a permis d'acquérir des informations sur la production de sens du sujet ; et un journal de camp. Les outils ont donné des indicateurs de sens subjectif, lesquels, dans notre analyse, nous ont mené à la construction des suivants noyaux subjectifs: i) l'impact de la subjectivité de l'entraîneur dans la constitution de l'équipe ; ii) le moment compétitif et son influence dans la configuration subjective de l'équipe ; iii) l'intervention de la famille dans la formation de la subjective de l'athlète ; L'impact de chacun de ces noyaux de sens subjectif sur l'athlète et l'équipe ont été les principaux résultats de cette recherche, où la production de sens subjectifs de l'entraîneur a eu une grande influence dans la procédure de communication entre lui et l'athlète, l'équipe et les familiers de l'athlète. La dispute de l'entraîneur entre l'attention et la reconnaissance des participants directs et indirects, a créé une ambiance de compétition intra-personnelle, en engendrant l'individualisme, la jalousie et l'envie. Ces indicateurs, quand ils sont associés à d'autres déjà existents dans l'ambiance de compétition, comme par exemple l'exaltation du vainqueur, la dévalorisation du vaincu et l'immédiatisme, configurent une subjectivité sociale qui représente la société contemporaine.

Mots-clés : Psychologie du Sport, Subjectivité et Sport, Subjectivité de l'Entraîneur, Équipes Sportives.

SUMÁRIO

Introdução	01
Considerações sobre a História da Psicologia do Esporte	03
O Desenvolvimento do Problema e seus Antecedentes	08
A Psicologia do Esporte e o Técnico Esportivo	21
A Subjetividade numa Proposta Histórico-cultural: seu significado para o campo do desportivo	29
Conceituando a Subjetividade	29
A Subjetividade e o Esporte	34
Objetivos	45
Objetivos Específicos	45
Método	46
O Papel do Pesquisador na Pesquisa Qualitativa	59
Caracterização da Equipe Esportiva	71
Instrumentos	74
Delineamento do Ambiente de Estudo.....	77
Análise e Construção da informação	81
A Subjetividade do Técnico e seu Impacto na Constituição da Equipe	81
O Momento Competitivo e sua Influência na Configuração Subjetiva da Equipe.....	95
A Família como Aspecto de Sentido Subjetivo Desconhecido na Lógica Tecnícista e Autoritária do Técnico	104
Considerações Finais	118
Referências	123
Anexos	132

INTRODUÇÃO

Essa tese se propõe a estudar a configuração subjetiva do técnico e como esta influencia na constituição de uma equipe de triatlo, buscando compreender como se organizam processos de produção de sentido subjetivo entre técnicos e atletas, assim como também a forma em que estes processos influenciam no desempenho esportivo. O estudo da subjetividade a partir de uma proposta histórico-cultural desenvolvida por González Rey (1997, 2003), permitiu analisar primeiramente a relevância de se buscar novas alternativas metodológicas que envolvam a subjetividade de técnicos e atletas como uma produção de sentidos subjetivos, e cuja interpretação não pode estar limitada apenas ao ambiente esportivo como é a tendência das pesquisas realizadas na Psicologia do Esporte. Sendo assim, esse tipo de análise considera a participação do técnico e do atleta em outros espaços sociais de forma indissociável, e como eles se organizam influenciando no desempenho esportivo, tanto individual quanto grupal.

Ao estudar a relação entre o técnico e o atleta, analisou-se como se organizam os processos de comunicação em uma equipe de triatlo considerando a relação atleta - equipe, atleta - atleta, técnico - equipe, técnico – atleta, e como o clima grupal afeta a subjetividade dos atletas. Para a consecução deste estudo acompanhou-se uma equipe de triatlo em treinos e competições durante seis meses, utilizando, entrevistas, dinâmicas conversacionais, complementos de frases e observações.

O problema da tese originou-se durante a pesquisa de campo realizada anteriormente (Dobrąnszky, 2001) que tinha como objetivo analisar a relação entre ansiedade e auto-eficácia em atletas de squash. Durante a competição onde foram utilizados dois instrumentos para avaliar a ansiedade e auto-eficácia dos atletas, observou-se que os técnicos além de ocasionalmente estarem ausentes em momentos difíceis da competição, também eram pais, namorados ou noivos. Esses diferentes níveis de relação geravam tensões emocionais entre técnicos e atletas que pareciam se acentuar dependendo do resultado parcial ou final de uma partida. As diferentes condutas apresentadas por técnicos e atletas durante e após a partida que foram expressos em forma de choro, gritos, e agressões verbais do atleta contra o técnico (e vice-versa), ou mesmo através da destruição de raquetes na própria perna ou na parede da quadra, foram utilizadas na análise das informações somente para a elaboração de hipóteses que justificassem a ansiedade dos atletas.

Ao escolher o método da pesquisa que pudesse compreender os aspectos observados, o caráter construtivo-interpretativo existente nos estudos da subjetividade de González Rey (2003, 2005) proporcionou uma análise da complexidade que permeia os protagonistas do ambiente esportivo, mas sem se limitar somente a este espaço social.

Acredita-se também que a abordagem teórico-metodológica utilizada neste estudo proporciona uma compreensão sobre a subjetividade individual e social envolvidas no ambiente esportivo, buscando romper com a tendência histórica da Psicologia do Esporte em desconsiderar a dimensão subjetiva de suas pesquisas.

Entre os resultados, considera-se importante ressaltar que o caráter competitivo e a hegemonia da subjetividade da técnica tem um impacto significativo

na constituição da equipe, devido a valorização do resultado esportivo do atleta como única forma de reconhecimento da técnica. A desvalorização do esforço e da dedicação do atleta como outra forma de reconhecimento da técnica, acaba facilitando a produção de sentidos subjetivos do grupo centralizado na competição, estabelecendo um clima de insegurança grupal, onde o ciúme, inveja, ansiedade e receio da avaliação do “outro” seja da técnica, de outro atleta ou da família predominam.

A técnica tem um posicionamento quase perverso quando busca o próprio reconhecimento através do atleta em diferentes dimensões, como: platéia, técnicos de outros atletas, mídia e patrocinadores. A posição da técnica é mantida pelo grupo, devido a existência de uma subjetividade social relacionada ao culto ao técnico, cuja posição é legitimada por suas conquistas enquanto atleta ou resultados já obtidos enquanto técnica.

Por último, mas não menos importante, aparece a família como produtor de sentidos subjetivos do atleta, principalmente dos mais jovens. A família apresenta-se como um sentido subjetivo desconhecido pela técnica, que interpreta a presença dos pais como ameaçadora ao seu controle hegemônico sobre o grupo, principalmente quando o aspecto econômico surge.

Considerações sobre a História da Psicologia do Esporte

Autores como Weinberg and Gould (1999), Buriti (1997), Machado (2006) e Singer, Hausenblas & Janelle (2001), Leonhardt (2003) entre outros, apontam Griffith como um dos primeiros pesquisadores a realizar estudos nesta área, no

início do século XX, os quais culminaram na primeira publicação do estudo: *Psicologia do Treinamento* em 1926.

Os livros de Psicologia do Esporte escritos por esses autores consideraram como marco da organização desta área, o Congresso de Psicologia do Esporte realizado em Roma em 1965, ocasião em que também foi criada a *International Society Sport Psychology – ISSP* (Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte).

Os primeiros trabalhos desenvolvidos sobre a Psicologia do Esporte surgiram no final do século XIX, e tinham como preocupação a formação do professor de educação física, que deveria contemplar nos conteúdos de sua formação, conhecimentos sobre os aspectos psicológicos envolvidos na prática da atividade física e esportiva. Os benefícios pretendidos estariam ligados à saúde, principalmente no que se refere ao ânimo, satisfação com a vida e alegria, o que proporcionariam uma maior eficiência para a realização das atividades intelectuais. (Buriti, 1997)

Todavia, como observa Buriti, os estudos eram apenas teóricos e não se sustentavam devido ao seu cunho eminentemente empírico, ou não-experimental, e a seus objetivos limitados à ênfase na importância do jogo para o homem e sua relevância para o desenvolvimento pessoal (Buriti, 1997). Os primeiros estudos verdadeiramente experimentais, argumenta ele, não iniciaram antes de 1891, quando o professor Georg W. Fitz montou o primeiro laboratório de Educação Física em Harvard. Para outros, como Singer, Hausenblas & Janelle (2001), no entanto, citam como marco inicial da Psicologia do Esporte os trabalhos realizados em 1895 (e publicados em 1897) por Norman Triplett, da Universidade de Indiana, sobre o

rendimento de ciclistas em diferentes situações – contra o relógio, contra outros ciclistas e com um padrão. Em 1903, Triplett publicou outro artigo no *American Journal of Psychology*, em que o autor analisava a relação entre as emoções liberadas durante uma partida de futebol, que seriam inibidas no dia-a-dia na sociedade. Além disso, no mesmo período (final do século XIX e início do século XX) foram realizados outros estudos que visavam analisar os traços de personalidade e de caráter desenvolvidos através do esporte (Buriti, 1997).

Nos Estados Unidos da América, o desenvolvimento da Psicologia do Esporte pode ser dividido em fases, que tem como início em 1895, quando se realizou as primeiras pesquisas nesta área. Posteriormente, as fases evolutivas da Psicologia do Esporte foram traçadas em períodos onde houve as primeiras publicações de livros e artigos em periódicos, formação de laboratórios e primeira atuação de um psicólogo em uma equipe de baseball, cujo principal pesquisador foi Griffith. A inserção da disciplina de psicologia no currículo dos curso de Educação Física e expansão de publicações e de pesquisas, e também a realização do I Congresso de Psicologia do Esporte e foi criada a *North American Society for Sport Psychology*, é outro marco dessa área, que hoje possui diversos periódicos dedicados a socialização dos estudos.

Atualmente, a Psicologia do Esporte conta com Congressos, Encontros, laboratórios e principalmente com uma considerável expansão de psicólogos esportivos em todo o mundo.

Para Machado (2006), embora a história da Psicologia do Esporte e do Exercício seja relativamente recente, há um volume de pesquisas considerável nas últimas décadas, principalmente de parte dos soviéticos, que investiram nessa área

já durante a década de 70. Em virtude da abrangência da Psicologia do Esporte, é necessário que o profissional busque outras fontes informações que possam contribuir na análise do ambiente esportivo nos seus múltiplos desdobramentos, e sobretudo, que articule estas informações de forma que possibilite uma compreensão da cultura geral em que os esportes e o exercício físico estão inseridos.

No Brasil, os pesquisadores têm se concentrado principalmente no desempenho esportivo relacionado à competição e treinamento. A crescente preocupação da população com o bem estar físico, social e psicológico, e a constante ênfase da mídia em corpos saudáveis e/ou esteticamente modelados, tem gerado uma forte expansão de novos espaços para a prática de exercícios físicos, e criado a necessidade de mais estudos da Psicologia do Esporte, e da Psicologia.

A preocupação com a busca pelo aumento do rendimento esportivo nesse diferentes espaços, tem contribuído significativamente com o nível de exigência sobre o corpo e a procura por métodos e meios mais eficientes e eficazes de desenvolvimento das capacidades e habilidades humanas. A quebra de recordes e a expansão das possibilidades de desenvolvimento desses corpos nos esportes e no exercício físico trazem à tona - e com crescente aumento de intensidade - emoções que podem aproximar ou distanciar não somente os protagonistas, mas todos os sujeitos que indiretamente participam do ambiente esportivo.

Nesse sentido, a importância do psicólogo esportivo é indiscutível, uma vez que o ambiente esportivo não se constitui apenas do atleta, é um espaço social que gera tensões emocionais e conflitos entre os amigos, colegas, adversários, familiares entre outros. O psicólogo esportivo pode realizar um trabalho

interdisciplinar com técnicos e equipes esportivas auxiliando em momentos de realização, decepções, minimizando os efeitos negativos da torcida, ressaltando os aspectos positivos da liderança e coesão de equipes, delimitando as responsabilidades de cada membro da equipe e dirigentes, simplificando as cobranças de pais, fãs e familiares dos atletas, seja em treinos como em competições, considerando a especificidade da modalidade, da situação e do atleta (Machado, 2006). E, por outro lado ele pode auxiliar na análise das implicações das atividades e exercícios físicos, seja no lazer e recreação ou na recuperação de lesões e manutenção de saúde, nos processos psíquicos envolvidos para a realização dessas atividades.

Contudo, vale ressaltar que os estudos têm se concentrado nas questões referentes às emoções e a cognição, a fim de que se delineiem as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas por cada membro da equipe, e se identifiquem as formas pelas quais elas poderão ser estimuladas pelo psicólogo esportivo com o objetivo de maximizar o rendimento da equipe. Mas, o problema reside na constante busca por características em comum entre atletas, que são generalizadas para as equipes de modo geral, desconsiderando dois aspectos: o atleta enquanto sujeito ativo nas decisões, e a concentração no ambiente esportivo, desvinculando o sujeito atleta do sujeito não atleta. Essa não é uma tarefa fácil, uma vez que as subjetividades individual e grupal são produzidas por sentidos que não estão claros na maior parte do tempo, pois estão em constante mudança.

O Desenvolvimento do Problema e seus Antecedentes

Os estudos realizados pela Psicologia do Esporte têm fornecido informações relevantes para a compreensão dos processos psíquicos envolvidos na realização de exercícios físicos e esportivos. As pesquisas desenvolvidas pela Psicologia do Esporte tem se concentrado no estudo da motivação, principalmente quando relacionado ao início ou permanência do indivíduo em programas de exercícios, e nos benefícios psicológicos e sociais que ele proporciona `a diferentes populações como cardíacos ou lesionados em reabilitação, portadores de câncer, e indivíduos com altos níveis de stress e ansiedade devido as pressões cotidianas de trabalho (Weinberg and Gould, 1999; Dishman, 1994; Bull, 1999; Biddle, 1995).

Por outro lado, existem também estudos desenvolvidos de outro caráter, cujo o objetivo principal está relacionado aos esportes e a melhora da *performance* esportiva, buscando compreender e otimizar o processo de treinamento de atletas e equipes esportivas, sejam elas amadoras ou de alto – rendimento, maximizando o rendimento individual e/ou grupal. As teorias cognitivas, e em especial a auto-eficácia desenvolvida por Bandura (1998, 1995 e 1993) são utilizadas por pesquisadores da Psicologia do Esporte como Roberts (1992), Feltz (1998, 2001), Feltz e Chase (1998), Feltz e Lirgg (2001), para analisar de que modo os comportamentos e os resultados esportivos individuais e grupais podem ser explicados a partir desse construto.

A teoria comportamental também é utilizada no ambiente esportivo, onde temos no Brasil a publicação traduzida de Martin (2001), que são utilizadas frequentemente para o desenvolvimento da atenção, percepção e controle emocional, os quais são considerados como responsáveis pelo controle motor, e a

precisão do movimento, que pode ser um chute ou passe de um jogador de futebol, ou de uma bola rebatida numa partida de tênis de campo ou squash.

Para explicar a *performance* relacionada a emoção, diferentes teorias foram desenvolvidos como os estudos de Hanin (2000) e Csikszentmihalyi (1990). O primeiro criou o *Individual Zone of Optimal Functioning* (IZOF), onde o autor parte do preceito de que cada indivíduo possui uma faixa ótima de emoção, e que se o atleta conseguir atingir essa faixa ele apresentará um melhor desempenho. Então, para esse autor, o importante é treinar o atleta através de diferentes estratégias, para que ele não somente atinja essa faixa rapidamente, mas que permaneça nela. Já Csikszentmihalyi (1990), desenvolveu a Teoria do Fluxo, onde afirma que o indivíduo após anos de treinamento esportivo atinge um nível de controle motor associado a concentração, que permite que ele entre em um tipo de transe onde suas emoções entram em um “equilíbrio ótimo” resultando em aumento do desempenho físico e técnico.

Também a psicologia social tem sido utilizada nos estudos da Psicologia do Esporte com o objetivo de compreender de que forma os participantes diretos e indiretos do ambiente esportivo estabelecem sua relação uns com os outros, e como essa relação interfere no desempenho atleta (Hagger e Chatzisarantis, 2005). As constantes exigências de pais, fãs, patrocinadores entre outros, associados as tensões do cotidiano de treinos e competições e expectativas do próprio atleta, são os principais objetivos dessa área de estudo.

Além dessas abordagens existem outras advindas da Psicologia, ou oriundas de áreas que possuem interfaces com as Ciências do Esporte, como a sociologia, história e educação, cujo objetivo permanece sendo mesmo, estudar o impacto do

esporte e do exercício físico em crianças, jovens, adultos e idosos, considerando sua experiência vivida articulada com a cultura e tudo o que está relacionado com o desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Sendo assim, os pesquisadores da Psicologia do Esporte adotam uma abordagem teórica e utilizam diferentes instrumentos de modo a fornecer informações que comprovem os construtos desenvolvidos. Isto gerou a construção de um número considerável de instrumentos e escalas, como os encontrados em Ostrow (2002), que permitem adquirir informações sobre como diferentes aspectos interferem na motivação de atletas e equipes esportivas, e conseqüentemente no desempenho. Estabeleceu-se uma cultura verificacionista que associada a uma visão objetivista sobre os estados emocionais proporcionou a realização de estudos que compreendem o sujeito dicotomicamente, levando a Psicologia do Esporte a desconsiderar o sujeito em sua multiplicidade e complexidade, assim como os contextos em que as atividades esportivas são desenvolvidas. O estudo das funções do modo como vem sendo realizado não permite enxergar o sistema em que ela são geradas, nem de analisar a relação entre a pluralidade de emoções expressas pelo sujeito. O processo de subjetivação que o sujeito faz a partir de tudo e todos a sua volta, inclusive sua participação em outros espaços sociais, deve ser estudado como um processo único de produção de sentidos subjetivos.

As pesquisas tem tido a tendência de analisar a relação entre técnicos e atletas baseadas em informações adquiridas a partir desses instrumentos, sem que se considere o processo de subjetivação do sujeito nos diferentes espaços sociais que participa. O sentido subjetivo é flexível e passível de mudanças ao longo do tempo, de personalidade e de influencias atléticas e pessoais.

O estudo sobre a relação entre técnicos e atletas não é um assunto novo na Psicologia do Esporte, e seu interesse se justifica pelos problemas enfrentados por todos os protagonistas do esporte competitivo. Simões, Hata e Rúbio afirmam que:

os problemas sócio-interativos, psicológicos, ideológicos e políticos se configuram como manifestações interligadas à valorização e à legitimidade dos indivíduos em pertencer à uma equipe esportiva – manifestações que podem influenciar decisivamente a capacidade de rendimento e de relacionamento vivenciado por técnicos e atletas (Simões, Hata e Rúbio, 1998 p.115)

Esses autores consideram ainda que a complexidade dos problemas existentes em equipes esportivas cresce na medida em que se levem em conta os interesses institucionais, grupais e pessoais, que permanecem constantemente em mudança devido à procura por reconhecimento social.

Julgamos importante analisar, primeiramente, o alto-rendimento e sua relação com a sociedade. Na competição esportiva, o alto-rendimento é um espaço de estudo da Ciência do Desporto que cria métodos e meios para tornar atletas e equipes eficientes e eficazes física e motoramente. Na busca por melhores resultados, a preparação física, tática, técnica, e psicológica tem contribuído significativamente para a melhora do desempenho esportivo, e assim, no descobrimento de novos limites físicos.

Contudo, a ênfase dada à competição não se restringe ao espaço esportivo, pelo contrário, é uma característica da sociedade contemporânea, na qual o indivíduo procura se desenvolver em todos os aspectos de sua vida, seja profissional, ou pessoal. A competição pode contribuir significativamente para o desenvolvimento do auto-conhecimento, da cooperação, da responsabilidade individual, da aquisição de novas habilidades, assim como da auto-superação,

gerando indivíduos confiantes, pró-ativos, que buscam novos desafios. Entretanto, a valorização predominantemente quantitativa, que embora gere a criação de novos meios de alcançar melhores resultados rapidamente, gerou também o distanciamento inter-pessoal. A competição pode ser fonte de outros muitos estados subjetivos, e por si mesma não representa nada, pois as condições em que seu sentido subjetivo aparece é que definirão seu valor sobre os efeitos da produção de subjetividade.

O planejamento para a competição leva em conta os aspectos técnico, tático, físico e psicológico, que são realizados de forma conjunta para que se possa atingir determinados níveis de desempenho (Samulski, 2002; Machado, 2006; Weinberg e Gould, 1999; Buceta, 1998). Em cada período do treinamento, exige-se do atleta um determinado desempenho esportivo, que deve ser alcançado em um determinado espaço de tempo, principalmente segundo um calendário de competições definido por federações estaduais, confederações nacionais, ou por alguma entidade oficial internacional. Procura-se desenvolver o organismo do atleta de modo que o ápice de seu desempenho fisiológico, tático, técnico e psicológico seja alcançado no período competitivo.

A preparação psicológica do atleta nos treinos é realizada com objetivo de atingir um resultado esportiva ótimo na competição, e os estudos desenvolvidos pela Psicologia do Esporte se restringem ao desenvolvimento do atleta no ambiente esportivo, avaliando as diferentes fontes de aumento ou diminuição de desempenho e desconsiderando, portanto, a complexidade do processo psicológico.

Dentre as dissertações e teses desenvolvidas no Brasil destacam-se diferentes análises sobre diversos aspectos relacionados ao desempenho de atletas

e equipes esportivas. Machado (2002) utilizou a “Escala de Dimensões Causais” (CDSIIp) para estudar os fatores atribuídos por atletas e treinadores ao sucesso - definido pelo autor como a vitória - e ao insucesso - considerado como a derrota - em competições de basquetebol. Esse estudo concluiu, que diferentes fatores como superioridade técnica, tática de jogo, vontade de vencer, persistência, experiência, falta de treinamento adequado, falta de apoio das entidades esportivas, ansiedade, inexperiência, precipitação, união, determinação, entrosamento e nervosismo são importantes para o desempenho esportivo. Também ressaltou que o técnico deve permanecer próximo aos atletas, observando as características individuais, reconhecendo as dificuldades individuais, utilizando essas informações nas orientações dos atletas. Essa teoria preconiza que os indivíduos organizam suas atribuições em três dimensões: casualidade (interna ou externa), estabilidade e controlabilidade. Nos estudos realizados na área das atribuições, podem ser encontrados métodos referentes às suas dimensões, à globalidade, à intencionalidade e à escolha, além de traços e estados. Nesse tipo de análise, não se costuma utilizar o método qualitativo, pois as respostas obtidas de forma “pura” são consideradas suficientes (Biddle e Hanrahan, 1998).

Outro estudo que ressalta a importância da aproximação entre técnico e atleta foi realizado por Arantes (2002), que afirma que o técnico é o principal responsável pela motivação dos atletas. Contudo, Figueiredo (2002) afirma que a falta de comunicação nos treinos, suporte nos erros e reconhecimento após a boa jogada são avaliados por atletas como principais causas da diminuição de desempenho esportivo. Sobre essa questão ainda encontra-se o trabalho de Epiphânio (2001), que concluiu que a cobrança excessiva pelo rendimento contribui para uma redução

do prazer pela prática esportiva, principalmente daqueles que estão iniciando, levando-os a desistir da modalidade ou do esporte. Essa autora afirma que a prática esportiva deve facilitar os relacionamentos interpessoais; contudo, julgamos que as pesquisas desconsideram a complexidade existente quanto a essa relação, quando se fragmentam as informações.

Marques (2000), ao pesquisar a avaliação de atletas juvenis sobre a importância da psicologia do esporte, revelou que os atletas têm conhecimento dos benefícios que a Psicologia pode proporcionar; mas que os psicólogos têm trabalhado mais para o rendimento esportivo e menos para o desenvolvimento humano, além de se fazer o uso inadequado da Psicologia do Esporte, prejudicando valores pessoais. Esta é uma informação importante, pois coloca em discussão a necessidade de se pensar em novas alternativas metodológicas. Entretanto, ao invés de se realizar uma análise epistemológica sobre a pesquisa, procuram-se outras fontes de análise, como é o caso de Pussield (1999), que também estudou a motivação de atletas relacionada ao rendimento esportivo, mas procurando os motivos que levam os atletas ao abandono (*drop-out*). Esse autor analisou a motivação, mas separadamente, em momentos diferentes: antes, durante e após o treinamento. Julgamos no entanto que o problema desse tipo de pesquisa é a falta de unidade do ser humano, e a desconsideração da complexidade emocional produzida pelo indivíduo.

Outros estudos têm se preocupado em avaliar os traços de personalidade, como o realizado por Almeida (1997), que utilizou o Teste PMK, revelando traços de personalidade, tanto constitucional como reacional para verificar se a prática esportiva contribui para mudanças de comportamento.

As pesquisas realizadas com equipes esportivas utilizam também o teste sociométrico como é o caso de Rúbio (1998), e Simões, Hata e Rúbio (1998). Eles analisam os vínculos sócio-afetivos nas equipes esportivas, onde a convivência e o estreitamento de relações são condições importantes na escolha de líderes na equipe, além de influenciar na vida pessoal e profissional do atleta. Essa conclusão é importante, pois relaciona o espaço social esportivo e pessoal do atleta com o do técnico e sua integração com o desempenho esportivo.

O que não se conseguiu determinar até o momento é o desgaste emocional e cognitivo em cada uma destas diferentes fases no mesmo indivíduo e de um indivíduo para outro (ou de equipe para equipe). A pesquisa nesse sentido tem buscado como base de análise questionários e escalas que, por sua vez, são construídas a partir de construtos, que costumam elaborar e explicar a realidade a partir de sua visão e portanto adaptando-a ao método e interpretando-a pela teoria.

Vale lembrar que a busca por resultados influencia consideravelmente na escolha dos meios e métodos a serem seguidos. Não somente a mídia exerce uma forte pressão sobre técnicos e atletas; a própria cultura da busca do prazer e rendimento máximos e da quebra de recordes leva à utilização de métodos e meios que tragam resultados em curto prazo, ainda que sejam prejudiciais à saúde e, em determinados momentos, à própria vida.

As equipes esportivas trabalham constantemente com metas, em que vencer uma competição ou um campeonato são os objetivos principais no desenvolvimento da periodização (Weinberg, Butt e Knight, 2001). Os adeptos dessa forma de trabalho afirmam que o estabelecimento de objetivos a curto médio e longo prazo podem ser utilizados para diminuir certas emoções como ansiedade, ou processos

de stress. Esses autores afirmam que embora existam evidências sobre os benefícios das metas em indústrias e empresas, as conclusões sobre sua aplicação no esporte e no exercício não apresentam a mesma consistência, por falharem em organizar grupos baseados em *baseline performance* [desempenho básico]; determinar metas com grupos de controle; competição entre grupos de metas; participantes altamente motivados em condições de controle; falta de consideração dos tipos de tarefas; e falta de medição sobre as metas pessoais.

O reconhecimento social somente é conseguido se o atleta ou a equipe vence uma competição ou um campeonato; o sucesso permite até mesmo o desenvolvimento do “espírito de equipe”, o que não ocorre quando a derrota foi o resultado do desempenho, que desencadeia relações de conflito (Simões, Hata e Rúbio, 1998).

A mesma perda do “espírito de equipe” pode ocorrer quando um atleta não atinge determinadas performances em treinos e competições, independentemente se sua gênese for pessoal ou profissional. No ambiente competitivo, onde o valor da vitória é medido socialmente como a superação do adversário quase a qualquer custo, as derrotas são compreendidas como fracasso tanto profissional quanto pessoal, desconsiderando todo o processo pelo qual o atleta passou. O estudo dos mínimos detalhes, sejam eles físicos ou psicológicos, levou ao desenvolvimento de instrumentos que fornecessem dados cujo valor somente podia ser avaliado por seu nível de precisão, o que proporcionaria ao atleta ou a equipe uma vantagem sobre seus adversários. O aumento crescente do nível de importância dos detalhes levou a uma constante construção de instrumentos para aferir partes do comportamento humano e por conseguinte a uma perda do nível de percepção da complexidade nas

relações. A “desconstrução” do sujeito, para posteriormente se re-construírem suas relações teve como consequência a perda da interpretação do conjunto. É refletindo sobre a complexidade destas relações que Valdés e Brandão (2005) apresentam a subjetividade da pessoa como um caminho para estudos e pesquisas na Psicologia do Esporte e da Atividade Física.

A cultura verificacionista predominante, que tem sua fundamentação histórica no pensamento positivista, tem contribuído significativamente para a estagnação de novas propostas metodológicas que poderiam fornecer novas explicações sobre a complexidade das relações humanas (González Rey, 2003). Isso gerou formas de intervenção adotadas pela Psicologia do Esporte criticadas por Valdés e Brandão (2005), que consideram a descontextualização por parte dos profissionais que adotam estes procedimentos. Esses autores afirmam que o reducionismo de certas formas de análises pode levar o psicólogo a adotar discursos que não estão de acordo com as demandas do esporte, como por exemplo a utilização adaptada de instrumentos clínicos. Outras formas de intervenção são apontadas pelos autores como: os treinamentos mentais através de visualização, imaginação e relaxamento para que se consiga desenvolver os sentidos, percepções, concentração, atenção, e níveis de ativação e controle emocional (a exemplo da ansiedade). Este modelo utiliza técnicas ligadas à psicologia cognitiva e mescla tradições orientais de forma a adaptá-las ao esporte. Mas problema é a desconsideração do processo cultural em que elas foram criadas e dos diferentes objetivos que são determinados pelo ambiente esportivo.

Para Silva III e Stevens (2002), os estudos têm apontado diversas lacunas nos métodos de intervenção psicológicas que ainda necessitam de pesquisa e

métodos de controle mais sofisticados, para que seja realmente comprovado cientificamente. A soma dos resultados, da análise dos procedimentos e das observações durante as pesquisas não conseguiu afirmar com certeza se o aumento do desempenho foi em decorrência da intervenção, ou de um processo normal de desenvolvimento do sujeito durante o treinamento.

Para que se torne clara a forma como os psicólogos esportivos têm procurado desenvolver seus métodos de intervenção. Silva III e Stevens (2002) apresentam um programa de intervenção dividido em quatro fases: psicodiagnóstico, fase de educação, fase de aplicação prática e fase de avaliação e ajuste. A fase inicial tem como objetivo adquirir o máximo de informações sobre o atleta, como: o nível de habilidade técnica, experiências passadas, interação com os membros da equipe, sintomas e sinais que possam auxiliar a identificar possíveis áreas com problemas. Nesta primeira fase os métodos apontados pelos autores como mais eficazes são: entrevistas estruturadas, testes, e histórico atlético ou de desempenho, que serve como parâmetro para identificar o melhor método de intervenção. As entrevistas estruturadas e semi-estruturadas são utilizadas no sentido de reunir informações sobre as experiências do atleta, como: identificação e descrição do problema do atleta, descrição das experiências atléticas, suporte social, saúde, problemas ou mudanças. Os testes são usados para mensurar o comportamento com base em teorias e construtos de base comportamental definidas por análises estatísticas. Os traços que os testes se propõem a medir podem ser analisados de forma a quantificá-los em diversos níveis. Entretanto, esses testes possuem a desvantagem de promover uma interpretação unidimensional, sob o ponto de vista de uma teoria

cercada de variáveis determinadas por essa mesma teoria. Esse problema pode ser amenizado pelo psicólogo do esporte através da conscientização desses limites.

Os autores apontam três fundamentações para o desenvolvimento destas habilidades: psicofisiológica, comportamental e cognitiva-comportamental. A intervenção psicofisiológica está baseada no controle dos sistemas fisiológicos e conseqüentemente do desempenho. Blumenstein, Bar-Eli e Tenenbaum (2002) apresentam o *biofeedback* como um método em que o atleta procura controlar, por exemplo, seus batimentos cardíacos, respiração, contração muscular e as atividades cerebrais. Em uma competição de tiro ao alvo, o atleta necessita manter-se o mais estático possível por um período de tempo para mirar, pois até mesmo um batimento do coração pode acarretar mudança de elevação da arma e conseqüentemente um tiro com menor precisão. Se esse atleta controlar seus batimentos cardíacos poderá conseguir um tempo maior sem respirar e um intervalo maior entre um batimento cardíaco e outro, e portanto uma maior precisão em seu tiro. O controle do nível de ativação também pode ser realizado, segundo eles, pelo relaxamento através da respiração e da concentração. O relaxamento pode ser utilizado em diferentes momentos: após treinos exaustivos em que o atleta está cansado e confuso devido ao elevado nível de atividade cerebral, e em momentos em que seu nível de ativação em treinos e competições está acima do ideal para aquele atleta especificamente.

Esses métodos são eficientes e eficazes quando se trata de um espaço curto de tempo, em que o atleta pode aplicar o que aprendeu de forma rápida. Mas o problema é a interpretação dos problemas causadores de stress, ou ansiedade. E mais: as emoções estão relacionadas com a produção de sentidos do atleta, que

não estão vinculados apenas com o momento esportivo, mas também com sua participação em outros momentos que não o esportivo.

A teoria comportamental é a mais utilizada pelos técnicos esportivos no desenvolvimento de suas atividades, e tem predominado ainda hoje nos treinos esportivos como forma de melhoramento do desempenho motor. A intervenção por meio de uma fundamentação comportamental pode ser encontrada nos estudos realizados por Martin (2001). Essa forma de intervenção é a manipulação do ambiente externo, em que se utiliza o reforço e a punição para controlar os gestos motores, tanto em modalidades esportivas individuais quanto em equipes.

Buceta (1998) utiliza diversas formas de avaliação de forma contínua ao longo do processo de treinamento de atletas de basquetebol, inserindo dessa forma um planejamento de intervenção psicológica na periodização de treinamento técnico e tático da equipe. Também se utiliza o estabelecimento de regras com o objetivo de organizar, estimular, controlar, e desenvolver a performance grupal, mas sempre buscando controlar o comportamento por meio do reforço e da punição. Um exemplo disso são as regras de conduta com relação aos horários de chegada. O atleta que não chegar no horário determinado deverá permanecer durante um período mais longo para treinar. O problema do referencial comportamental é que se desconsideram as formas complexas em que esses comportamentos, aparentemente simples, podem-se organizar em alguns atletas. Assim, por exemplo, o atraso de um atleta no treino pode estar envolvendo uma tensão entre ele e o técnico.

Outra forma de intervenção apresentada por Silva III e Stevens (2002) é baseada nas teorias cognitivas da Psicologia. Enquanto as intervenções baseadas

na psicofisiologia e na manipulação do comportamento ignoram os processos internos do sujeito, as cognitivas as consideram como principal foco de interpretação e mudança. As crenças dos atletas com relação ao seu nível de desempenho bem como a elaboração do raciocínio para explicar seu comportamento no jogo são observadas, avaliadas e interpretadas pelo psicólogo esportivo. Os sentimentos que perpassam o atleta em diferentes momentos e o significado dessas situações devem ser estudados para que se entenda seu comportamento. A intervenção deve ser realizada de forma que o sujeito consiga entender o significado e crenças que possui com relação a alguém ou a alguma situação, e a partir desta desconstrução o sujeito re-elabore suas crenças e pensamentos de forma que seu desempenho melhore. Essa versão apresenta um problema já mencionado anteriormente: ela deixa de fora elementos psicológicos do processo que não se expressam na cognição.

Tanto os estudos quanto as formas de intervenção apresentadas afirmam, que a interdependência de atleta – técnico, atleta – atleta, técnico – equipe, equipe – atleta, são importantes para um bom desempenho esportivo. Mas as pesquisas centram-se em estudar unidimensionalmente essa relação, ou consideram o ambiente esportivo como único espaço social que influencia no desempenho, ou ainda, quando tratam outros espaços sociais, como por exemplo o familiar, os relacionam diretamente com o desempenho esportivo, desconsiderando a complexidade envolvida na subjetividade.

A Psicologia do Esporte e o Técnico Esportivo

A equipe de trabalho, independentemente da profissão, necessita de um líder que se responsabilize pelo desenvolvimento de metas e objetivos, bem como pelo

processo que a levará a tais objetivos. Ele avalia quais são os recursos disponíveis para a realização das tarefas necessárias e a distribuição dessas tarefas a cada integrante da equipe com base na avaliação das competências e habilidades necessárias para realizá-las. Ele também deve ser uma pessoa que visualize um plano de ação para o cumprimento de todas as etapas, desde seu início até sua finalização. O técnico esportivo deve ser esse líder. Nele é depositada a confiança e a inspiração de seus liderados, que avaliam suas decisões, comportamentos e atitudes em todos os momentos.

Os estudiosos definem a liderança da técnica de diferentes maneiras. Samulski (2002) e Silva III e Stevens (2002) distinguem três modos de um indivíduo assumir a posição de líder, que são:

- a) por relações afetivas, isto é, o líder é respeitado e escolhido pelo grupo devido ao nível de afetividade existente entre eles;
- b) pela estrutura da tarefa, cuja situação e objetivos lhe são favoráveis;
- c) pela posição de poder, na medida em que ele possui o controle sobre premiações e limites da equipe.

Simões (1994) considera que um técnico deve entender como o desempenho físico individual se desenvolve de acordo com a situação, posição e forma, além de compreender os tipos emocionais específicos que compõem a equipe, para que consiga criar a melhor tática de acordo com a sua dinâmica. Chelladurai e Riemer (1998) definem liderança como um conjunto de comportamentos e atitudes que influenciam um indivíduo, ou um grupo, direcionando a um objetivo. Estes autores realizaram uma revisão de literatura sobre como as características de um técnico

interagem com um atleta, desencadeando uma seqüência de respostas. Machado (2006) observa que o esporte é propício a apresentar diferentes tipos de tensões e emoções, pois a diversidade de participantes do ambiente esportivo é suficiente para que torne complexa a escolha de ação do professor ou da técnica, e como o comportamento do atleta pode ser modificado por essas ações. Nas relações sociais entre técnico – atleta – equipe – instituição, há normas de condutas que norteiam tanto o indivíduo quanto o coletivo, os quais são influenciados pela cultura vigente.

Embora os autores acima estabeleçam uma distinção entre os técnicos autoritários e técnicos democráticos, a interação da equipe em treinos e competições e as diferentes situações carregadas com tensões emocionais podem gerar espaços de sentidos que irão influenciar o desempenho de atletas e até mesmo de torcidas. Se para Samulski (2002) existem diversas definições de liderança como a capacidade que o sujeito tem de influenciar um outro, promovendo a busca de um objetivo em comum em um determinado momento, é preciso se perguntar como o técnico compreende suas necessidades e como isto se articula com as necessidades do atleta.

Rúbio (2006) entrevistou atletas Olímpicos brasileiros, buscando estudar o imaginário esportivo na sociedade brasileira. Alguns relatos de atletas presentes nessa pesquisa oferecem informações significativas sobre sua relação com seu técnico durante a carreira. No relato do atleta Vicente Lenílson encontramos a seguinte frase:

O coordenador me comprou no escuro ... quando ele me viu ele falou assim: Eu investi errado ... Você é um atleta que eu achei que era de uma forma física, mas você não vai virar nada. Eu tava chegando para morar com o cara. Olha a humilhação. (Rúbio, 2006 p. 151).

A autora qualifica como fundamental a relação técnico-atleta para o desenvolvimento do atleta. No seu exemplo, cita um deles, Vicente Lenílson, que, tendo treinado durante um ano sem receber salário ou tratamento justo, passou a desconfiar de todo e qualquer técnico. Como argumento para essa afirmação, a autora cita outra fala do mesmo atleta, quando ele relata um encontro com outro técnico. Este técnico disse:

Vicente, você quer ser um campeão de verdade? Eu acho que você é o único atleta do Brasil que pode correr abaixo dos 10. Isso é mérito teu porque você é forte, tem força, é rápido, é descontraído, você é metido ... Se você quiser treinar comigo vem morar em Natal ... (fala para o técnico) Para você me fazer campeão você precisa ter paciência ... você não pode ser grosso ... você me respeita e te respeito ... treinei quatro anos com ele. Nesse quatro anos ele me fez o atleta que eu sou hoje. (Rúbio, 2006 p. 154).

As informações obtidas dessas histórias são importantes para nosso estudo por dois motivos principais. Primeiramente, porque ressaltam a importância da relação técnico-atleta, na medida em que o atleta julga os valores apresentados pelo técnico, mediante a observação de sua atitude, nos diferentes momentos de treinamento. Em segundo lugar, porque diz respeito ao nosso estudo, que procura compreender a forma como a subjetividade individual (atleta) e grupal (atleta e técnico) se relacionam, formando um processo de produção simbólica que altera a subjetividade do atleta em outros espaços sociais além do esportivo.

Machado (1997, p.73) afirma que as dificuldades no relacionamento interpessoal entre atleta(s) e técnico são variadas, dependendo do grau de *anseios e desejos que podem ou não ser semelhantes. As necessidades podem não ser necessariamente iguais ou próximas, porém cabe ao técnico saber e aprender a lidar com estes valores.* Sobre isso, ainda, observa-se que:

a diversificação de valores e necessidades individuais, quando submetidos a um esforço coletivo, constituem, às vezes, num obstáculo a ponto de impedir que os indivíduos – membros aproveitem todas as suas potencialidades, chegando a dificultar a atuação dos companheiros e dos técnicos. (Simões, Rodrigues e Carvalho, 1998 p. 137)

O técnico deve ser um indivíduo respeitado, pelo atleta e pela equipe, por sua capacidade de resolver problemas considerando valores éticos e morais, desenvolvendo um ambiente de cooperação. Segundo Simões, Hata e Rúbio (1998, p. 115), *a coerência orgânica e funcional que une indivíduo – equipe – indivíduo depende decisivamente do intercâmbio de comportamento mantido entre eles.* Esses autores afirmam ainda que as diferenças entre cada equipe podem ser compreendidas com base em sua análise como um micro-sistema social de rendimento. O equilíbrio e o desequilíbrio da capacidade de produtividade técnico – tático, bem como o intercâmbio de comportamento vivenciados pelos indivíduos, podem ser determinados pelo desempenho dos líderes frente a seus companheiros (Simões, Hata e Rúbio, 1998, p. 116).

Contudo, a complexidade dessas relações sociais não se limita aos protagonistas, mas considera também participantes indiretos do ambiente esportivo: familiares, mídia, adversários e fãs, como enfatizam Machado, Marchese e Calabresi (2000). Nos estudos em geral sobre essa questão, os participantes indiretos foram divididos em grupos, que se diferenciam pelo vínculo emocional que possuem com o esportista, procurando identificar não apenas os diferentes graus de estreitamento dessas relações sociais, mas também como elas interferem no rendimento esportivo. Por isso, são estudados pai, mãe e cônjuges, separadamente dos (tele)espectadores e da torcida organizada, entre outros. Embora não tenhamos encontrado estudos sobre o assunto, consideramos importante ressaltar a interação

cada vez mais intensa entre os participantes indiretos, que podem se expressar constantemente através de diferentes meios de comunicação via internet, como o as comunidades do *orkut*, sites, ou o *messenger*, onde as discussões levam a alterações de conduta em diferentes espaços, por exemplo nas arquibancadas, as quais alcançam atletas e técnicos em forma de cobranças, influenciando o desempenho da equipe.

Já a família do atleta pode considerar o técnico como um adversário afetivo, ou como uma pessoa confiável um modelo a ser seguido pelo filho ou filha. Jowett e Timson-Katchis (2005), afirmam que o estudo da tríade atleta– técnico–pais fornece informações importantes sobre como essa rede de relações sociais auxilia no suporte emocional e material para o desenvolvimento do atleta. Nessa pesquisa, foram estudadas 5 tríades na modalidade de natação na Grécia, buscando compreender de que modo os pais influenciavam no comprometimento, proximidade e complementaridade (definido pelos autores como os três C's) na relação entre atleta/criança e o técnico. Embora suas conclusões apontem para a interdependência entre atletas e técnicos no que diz respeito a questões como confiança, respeito e crença, comprometimento (dedicação, sacrifício e satisfação) e complementaridade (cooperação, *support roles* [papéis de apoio], tarefas complementares), e o fato de os pais se organizarem de modo a facilitar o desenvolvimento dessa relação, o estudo não apresentou mais informações sobre como se produz a subjetividade do atleta e do técnico.

Para atingir um determinado desempenho, a equipe necessita desenvolver mecanismos que permitam suportar as pressões exercidas pelas instituições esportivas, pelos patrocinadores e participantes indiretos, e que,

concomitantemente, promovam o compromisso entre seus integrantes. Simões, Rodrigues e Carvalho (1998) complementam essa observação, afirmando que:

O comportamento de técnico e atleta está sujeito a certas exigências coletivas, supra-individuais em maior ou menor grau de relacionamentos interpessoais, de forma que a ideologia de liderança implementada por qualquer profissional do esporte está vinculada a certas regras, explícitas ou implícitas, que definem os direitos e obrigações de cada indivíduo em relação aos demais. (Rodrigues e Carvalho, 1998 p. 137)

O técnico, enfim, deve ser um formador de equipes, responsável por motivar, assegurar o cumprimento de normas de conduta, regras, determinando punições e recompensas, promovendo um clima de solidariedade, mas sempre com objetivos bem claros e definidos. Sua postura diante da diversidade de situações é avaliada diariamente tanto por seus atletas, como pela mídia, o que pode causar stress, insegurança, e mudanças de comportamento. Nesse sentido, ele precisa ser capaz de criar etapas intermediárias de desenvolvimento da equipe, facilitando o sucesso coletivo.

Para Simões, Rodrigues e Carvalho (1998), as equipes, instituições e membros da equipe esportiva formam uma estrutura social e funcional, cujos valores representam algo maior que elas próprias. É a partir dessa análise, que patrocinadores se associam publicamente as equipes para promover seu nome. Quanto ao técnico, eles fazem uma distinção entre a ideologia de liderança (definida como o “Ideal próprio” dos técnicos sobre seu comportamento) e a percepção desse comportamento pela equipe (“Real equipe”). Os estudos realizados por eles demonstrou que, dentro das equipes, técnicos e atletas avaliavam de formas opostas a “performance” de conduta pessoal empregada pelos técnicos. Enquanto que para o técnico sua liderança estava associada a um desempenho em torno das relações sociais, execução de tarefas e integração do grupo, os atletas avaliavam

sua liderança como autoritária, principalmente com relação ao cumprimento de tarefas. Para nós, o importante é a subjetividade individual e a análise de sua relação com a subjetividade grupal de forma global, não fragmentada.

Sobre os atletas, Samulski (2002) observa que eles se caracterizam pela posse de metas mais realistas e exigentes, por serem organizados e disciplinados. A prática do esporte pode lhes proporcionar o desenvolvimento de capacidades elevadas de comunicação social, liderança, auto-confiança, resistência psíquica, auto-domínio, otimismo e controle emocional, habilidades que podem ajudar os atletas de alto rendimento durante a fase de transição de carreira, principalmente em sua escolha profissional Ruete (2004). Porém sentimentos como ansiedade, medo de fracasso, tendência a atitudes depressivas, sensibilidade exagerada ao insucesso ou a crítica, também são verificadas nos atletas de alto-rendimento.

Com relação aos fatores situacionais que influenciam a dinâmica grupal, Chelladurai e Riemer apontaram como fatores o tipo de jogo, nível de competitividade, treino *versus* jogo, antecedentes de vitórias e derrotas, resultados recentes de treinos e jogos e interação da equipe. Todos estes componentes se interrelacionam para formar e transformar o comportamento do técnico, considerando a resposta do comportamento dos jogadores (Chelladurai e Riemer, 1998). O comportamento requerido do líder em determinada situação e o que ele prefere são influenciados pelas características da situação e dos membros da equipe. Com base na teoria desenvolvida por esses autores, a liberdade de participação da equipe nas decisões depende de diversos fatores: tempo, importância da qualidade de decisão, se o técnico possui um alto grau de informação e conhecimento necessários, complexidade do problema, aceitação da

decisão pela equipe, poder do técnico em influenciar a equipe (conscientização, integração, orientação) para uma participação mais efetiva.

Nessas análises, é preciso que se leve em consideração o processo de produção de sentidos subjetivos de cada integrante. A intenção do técnico é produto de sua subjetividade, e o que ele espera dos atletas é que compreendam essa intenção e sigam suas decisões, como se isso fosse o suficiente. Entretanto, o atleta compreende parte dessa intenção do técnico, pois sua interpretação da decisão se organiza com base em sua própria subjetividade. O problema é que os estudos têm abordado cada um desses aspectos separadamente, perdendo-se assim a visão do todo. Além disso, nesse tipo de abordagem, os atletas não se dão a conhecer.

As pesquisas, como indica esta breve revisão de literatura sobre técnicos e formas de intervenção de psicólogos esportivos, proporcionaram algumas conclusões, que serviram de diretrizes para o estabelecimento dos objetivos deste estudo.

A Subjetividade numa Proposta Histórico-cultural: seu significado para o campo do esportivo

Conceituando a Subjetividade

No conjunto global de todas estas mudanças González Rey iniciou sua análise da construção dos sentidos, termo apresentado no final do trabalho de Vigotsky (2003) intitulado Pensamento e Linguagem.

A partir de um enfoque histórico-cultural, González Rey procura explicar os pensamentos e comportamentos existentes considerando a história do sujeito, e a subjetivação de suas experiências, onde toda atividade que participa é uma produção subjetiva complexa que expressa tanto as características culturais, sociais, econômicas e políticas de uma população, as quais vão se expressar de uma forma particular tanto na subjetividade social quanto a individual. Segundo Mítjans Martínez (2005), o autor rompe com as “dicotomias individual-social, interno-externo, intra-subjetivo – inter-subjetivo, articulando, dialeticamente, ambos os pólos, e expressando seu caráter contraditório, complementar e recursivo” (p. 16).

As subjetividades social e individual são, então, níveis diferentes de um mesmo processo, que se articulam de forma que as alterações que ocorrem com uma proporcionam simultaneamente outras tantas na outra. Nenhuma influência objetiva torna-se subjetiva de forma imediata e linear. Qualquer experiência somente se torna subjetiva dentro das configurações subjetivas atuais do sujeito. Sendo assim, a produção de sentido subjetivo é caracterizada em diferentes espaços sociais em que o sujeito é constituinte e constituído.

Para González Rey (2003) os estudos na Psicologia deixaram de considerar a interpretação subjetiva do sujeito quanto à construção do significado de todo um processo de relações sociais que ele estabelece com o mundo ao longo de sua vida, dando lugar ao desenvolvimento de análises que consideram o processo psíquico como internalização de estímulos externos. Sob o enfoque da subjetividade deste autor, a psique não é nem reflexo do externo, nem causa do comportamento como outras teorias da formação da personalidade preconizam. A subjetividade é entendida como um sistema de sentidos que possui um caráter gerador: o mundo

externo aparece como sentido subjetivo, que integra a configuração subjetiva atual do sujeito no espaço de sua atuação e com o que está acontecendo nesse espaço. É dessa relação que surgirá o sentido de qualquer experiência humana:

Na minha opinião, trata-se de compreender que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade. (González Rey, 2003, p. 78)

Essa questão é posta em termos semelhantes por Tacca (2005), que baseados nos trabalhos do autor, destaca que as diferentes experiências do qual o sujeito participa é entendido como um resultado *que aparece a partir de uma reorganização, orientada pelo sujeito que integra dialeticamente o interno e o externo, em uma nova dimensão subjetiva que também é ou se converte em social* (p. 217). Nessa forma de interpretação do sujeito, considera-se o sentido que se produz no curso da ação onde ele se constitui e ao mesmo tempo é constituinte. A palavra sentido subjetivo define a forma em que uma experiência se constitui emocional e simbolicamente no sujeito. Os sentidos subjetivos estão conectados a outros espaços de sentido formando uma rede de configurações subjetivas.

A expressão *produção de sentidos* também é utilizada por outros autores, que buscam entender de que forma são construídos pelo sujeito, sendo que a diferença entre eles e González Rey está na definição do que é o sentido (Elliot, 1996; Castoriadis, 1982, Spink, 2004).

Spink analisa os discursos em seus estudos, situando a *produção de sentidos como forma de conhecimento que se afilia a perspectiva construcionista e situar as práticas discursivas dentre as várias correntes voltadas ao estudo da linguagem.* (Spink, 2004: p.17)

Já para Mítjans Martínez (2005), uma das principais confusões derivadas da utilização da categoria subjetividade no senso comum, é a sua utilização como sinônimo do psicológico, o que gerou a perda do seu valor heurístico para a compreensão das formas qualitativamente diferentes em que o psicológico aparece no homem, diferentemente de outras espécies do mundo animal (p. 18). O termo subjetividade implica a compreensão do psicológico humano como o processo de construção de sentido e de significação, onde, então, trata de apontar para a complexidade, para o caráter multidimensional, recursivo e contraditório com que os sentidos são concebidos.

A produção do sentido subjetivo é complexa, pois não se trata apenas de reagir a um ambiente em uma determinada situação, mas de uma complexa organização simbólico-emocional que está além da consciência e das representações atuais do sujeito. Sendo assim, o sentido subjetivo não é construído, mas produzido pelo sujeito, e constitui uma “carga” emocional, que perpassada de processos simbólicos de diferentes ordens que constitui o sentido subjetivo.

A forma de expressão e a intensidade emocional que o sujeito apresenta são individuais e únicas, pois a produção de sentido subjetivo é um processo que está em permanente mudança, e por isso difícil de mensurar. Se assim é, o papel do pesquisador na interpretação das informações adquiridas a partir de diferentes meios será uma construção única e singular, que tem a significação geral apenas no modelo teórico definido fora da pesquisa. Pela exploração do momento empírico e seu contato com os sujeitos, o pesquisador procurará diferentes formas de alcançar os aspectos que norteiam a construção de sentidos subjetivos do sujeito e buscar

articulações entre estas informações, criando núcleos de sentidos subjetivos que permitem visualizar as configurações subjetivas.

Todas estas articulações fazem parte de um processo de interação e integração da subjetividade, como afirma González Rey (2003) ao colocar o sujeito como constituído e constituinte da subjetividade. As zonas de sentido são definidas como espaços da realidade que, diante do desenvolvimento da teoria, se tornam inteligíveis (González Rey, 1997). Eles estão ocultos ao pesquisador até que sejam desvelados mediante a construção do conhecimento, permitindo uma elaboração teórica sobre o objeto de estudo. Sendo assim, em cada estudo poderemos encontrar uma nova construção teórica sobre um mesmo assunto, que desenvolverá novas zonas de sentido.

Ao entrar em uma zona de sentido o conhecimento se integra à realidade, modificando-se, o que aumenta sua sensibilidade e complexidade, para avançar em busca de novos espaços do real.

González Rey caracteriza o conceito de zona de sentido como:

...uma profunda significação epistemológica que confere valor ao conhecimento, não por sua correspondência linear e imediata com o "real", mas por sua capacidade de gerar campos de inteligibilidade que possibilitem tanto o surgimento de novas zonas de ação sobre a realidade, como novos caminhos de trânsito dentro dela através de nossas representações teóricas. (Gonzalez Rey, 2005 p. 6)

A partir da subjetividade desenvolveu-se o termo configuração subjetiva, em que este pode ser imaginado na forma de uma teia em que tudo e todos estão relacionados. O sentido subjetivo que se expressa na ação de um sujeito terá repercussões no sentido subjetivo que se gerar no nível grupal ou institucional, e vice versa. Essa configuração não pode ser definida como linear, pois o

desenvolvimento da subjetividade é flexível e está submetido de forma constante a desdobramentos imprevistos na relação do sujeito com os diferentes espaços de sua atividade (González Rey, 2003). Enfatizamos que a subjetividade não é uma expressão linear frente a um acontecimento, mas o resultado das múltiplas conseqüências da vida social do sujeito, tomada em toda a sua diversidade. Isso se faz imprescindível repensar o espaço do esporte como uma teia de sentido subjetivo de vida do atleta.

A Subjetividade e o Esporte

O significado do esporte para a sociedade mundial e seu impacto na vida da população tem sido estudado e debatido por pesquisadores de diferentes disciplinas que constituem a área da Ciências do Desporto, como a Educação Física, Sociologia, Psicologia, História, Educação, Medicina, Fisioterapia, entre outros. Cada uma dessas disciplinas tem contribuído para o desenvolvimento de métodos e meios que produzam resultados atléticos, expressos pelo controle motor de uma determinada técnica, ou o desempenho físico. Considerando como objetivo principal o desempenho esportivo, a Psicologia do Esporte tem procurado compreender a complexidade das relações humanas no contexto esportivo, o que envolve a análise dos participantes diretos e indiretos durante todo o processo de treinamento e competição. Entendemos como participantes diretos: atletas, árbitros, diretores de clubes, federações e equipe multidisciplinar (médicos, auxiliares, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, preparadores físicos) que estão sob a liderança do técnico esportivo. Participantes indiretos são cônjuges ou namorados (as), pais, (tele) espectadores, torcida organizada, jornalistas, patrocinadores, meios de

comunicação, fãs, entre outros que possam exercer alguma influência sobre o desempenho do atleta. A atividade esportiva configura um cenário de subjetividade social extremamente complexo, no qual se expressam tensões da sociedade que não aparecem em nenhuma outra atividade institucionalizada, e por conseguinte, constitui uma atividade particularmente propícia ao estudo das tensões, contradições e características da subjetividade social.

A relevância do esporte para cada um dos sujeitos nele envolvidos é produto de sua integração parcial com os outros no ambiente esportivo, e o sentido produzido em sua vida ao longo do processo de subjetivação nos diferentes momentos esportivos e pessoais de forma geral. Os participantes diretos do ambiente esportivo possuem tarefas e responsabilidades bem definidas, que *tendem a estabelecer determinados limites de espaço psicológico no qual irão trabalhar* afirmam Valdés e Brandão (2005: 348), principalmente no alto rendimento, em que o resultado é avaliado simplesmente pela vitória ou derrota em um campeonato ou torneio e pela recompensa financeira, que é proporcional ao nível do resultado alcançado.

Embora os participantes indiretos não sejam os protagonistas durante os treinos e competições, eles são fontes essenciais de desenvolvimento dos sentidos subjetivos enfrentados pelos sujeitos. Sendo assim, eles podem influenciar no desempenho esportivo de diferentes formas, que variam de acordo com seu papel ou função no ambiente esportivo ou de sua relação com algum membro da equipe, especialmente se for um atleta ou o técnico (Machado, 2006; Samulski, 2002). Não se pode minimizar o impacto de nenhum deles sobre o rendimento esportivo, seja do atleta ou da equipe. Se considerarmos a intensidade emocional existente entre o

atleta e um outro sujeito com que possui algum vínculo afetivo (familiar ou profissional), esta tensão emocional altera a subjetividade do atleta, mudando sua conduta e gerando modificações também na configuração subjetiva da equipe. As condutas de todos se alteram de acordo com as diferentes situações, e a maneira pela qual todos subjetivizam esse processo, seja individualmente ou em grupo, formando uma teia em que a menor “vibração” desencadeia um processo de modificação dos sentidos subjetivos individuais, que perpassa qualquer processo e seus múltiplos desdobramentos.

Acreditamos, que o estudo do processo de produção de sentidos subjetivo no esporte, fornecerá subsídios para que se compreenda a formação da subjetividade do ambiente esportivo, e auxiliará psicólogos e técnicos esportivos a entender a dimensão subjetiva da prática esportiva.

Em sua análise das contribuições do estudo da subjetividade para a Psicologia do Esporte feitas por González Rey, Valdés e Brandão (2005) apontam para as diferenças entre elas e os métodos comumente utilizados em Psicologia. Segundo eles, a definição de subjetividade de González Rey implica uma alteração dos métodos de análise escolhidos nas pesquisas, e das intervenções adotadas.

Argumentam esses autores, nesse sentido, que a os modelos adotados por psicólogos têm sido de elaboração de psicodiagnósticos, sem a realização de intervenções, ou de aplicação das formas tradicionais de intervenção em que o psicólogo adapta os instrumentos utilizados em ambientes clínicos, sociais ou educacionais ao ambiente esportivo, ou ainda através de métodos de treinamento de habilidades mentais que podem ser utilizados para diferentes objetivos como relaxamento e concentração.

As dificuldades encontradas com relação à utilização descontextualizada dos métodos de intervenção psicológica no esporte impedem a obtenção de resultados satisfatórios em diversas situações, de forma a contribuir com a melhora do desempenho esportivo (Valdés e Brandão, 2005:339). As causas apontadas por eles possuem diferentes fontes, como: psicodiagnósticos incompletos, intervenção inadequada, utilização de modelos teóricos psicológicos descontextualizados do esporte, e certas situações de não comprovação concreta de que os resultados obtidos sejam os responsáveis pela intervenção.

São esses os motivos, segundo eles, que têm alimentado tantas discussões entre psicólogos, treinadores, técnicos e clubes, e somente com a aproximação e a participação na vida atlética, é que o psicólogo compreenderá não apenas a *trama subjetiva de um atleta* e de sua equipe, mas também quais os momentos e os espaços adequados para realização de sua intervenção (Valdés e Brandão, 2005: 339). Tal avaliação, insistem, dependerá da consideração que se faz sobre a preparação do atleta como um todo, onde a preparação psicológica é constantemente articulada com ela, e não apenas um momento do treinamento.

Essa dificuldade encontrada com relação ao tempo de aproximação e continuidade do trabalho do psicólogo com o atleta ou equipe esportiva foi discutida por Lavalley e Wylleman (2000). Eles apontam para uma “cultura” entre os psicólogos esportivos norte-americanos de apenas serem chamados em “casos emergenciais”, ou se o atleta possui algum “problema” caracterizado como desequilíbrio emocional, ou dificuldade em concentrar-se em uma competição, ao passo que os psicólogos europeus possuem maior permanência com os atletas e equipes, auxiliando assim no processo de carreira do atleta como um todo (Lavalley

e Wylleman, 2000). Concordamos com estes autores, pois ao analisarmos o livro escrito por dois autores norte-americanos, Silva e Stevens (2002), que propõem formas de psicodiagnóstico e intervenção, que em nossa análise, têm o objetivo de intervir somente em momentos de dificuldades, sem considerar a sua permanência para um acompanhamento a longo prazo.

Ao examinar os artigos publicados nos periódicos internacionais de Psicologia do Esporte entre 1994 e 2003, como: *The Sport Psychologist*, *Journal of Sport and Exercise Psychology*, *International Journal of Sport Psychology*, e a Revista Brasileira de Educação Física que possuem publicações dessa área, com o objetivo de buscar pesquisas realizadas com técnicos esportivos, ou sua relação com a equipe, verificamos que existe preocupação em se realizar pesquisas qualitativas relacionadas a equipes esportivas. Entretanto, o qualitativo ou análise qualitativa dos dados, consideram ou um tipo de pesquisa descritiva, onde se observam diferentes situações encontradas em treinos e competições, ou caracteriza-se na verificação da existência ou não de determinadas relações existentes entre fatores que contribuem de forma positiva ou negativa na motivação do atleta ou da equipe.

Acreditamos que os estudos da subjetividade propostos por nós poderão não somente auxiliar na busca de núcleos de sentidos subjetivos e na definição das diferentes formas pelas quais atletas e técnicos têm sua subjetividade alterada, mas também compreender como se organizam estes espaços, a fim de proceder a uma reorganização das configurações subjetivas das equipes e dos atletas. O qualitativo, então, será estudado de modo diferente do que vem sendo realizado nas pesquisas em Psicologia do Esporte.

A desconsideração dos aspectos subjetivos apontados por Valdés e Brandão (2005) é confirmada pela análise de pesquisas realizadas com técnicos esportivos nos periódicos elencados acima. Os instrumentos de avaliação fornecem informações importantes, mas o tratamento realizado a partir dos instrumentos para a construção teórica é contestado por estes autores, assim como pelo próprio González Rey (2003). Uma amostra dos instrumentos validados produzidos por pesquisadores da Psicologia do Esporte pode ser encontrada em Ostrow (2002) ou Duda (1998), que apresenta uma lista com mais de 300 instrumentos utilizados para avaliar: motivação (geral, no exercício e no esporte); agressão; ansiedade; atenção; relação entre comportamento e exercício físico, à atividade física e a valores esportivos; atribuições; imagens corporais; estratégias cognitivas; coesão; autoconfiança (no exercício e no esporte); liderança; e falta de controle, entre outros. Estes instrumentos fornecem informações importantes sobre os sujeitos pesquisados, e permite elaborar considerações gerais sobre os processos psicológicos envolvidos na realização de atividades físicas, e competitivas. Entretanto, há a necessidade de se compreender a produção de sentidos subjetivos individuais e grupais a partir de uma interpretação do investigador, respeitando a singularidade existente nos sujeitos, sem que se procure regras e leis aplicáveis de forma geral.

Acreditamos ser preciso transcender a definição de traços psicológicos isolados e compreender as manifestações psicológicas como expressão do complexo sistema que as produzem, o que sem dúvida tem um forte impacto epistemológico que conduz a novas alternativas metodológicas.

Valdés e Brandão (2005) afirmam que, em alguns momentos, o esporte tem desconsiderando os aspectos subjetivos do atleta e as emoções sentidas por ele e tratado os atletas, por conseguinte, como meras “máquinas”. Sobre os modelos de atuação da Psicologia do Esporte, os autores observam que:

A psicologia utiliza o método de investigação das ciências naturais e biológicas e possui uma espécie de tecnologia para conhecer os atletas. Os exercícios físicos-técnicos-táticos são estímulos adequados para produzir a resposta que requer: o rendimento atlético. O desportista, então, é concebido como uma “máquina”, e sua propriedade de ser pessoa, sua subjetividade e suas emoções não são valorizadas (Valdés e Brandão, 2005 p. 339)

A expressão “máquina humana” empregada por esses investigadores, sublinha a desumanização do sujeito operada pela visão do indivíduo como um ser passível de aprimoramento biológico, com o objetivo de conquistar resultados a qualquer custo. A busca constante por melhores resultados tem levado à procura por métodos e meios cada vez mais eficazes, que possam contribuir para construção de um corpo apto a alcançar novos recordes pela ampliação dos seus limites. Essa cultura de resultados pode ser encontrada em todas as áreas, e embora, seja relevante para o desenvolvimento científico e social, levou em alguns momentos realmente a uma desumanização do homem, isto é, à sua desconsideração como um sujeito que possui emoções e produz sentidos que são subjetivos e únicos.

Além disso, esses autores, ainda, afirmam que os estudos realizados por pesquisadores da Psicologia do Esporte, em que se utilizaram métodos de pesquisa participante ou entrevista, não proporcionam mudanças no paradigma positivista, em que são utilizados instrumentos qualitativos que buscam validade e confiabilidade, característicos de uma ciência positivista. A explicação destes autores para a predominância do positivismo, é a preocupação com a busca de dados que possam

ser assegurados e generalizados pela validação dos instrumentos, que se expressa na seguinte citação:

... os testes confundem ativação com ansiedade pela simples razão de que esses procedimentos técnicos não são capazes, pela própria natureza de sua construção, de discriminar os complexos fatores que atuam nos processos de subjetivação, os quais auxiliam o sujeito a configurar os sentidos psicológicos que cada situação tem para ele. (Valdés e Brandão, 2005 p. 347)

A pesquisa qualitativa que propomos é relevante no sentido de se conseguir explorar o processo de produção de sentidos subjetivos de atletas e técnicos, auxiliando na compreensão do processo de subjetivação da atividade que o atleta desenvolve em diferentes momentos em treinos e competições. O sentido produzido por cada um desses sujeitos depende da construção de relações, não somente no ambiente esportivo, mas nos vínculos emocionais estabelecidos entre o atleta e os outros nos diferentes momentos de interação entre eles. Cônjuges, mãe, pai, irmãos, fãs, situação financeira, fase de carreira, entre outros fatores, desencadeiam emoções e processos simbólicos, que se expressam nos sentidos subjetivos de cada atleta ou técnico. A atividade esportiva não é um fragmento isolado da vida de seus protagonistas, pelo contrário, essa vida aparece nas configurações subjetivas que participam dos processos de subjetivação da atividade esportiva.

O contexto social no qual o atleta, o técnico e a equipe estão inseridos cria um ambiente de subjetividade social compartilhada entre os participantes, gerando um processo de produção de sentidos subjetivos individuais, que se enfrentam permanentemente. A forma como a subjetividade individual permeia essa subjetividade compartilhada, é caracterizada por emoções individuais, e também compartilhadas, as quais são alteradas de acordo com as realizações individuais e em equipe. Os processos de produção de sentido subjetivo entre técnicos e atletas

não podem ser entendidos como momentos separados, e sim como uma complexa organização entre os sujeitos que produzem sentidos subjetivos em cada situação, desenvolvendo formas específicas de subjetividade social. A organização dos processos de comunicação em uma equipe esportiva é importante, pois estabelece as formas de configuração subjetiva da própria equipe. A complexidade dessa configuração somente pode ser compreendida no processo integral de expressão do sujeito, e não na procura de elementos isolados, que consideram apenas uma via de comunicação como: atleta-equipe, ou atleta-atleta, ou treinador-equipe, ou treinador-atleta. Isso porque consideramos a comunicação como uma “via de mão dupla”, em que a produção de sentidos subjetivos do atleta, ou técnico, ou da equipe, são constituídos e constituintes um dos outros constantemente. Somente assim poderemos compreender as configurações subjetivas, tanto da subjetividade grupal, como dos atletas e técnicos, nas diferentes formas que elas tomam no trabalho da equipe.

A forma como esse processo de subjetivação individual e da equipe deve ser estudada em conjunto, procurando estabelecer relações entre os sistemas parciais de relações e seu sentido subjetivo em treinos e competições. Esses dois espaços físicos não são compartilhados apenas por “máquinas humanas” como observam Valdés e Brandão, mas compartilhados por pessoas que interagem como sujeitos, constituindo-se mutuamente em sua subjetividade. Trata-se, aqui, de um espaço intersubjetivo destacado nos estudos de Tacca (2005).

Assim, a comunicação entre técnicos e atletas deve ser entendida como a “teia” à qual nos referimos anteriormente, em que cada “vibração” gera sentidos subjetivos individuais e em equipe, como produtos de um processo. O tempo em que

atletas e técnicos permanecem juntos é relevante, pois a convivência proporciona quer a aproximação quer o distanciamento, modificando a identificação entre todos os envolvidos. Da mesma forma como Tacca (2005) analisa a relação entre professor–aluno em sala de aula, acreditamos que a comunicação entre técnico e atleta possui intenções que ultrapassam os objetivos atléticos, isto é, há uma preocupação do atleta em estabelecer um vínculo com o técnico de forma que este o auxilie no vir a ser.

Segundo Valdés e Brandão (2005), não basta que o atleta ou a equipe estejam bem preparados para que consigam atingir um ótimo desempenho; é necessário que o sujeito creia que é capaz de conseguir atingir determinados níveis de realização. Essa crença é produto de um processo de configuração de sentidos desenvolvido nos treinos e competições. A Psicologia do Esporte tem associado essa crença ao nível de motivação que o atleta possui, sendo o principal responsável por ela o técnico esportivo. Entretanto, a configuração dos sentidos produzidos têm sido estudados a partir de análises estatísticas, ou de observações situacionais, que buscam indícios sobre fatores externos ou internos, que possam explicar por que um atleta ou equipe está motivado ou ansioso, sem considerar os processos subjetivos produzidos individualmente ou em grupo.

Quando se tenta analisar em toda a sua complexidade, o processo de formação de sentidos que se desenvolve em um contexto de subjetivação particular e concreto, nesse caso o desportivo, realmente surge o pessimismo acerca da inteligibilidade dos processos e da validade das intervenções que podem produzir os experimentos e as medições isoladas, tanto na forma de conhecimentos como em forma de instrumentos de diagnóstico, controle e intervenção. (Valdés e Brandão 2005 p. 349)

Em nenhum momento esses autores desconsideram a importância dos instrumentos utilizados em estudos e nas intervenções já realizadas, mas criticam,

sim, a crença de que as informações adquiridas a partir dos mesmos instrumentos possam ser sempre utilizadas, e fornecer respostas com a mesma acuidade em diferentes situações. De fato, sua crítica corrobora com a afirmação de González Rey (2003), sobre a existência de construções teóricas a partir da consideração de novas formas de interpretação e compreensão da organização dos processos psicológicos do sujeito, além daqueles que serviram de pressupostos para a elaboração dos instrumentos psicológicos.

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a relação, e os processos de produção de sentido subjetivo entre técnicos e atletas em uma equipe de *triatlo*, assim como a forma em que estes processos influenciam no desempenho esportivo, e na subjetividade dos atletas.

Objetivos Específicos

Para a consecução deste objetivo geral, consideramos os seguintes objetivos específicos:

- Estudar a configuração subjetiva do técnico e como esta influencia na equipe;
- Estudar como se organizam os processos de comunicação em uma equipe esportiva, considerando a relação atleta - equipe, atleta - atleta, técnico - equipe, técnico – atleta;
- Compreender como o clima grupal afeta a subjetividade dos atletas.

MÉTODO

O presente estudo possui sua metodologia fundamentada na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (1997), que enfatiza o caráter construtivo - interpretativo, dialógico e singular do conhecimento. Essas três características são articuladas entre si de forma complementar e indivisível, buscando uma análise do momento empírico como um processo de construção que não busca uma verdade, ou uma definição “engessada” dos comportamentos expressos pelos sujeitos, ou mesmo um padrão comportamental que possa ser generalizado em outras situações. Elas são integradas, construídas e re-criadas durante o processo de pesquisa pelo investigador.

Com relação ao método proposto, nosso estudo, inicialmente, concentrou-se em procurar aqueles que são mais utilizados pela Psicologia do Esporte para estudar técnicos e equipes esportivas, e encontramos em Chelladurai e Reimer (1998), Feltz e Lirgg (2001), Gardner (1995), Ostrow (2002), e Silva III e Stevens (2002) diferentes instrumentos de avaliação construídos para verificar diferentes características e tendências de técnicos ou líderes no âmbito esportivo. O objetivo de se pesquisar esses instrumentos foi de analisar quais informações sobre os técnicos esportivos eram fornecidas por eles, e quais os procedimentos teórico-metodológicos utilizados.

Paralelamente, e posteriormente por um período maior de tempo, nos concentramos na Epistemologia Qualitativa e no estudo da subjetividade desenvolvida por González Rey, cuja complexidade somente pôde ser compreendida durante a análise das informações da pesquisa de campo. Estudar o caminho percorrido por esse autor forneceu informações importantes quanto a

evolução teórica da subjetividade do modo como ele a concebe, e proporcionou mudanças importantes no modo de pensar sobre a pesquisa, tarefa esta lenta devido a existência de um *modus operandi* estabelecido pela maneira como culturalmente se conhecia a pesquisa.

Segundo González Rey (2003), no último século a psicologia passou por diversas mudanças significativas quanto à forma de se compreender o desenvolvimento da psique humana. Isto gerou a criação de diferentes abordagens teóricas e metodológicas de pesquisa que procuram compreender os processos mentais envolvidos nas construções simbólicas realizadas pelo sujeito.

Os diferentes métodos utilizados, e principalmente a análise epistemológica desses métodos, foi discutida por González Rey nos trabalhos: *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad* (1997), *La Investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos* (1999), *Sujeito e Subjetividade* (2003), *Subjetividade e Pesquisa Qualitativa em Psicologia* (2004), e *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia* (2005).

Em sua busca por definir o que é pesquisa qualitativa e quais são os princípios teórico - metodológicos que a norteiam, González Rey realizou uma análise histórica sobre a fundamentação epistemológica dos estudos realizados na Psicologia.

Segundo este autor, o termo Epistemologia Qualitativa foi definido a partir do “*status epistemológico que cobrou nas ciências sociais o modelo quantitativo, empírico e descritivo, o qual se caracterizou por um positivismo a - teórico, cujos*

protagonistas careciam de uma consciência epistemológica...” (González Rey, 2005 p. 01).

O cunho epistemológico estudado por González Rey (1997) procura caracterizar o qualitativo como um processo de produção de conhecimentos. Ela é orientada de forma a legitimar os aspectos processuais de construção do conhecimento, definido como uma expressão direta dos instrumentos utilizados, mas que não se esgota no próprio instrumento.

Uma questão importante levantada pelo autor, é a tendência das pesquisas em desvalorizar os estudos de caso por entenderem que as generalizações possam ser menos expressivas em comparação com os estudos desenvolvidos a partir da participação de um número maior de sujeitos. González Rey (2005) enfatiza a necessidade de se compreender de modo diferente os aspectos singulares encontrados nos estudos que envolvem poucos sujeitos em Psicologia. A relação existente no processo de construção do conhecimento e a legitimação deste conhecimento têm dificultado a identificação, interpretação e análise dos aspectos singulares para a construção e legitimação do conhecimento.

Para que se considere a legitimação do singular como fonte do conhecimento é preciso que se compreenda que cada pesquisa é uma produção teórica, construída pelo pensamento do pesquisador. Esta produção teórica é construída permanentemente de *“modelos de inteligibilidade que dão consistência a um campo ou problema na construção do conhecimento”* (González Rey, 2004 p. 11).

Este autor, ainda, complementa:

A produção teórica apresenta diferentes níveis, mas o que a caracteriza é uma produção intelectual sistemática que permite organizar, de diferentes

formas, o material empírico e que se integra as idéias dos pesquisadores como parte essencial do conhecimento em elaboração (González Rey, 2004 p.11).

A crítica realizada pelo autor a esse tipo de pesquisa, refere-se ao significado que é dado a informação na construção do conhecimento teórico, em que a valorização do tratamento estatístico sobrepuja a interpretação do pesquisador sobre as informações que um sujeito pode oferecer. A tendência em parte dos estudos, é que o pesquisador, através do método indutivo - descritivo, apresente as informações adquiridas de forma a legitimar os próprios instrumentos ao invés de proporcionar a elaboração do conhecimento através do significado destas informações em meio a uma realidade mais complexa.

Para Spink (2004), a falta de estudos epistemológicos levou os cientistas na Psicologia Social à estudarem em laboratórios, onde variáveis podiam ser controladas pelo investigador, de modo a cumprir um modelo metodológico. Nesse modelo um requisito necessário foi a forma como os sujeitos da pesquisa eram escolhidos, onde estes somente poderiam participar do estudo se tivessem determinadas características em comum, de forma a representar a população que possuísse as mesmas características. Os critérios para a seleção dos sujeitos, com o passar do tempo, se tornaram cada vez mais rigorosos de forma a se controlar as variáveis, gerando posteriormente um acúmulo de informações, mais conhecidos como dados da pesquisa, que acabavam por diferenciar-se apenas nas características dos sujeitos da pesquisa.

Um exemplo desse acúmulo de informações a partir da repetição de estudos na Psicologia do Esporte são as pesquisas realizadas sobre ansiedade em atletas, onde adota-se uma escala como o *Competitive State of Anxiety Instrument* – 2

(CSAI-2) ou o *Scale of Competitive Anxiety Instrument* (SCAT), e os utilizam em atletas de diferentes modalidades para verificar o nível de ansiedade pré-competitiva. Os resultados demonstram o quanto o atleta está ansioso diante da competição, e o (s) pesquisador (es) elabora hipóteses que expliquem esses mesmos resultados, onde pais, cônjuges, treinador, importância da competição, entre outros tantos motivos, são apontados como sendo os principais causadores da ansiedade. Os investigadores procuram nos referenciais teóricos, ou através de observações do momento competitivo, pré-competitivo e pós-competição, analisar de que forma todos esses participantes diretos e indiretos se comportaram, e se influenciam de modo a explicar o desempenho do atleta. As informações, são analisadas a partir de categorizações onde as estatísticas são elaboradas de modo a conseguir maior credibilidade da comunidade científica com relação a qual explicação foi a mais escolhida pelos sujeitos da pesquisa. O que está sendo questionado é como as explicações menos escolhidas são consideradas nesses estudos, pois como o referencial grupal sobrepuja o individual ou o singular, então o sujeito enquanto indivíduo é desconsiderado, bem como seu potencial de produção de sentidos subjetivos. As pesquisas pautadas por esse procedimento vem contribuindo para a manutenção do *status quo* das teorias vigentes.

No intento de superar variáveis o critério final para chegar às conclusões termina sendo o estatístico com o qual se perdem informações referentes as relações e desdobramentos de processos e elementos impossíveis de serem reduzidos a variáveis.

Outros autores como Farr (2002) e Danzinger (1990), concordam com González Rey no que concerne a necessidade de se buscar novas alternativas

metodológicas que permita superar o positivismo existente nas pesquisas em Psicologia. A carência de análises epistemológicas, que promova reflexões sobre novas alternativas metodológicas, é um dos aspectos que González Rey considera como fundamental para um rompimento com o paradigma positivista.

Autores de outras áreas como Elias (2000), Foucault (2004) e Bourdieu (2003), também apresentaram justificativas para a necessidade de se utilizar instrumentos e métodos de investigação qualitativos. Bourdieu critica a ênfase que se tem dado ao controle de variáveis nos métodos de pesquisa, e como esse aspecto tem contribuído para a não produção de novas alternativas metodológicas.

Zavalloni (2005) no prólogo do livro do autor, corrobora com as afirmações de González Rey, e faz uma importante observação sobre o assunto, enfatizando que a dificuldade de pesquisadores em conseguir aderirem aos estudos qualitativos está na própria construção e concepção de pesquisa em Psicologia que tiveram durante sua formação, quando não foram estimulados a aprofundar suas reflexões em questões epistemológicas. Para ele os métodos utilizados nos estudos psicológicos, precisam ser repensados, re-considerando a importância dada ao sujeito participante da pesquisa. Estes dois autores acreditam que o sentido subjetivo produzido pelo sujeito da pesquisa somente poderá ser compreendido a partir de uma investigação qualitativa diferente do que se vem realizando.

Partindo de uma abordagem construcionista, Spink (2004), procura abdicar de uma visão em que a mente humana é um espelho da natureza, e sendo assim, que o conhecimento é construído em conjunto. Para ela existe a necessidade de se desconstruir noções teórico – metodológicas que estão arraigadas em nossa cultura. A autora utiliza o termo desfamiliarização para expressar a reflexão sobre as

construções conceituais, que para ela, se transformaram em crenças, não permitindo que outras formas de pensar, e teorias, sejam elaboradas.

González Rey (1997), identifica um conjunto de cinco de aspectos que caracterizam o empiricismo existente hoje na Psicologia: separação entre sujeito e realidade, passividade do investigador perante o processo de construção do conhecimento, supervalorização dos aspectos sensoriais como únicos responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento, o conhecimento é compreendido como um processo regular, ordenado, progressivo, os quais são utilizados para construção de leis que servem como explicação do real, e a comunicação entre o investigador e o sujeito é desconsiderada no processo de pesquisa.

As pesquisas realizadas pela Psicologia do Esporte possuem as mesmas características, uma vez que procuram adotar os mesmos procedimentos: estudo de um referencial teórico relacionado ao assunto, aplicação de escalas (cujo o próprio referencial teórico foi utilizado para sua construção), e análises quantitativas com re-confirmação ou não confirmação dos mesmo referencial teórico. Esse procedimento pode ser encontrado nos estudos divulgados em diferentes periódicos já citados anteriormente como o *Sport Psychologist*, *International Journal of Sport Psychology*, *Revista Paulista de Educação Física*.

Os artigos analisados nesses periódicos foram dos seguintes: Bloom, Gordon; Durand – Bush, Natalie; Salmela, Jonh (1997), Chase, Melissa; Lirgg Cathy; Feltz, Deborah. (1997), Cotê, Jean; Salmela, John (1996), Cotê, Jean; Salmela, John; Russel, Storm (1995), Cotê, Jean; Salmela, John; Russel, Storm (1995a), Dale, Gregory; Wrisberg, Craig (1996), d' Arripe – Longueville, Fabienn; Fournier, Jean; Dubois, Alice (1998), Efran, Jay; Lesser, Gregg; Spiller, Miles (1994), Gardner,

Douglas; Shildes, David; Bredmeier, Brenda; Bostrom, Alan (1996), Griffing, Joy; Harris, Mary (1996), Harwood, Chris; Swain, Austin (2002), Jowett, Sophia; Timson-Katchis, Melina (2005), Maletse, Leapetswe; Feliz Deborah (2000), Price, Melissa; Weiss, Maureen (2000), Simões, Antônio Carlos, Hata, Mario, Rúbio, Kátia. (1998), Simões, Antônio Carlos (1994), Streat, William; Senecal, Kim; Houlett Stephen; Burgess, J. Mark (1997), Weinberg, Robert; Butt, Joanne; Knight, Betsy (2001), Weinberg, Robert; Burke, Kevin; Jackson, Allen (1997), Williams, Jean M., Jeromi, Gerald J., Kenow, Laura J., Rogers, Tracie, Sartain, Tessa A., Darland, Greg. (2003), Wright, Andy, Cotê, Jean (2003).

González Rey (2003, 2005) compreende que as informações adquiridas na pesquisa de campo, somente poderão ser adquiridas se houver maior aproximação do pesquisador com o sujeito, e para isso o autor afirma que é importante repensar o papel dos instrumentos utilizados. As informações fornecidas por esses instrumentos deveriam ser estudadas pelo investigador mais cuidadosamente, procurando compreender a produção de sentidos subjetivos do sujeito como ele se apresenta, e não como um “fornecedor” de dados que comprovem ou não uma teoria, sem um mínimo de reflexão sobre outras possíveis interpretações.

A partir desses questionamentos sobre a forma como os instrumentos são utilizados, a possibilidade de criação de novas teorias, e métodos tem sido desestimulada, pois existe poucos espaços de discussão sobre esse tema no meio acadêmico. Existe uma completa carência de uma consciência epistemológica entre os pesquisadores, e isto tem contribuído para uma aceitação generalizada de estudos baseados em um acúmulo de dados, adquiridos a partir da verificação de

comportamentos dos sujeitos excluindo a subjetividade e toda a emocionalidade produzida pelo sujeito (González Rey, 2005).

A produção de novas teorias é compreendida como sendo uma importante responsabilidade do investigador, e que somente será possível se o mesmo apresentar criatividade para analisar as informações não como “dados”, mas como informações que devem se exploradas de forma a conseguir novas interpretações sobre o problema estudado, bem como sua capacidade de produzir sentidos subjetivos sobre esse mundo.

Embora a Psicologia, e a Psicologia do Esporte não tenham deixado de considerar a importância da pesquisa qualitativa, para Gonzalez Rey (1997), a fenomenologia foi o método encontrado pelos pesquisadores para cobrir esta lacuna.

Este método pôde contribuir nos estudos da exploração dos diferentes níveis de consciência, e nos quais se definem o sentido da experiência para o sujeito, buscando a inteligibilidade da realidade através das formas em que o real aparece no fim da consciência. Neste momento houve uma ruptura com a divisão clássica sujeito-objeto (González Rey, 1997 p. 08).

Ainda esse autor, afirma que devido a proposta verificacionista de construção de conhecimento houve uma despersonalização do sujeito, e conseqüentemente não foi possível compreender a construção da psique humana, além de limitar o caráter ativo do investigador.

O levantamento bibliográfico realizado considera três abordagens em lideranças esportivas, que foram utilizadas para desenvolver três questionários de avaliação de liderança. O primeiro é o *Mediational Model of Leadership*, desenvolvido por Smith, Smoll & Curtis (1978), em que o comportamento do técnico, a percepção do atleta, e a percepção do técnico com relação à atitude do atleta,

dependem de certas características do técnico e do atleta em conjunto com os fatores situacionais. Para os autores as diferentes variações encontradas nos comportamentos dos técnicos dependem da meta, intenção, percepção do técnico sobre seu papel na equipe, autocrítica do comportamento adotado, gênero, e da percepção de que certas ações, ou atitudes escolhidas pelo técnico, causarão determinados resultados.

Estas diferenças são realizadas a partir da compreensão de teorias estabelecidas nos estudos em que foram realizadas. Mesmo que cada um deles possua uma interpretação lógica do comportamento estudado naquele momento, existem diversos outros aspectos que não são mencionados pela própria limitação destas teorias que orientaram as observações. Ou até mesmo na limitação das escalas utilizadas para mensurar o comportamento.

Considerando o conhecimento como uma produção de sentido subjetivo decorrente da dialética entre a zona de sentido e a realidade, González Rey (1997) pressupõe que o desenvolvimento da ciência não pode ser julgado através de uma dinâmica bipolar entre verdadeiro e falso, próprio do positivismo. Ele afirma que:

A reflexão sobre a história do conhecimento deve desprender-se de uma razão (indivíduo ideal), ou um sujeito transcendental (abstrato), de uma realidade acabada, constituída a priori de forma estática e a-histórica, a qual deve ser apreendida pelo conhecimento como processo permanente, como forma de diálogo com uma realidade igualmente histórica e mutante. (González Rey, 1997p. 15)

O sujeito participa da realidade de forma ativa durante a construção de sua realidade. Seu julgamento moral e ético é desenvolvido pela sua história de vida, e a cultura o qual participa ativamente é constituído e constituinte de sua subjetividade. Daí sua preocupação com a forma como os instrumentos tem sido utilizados, e o

caráter qualitativos dado as informações. Os “dados” fornecidos pelos sujeitos são enfatizados a fim de conseguir legitimidade perante tratamentos estatísticos e descrição dos aspectos situacionais, onde os sentidos subjetivos produzidos pelos sujeitos são desconsiderados.

Esse autor, afirma que quando nos referimos a essência do conhecimento, expressamos a capacidade de produzir algo, que não se esgota em sua construção discursiva nem nas dimensões culturais e interativas dentro do que é produzido em cada momento histórico. Para ele a definição de essencial está inserida na capacidade do conhecimento em integrar o real durante seu desenvolvimento, nas múltiplas formas em que esta integração se produz na própria dinâmica do processo de conhecimento (González Rey, 1997).

É essencial que o estado atual do processo de conhecimento garanta formas diferentes de continuidade de sua qualidade através das múltiplas contradições que se produzem em distintas formas de expressão do sujeito. A realidade não deve ser entendida como sendo subordinada ou passiva diante da construção do conhecimento.

Para González Rey (1997), a psicologia está diante de uma definição essencial de planejar a subjetividade como objeto de estudo, ao reconhecer o subjetivo como forma do real constitutiva do ser humano, a qual se constitui em um sujeito psicológico por complexos processos de construção e produção que caracterizam sua vida social.

Esses processos são contínuos e passíveis de mudanças que ocorrem a partir das diferentes vivências que o sujeito possui em diferentes espaços sociais.

Esta subjetividade, entretanto, não constitui uma essência intra - psíquica que determina linearmente o comportamento de dentro para fora. A forma como o sujeito expressa sua subjetividade é ativa e passível de mudanças momentâneas, que são determinadas pela forma como o sujeito organiza as diferentes informações e elementos consideradas importantes para ele.

A subjetividade não é uma realidade coisificada, e sim um processo vivo (ativo) do indivíduo como sujeito psicológico concreto, que possui diferentes alternativas e escolhe determinadas ações que fazem parte de um processo subjetivo de avaliação (Gonzalez Rey, 1997 p. 6).

A expressão do sujeito e a complexidade inerente a essa expressão, somente será possível se o sujeito estiver motivado, condição essa necessária para que ele se desvele durante a investigação. Para que isso ocorra é necessário que o pesquisador seja pró-ativo durante todo o estudo, possibilitando alcançar os aspectos essenciais envolvidos na construção teórica. Essa relação entre o investigador e o investigado não tem sido relatada nos estudos publicados. Pelo contrário, existem orientações nos procedimentos metodológicos que possui como objetivo a ascepsia na coleta de dados.

Segundo González Rey (1997), os métodos qualitativos e quantitativos somente "*serão compatíveis dentro de uma epistemologia alternativa ao positivismo, em que são considerados como um fim em si mesmos, e não como indicadores de um processo de construção*". As informações procedentes a partir da utilização de diferentes instrumentos de investigação e/ou diagnóstico servirão para que o pesquisador construa o conhecimento ao longo de seu estudo. Essa construção será resultado da interpretação do pesquisador sobre estas informações que irão adquirir um sentido subjetivo sobre o sujeito estudado.

É importante enfatizar que o autor não questiona a legitimidade da quantificação para a produção do conhecimento, mas no significado do que está sendo quantificado para o sistema teórico.

“A Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento” (González Rey, 2005 p. 5), em que a compreensão da realidade é construída pelo pesquisador. Sendo assim, esta realidade possui infinitos campos inter – relacionados, e sua complexidade somente poderá ser entendida se considerarmos os significados construídos pelo pesquisador em sua prática.

A partir desta perspectiva, é importante que critiquemos os princípios metodológicos e identifiquemos seus limites para a construção de um conhecimento teórico (González Rey, 2005).

Para atender as exigências atuais de uma pesquisa qualitativa, González Rey propõe uma nova metodologia que possui os seguintes princípios:

1. **Caráter construtivo – interpretativo** – em que a construção do conhecimento teórico é uma produção humana que deve ser desenvolvida pelo pesquisador, a partir de uma organização que o investigador realiza;
2. **Criação de Zonas de Sentido** - conceito definido como espaço de inteligibilidade cujos significados não se esgotam nas informações adquiridas em um momento empírico;
3. **Integração subjetiva do pesquisador no processo de pesquisa** – em que o investigador elabora as categorias de informações durante sua prática, considerando sua interpretação subjetiva. O autor ressalta a importância da

comunicação na pesquisa, onde o investigador e o sujeito da pesquisa devam construir as zonas de sentido durante o processo de pesquisa;

4. **Constante reflexão através de uma práxis** – onde a pesquisa qualitativa se apresenta como uma construção teórica subjetiva, que considera sua constante reflexão sobre a comunicação estabelecida entre o investigador e o investigado, não se tratando apenas de uma descrição e registro dos eventos ocorridos.

A partir desta reflexão epistemológica sobre o desenvolvimento dos métodos de pesquisa utilizados nas ciências antropológicas, suas bases somente podem ser compreendidas se se realizar uma análise histórica do processo de construção destes próprios métodos. Entender este processo é relevante de forma que possamos justificar o ineditismo de nossa escolha metodológica na Psicologia do Esporte, e também fornecer subsídios para a compreensão da construção desta metodologia e da Teoria da Subjetividade a qual será apresentada no próximo capítulo.

Após essas considerações acerca dos fundamentos da pesquisa qualitativa que defendemos, é importante realizaremos no capítulo seguinte um melhor aprofundamento sobre o papel do pesquisador na construção do conhecimento.

O Papel do Pesquisador na Pesquisa Qualitativa

No capítulo anterior e no capítulo Subjetividade no Esporte, discutiu-se como os estudos desenvolvidos na Psicologia do Esporte e como eles tem utilizado diferentes instrumentos como questionários, escalas e procedimentos de análises

observacionais, buscando compreender a relação entre a psique de participantes diretos e indiretos do ambiente esportivo. Para uma análise qualitativa do ambiente esportivo o que encontra-se são pesquisas descritivas, que embora sejam importantes no sentido de conhecer as características gerais e específicas que giram em torno de treinos e competições, e de proporcionar explicações para as diferentes situações encontradas, esse tipo de pesquisa carece de um aprofundamento sobre como a subjetividade de cada indivíduo, seja ele atleta, técnico, preparador físico, médico, ou outro.

Os estudos sobre a Psicologia do Esporte desenvolvidos no Brasil, tem procurado utilizar e desenvolver metodologias que permitam ao pesquisador uma abordagem qualitativa com o objeto de estudo. Entre esses estudos encontra-se Rúbio (2006) que utilizou a história oral ao pesquisar o imaginário olímpico dos medalhistas olímpicos brasileiros. Essa autora, realizou entrevistas com atletas brasileiros de diferentes modalidades que participaram dos Jogos Olímpicos, onde pôde analisar a trajetória de vida, levantando informações importantes quanto a interpretação do próprio atleta quanto a sua experiência de vida esportiva e pessoal, e de que forma elas se relacionaram com o processo de mudanças que ocorreram nesse evento ao longo dos anos.

O estudo qualitativo tem tido o caráter descritivo que compreende a análise observacional do comportamento do sujeito pelo investigador, que ao mesmo tempo relaciona esse comportamento com as circunstâncias econômicas, sociais e políticas envolvidas no ambiente esportivo. As teorias estabelecidas são utilizadas, então, como modelos onde as informações são articuladas levando a duas conseqüências: confirmação das próprias teorias a partir da construção das

informações coletadas, e a passividade do pesquisador diante das informações. O que se procura é associar o desempenho esportivo, considerando toda a emocionalidade existente no atleta ou na equipe envolvida, com a descrição dos fatos observados.

A utilização dessa abordagem qualitativa tem como objetivo investigar os processos de interpretação do atleta, considerando sua experiência passada como explicação do desempenho esportivo. Entretanto, ressalta-se a importância não somente do objeto de estudo, mas da relação, cada vez mais distante, entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador. Esses estudos têm desconsiderado a importância do papel ativo do investigador na articulação das informações, bem como se tem procurado meios e métodos que auxiliem esse investigador a não aproximar-se do sujeito da pesquisa, devido ao “receio de contaminação” das informações por parcialidade do pesquisador no momento interpretativo.

González Rey (2005) diferencia os conceitos de interpretação e construção durante seu trabalho. Toda a interpretação é uma construção, afirma ele, embora ressalte ao se estabelecer a distinção que a construção pode não estar imediata e intencionalmente associada a um referencial empírico, pois a história do pesquisador o orienta na determinação das categorias. A categoria passa a possuir um caráter especulativo, que permite ao investigador fundamentar a construção teórica que defende no momento. O desenvolvimento de toda especulação teórica se faz pela confrontação com a informação empírica e em uma tensão constante, dado que não constitui um fim em si mesmo. Assim, a cada passo dado durante a pesquisa, o processo das articulações realizadas pelo pesquisador é *capaz de aumentar a sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento para avançar na criação de*

novos momentos de inteligibilidade sobre o estudado, ou seja, para avançar na criação de novas zonas de sentido. (González Rey, 2005: p.7). O pesquisador deve construir categorias a partir de sua reflexão ao considerar as zonas de sentido estabelecidas em sua comunicação com os sujeitos da pesquisa. Não há hierarquias ou classificações, pois existem diferentes zonas de sentidos devido à subjetividade da interpretação do momento empírico encontrado pelo pesquisador. A subjetividade, então, surge e se desenvolve a partir da cultura em que ao mesmo tempo é parte constitutiva dela, como observa González Rey (2002).

Desse modo, González Rey propõe um novo nível ontológico de definição de onde o sujeito constitui e é constituído pelo ambiente em que está inserido. Mas este ambiente se constitui numa outra qualidade que expressa a história do sujeito em termos de emoções e processos simbólicos que definem os sentidos subjetivos, que se expressam de forma única em cada sujeito. As características qualitativas passam a predominar nos sistemas de análise dos comportamentos a fim de se aprofundar no entendimento das características psicológicas individuais em diferentes situações, assim como nos aspectos psicológicos das situações sociais.

Esta questão pode ser explicada pela interpretação da construção do sentido do sujeito, a complexa rede de sentidos subjetivos constituídos pelos sujeitos participantes em uma equipe esportiva nos diferentes espaços de subjetividade social em que a vida da equipe se organiza.

No caso de uma equipe esportiva como no vôlei ou futebol, o sentido coletivo surge não somente nos indivíduos, mas na forma que tomam os processos sociais dentro do grupo ou da instituição, os quais, por sua vez, definem espaços de sentido subjetivos.

Propõe-se que o método seja considerado, em seu aspecto social, como momento constituído em uma relação humana, no qual a comunicação, além de primordial, define a relação entre pesquisado e pesquisador, elemento essencial para a produção do conhecimento. Pensando no estabelecimento dessa comunicação entre o investigador com a equipe, foi combinado que o pesquisador poderia participar de todos os espaços em que são realizados os treinos e competições com livre acesso a todos os atletas que quisessem participar em todos os momentos que o investigador considerasse importante. O primeiro contato foi importante, pois apresentou-se por escrito um resumo do estudo, seus objetivos e demais esclarecimentos sobre sua participação no cotidiano de treinamento e nas competições. Sugeriu-se a técnica que levasse o resumo para análise, e um segundo encontro foi marcado para uma semana depois, de modo que o técnico pudesse esclarecer as dúvidas, e em concordância com os termos, que ela também assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e indicasse os atletas que poderiam participar da pesquisa.

O tempo de uma semana para que a técnica analisasse o resumo foi importante para sentir-se confortável com o acompanhamento que se seguiu posteriormente, que envolveu treinos, competições e confraternizações.

É importante ressaltar que a comunicação neste estudo teve algumas dificuldades devido ao modo como a técnica estabeleceu o treino com seus atletas e as características da modalidade. O triatlo é constituído por natação, bicicleta, e corrida, cujas competições, ou provas, são disputadas nessa mesma ordem. O treinamento dessas modalidades é realizado em períodos separados devido ao desgaste orgânico, e a necessidade de tempo para recuperação neuromuscular e

cardiovascular. Os treinos de bicicleta são realizados de três a quatro vezes semanalmente, sendo de segunda-feira à sexta-feira em uma praça de esportes municipal, e aos finais de semana de manhã cedo em uma estrada no interior do Estado de São Paulo. Os horários de treino são as 05 horas 00 minutos, ou as 15 horas 00 minutos. Os atletas possuem outras profissões e por isso a agenda individual não permite que eles treinem conjuntamente todas as modalidades. Isto justifica a necessidade de dois horários de treino, onde a técnica acompanha todos os treinos da tarde, mas no período da manhã apenas ocasionalmente.

A treinos de natação são realizados em uma academia com uma piscina de 25 metros com seis raias todos os dias a noite durante a semana e ocasionalmente no sábado de manhã em caso de chuva, como substituição ao treino de bicicleta. O grupo de sujeitos que participou da pesquisa treina em conjunto neste espaço, mas existem outros atletas e iniciantes do *triathlo*, que não participam do treinamento com o grupo pois não são sócios da academia ou preferem realizar os treinos em outro espaço. Nesses casos a técnica fornece planilhas de treinamento para os atletas, que contém as distâncias a serem percorridas bem como também o tempo em que devem ser realizadas. A aproximação da técnica com cada um desses atletas que treinam sozinhos é realizada de forma assistemática, sem um planejamento fixo, dependendo principalmente da oportunidade de se encontrarem nos treinos coletivos, interesse da técnica pelo atleta e o tempo geral disponível nos treinos grupais. As orientações individuais ocorrem com maior frequência somente com aqueles atletas que possuem melhores resultados e que permanecem por um período maior de tempo com a técnica, ou seja, são os atletas que treinam de tarde e noite diariamente.

Os treinos de corrida são realizados ou na mesma praça de esportes onde são realizados os treinos de bicicleta, ou na academia em esteiras elétricas. O grupo todo não treina ao mesmo tempo, pois a maioria possui outro tipo de atividade remunerada durante a semana. Apenas os atletas que ainda estudam no ensino médio ou fundamental, participam praticamente de todos os treinos no período da tarde (bike ou corrida) e noite (natação).

Segundo a técnica, existem por volta de 40 atletas que recebem a planilha, mensalmente ou semanalmente. Os atletas que participaram desse estudo são os que treinam no período da tarde e da noite, pois nestes horários a técnica está presente permanentemente, possibilitando assim acompanhar o desenvolvimento tanto individual como de um grupo durante a maior parte do tempo de treino. Com exceção de dois sujeitos de nossa pesquisa (Rafael e Tiago) que realizam seu treino de bike e corrida em outro período (manhã ou noite), os demais sujeitos treinam de tarde. A noite a técnica acompanha os treinos de natação na academia, e este é o único horário que ele está com todos os membros do grupo de sujeitos juntos, pois o treino em grupo é considerado como motivante devido a competição entre os atletas para acompanhar uns aos outros nos tempos. O treino de natação dura por volta de uma hora e meia, e os de bike e corrida variam entre uma hora e duas horas.

Acompanhou-se de duas a quatro vezes por semana os treinos de corrida ou bike e a natação, durante seis meses, iniciando em setembro e finalizando os encontros no início de março. Foi necessário organizar os registros através de gravações e de um diário de campo, onde foram registrados os dias do acompanhamento e as atividades desenvolvidas.

Segundo González Rey (2005), o sistema teórico somente poderá ser organizado a partir da reflexão do pesquisador sobre as informações adquiridas no momento empírico, o que permitirá explorar as novas possibilidades de interpretações, pelo uso das diferentes fontes de informação que podem ser sistematizadas ao longo do estudo.

Considerando essas características da modalidade e o método adotado, a escolha dos instrumentos, e as informações conseguidas a partir dele, são parte de uma ação de amadurecimento dos sujeitos (pesquisador e pesquisado) implicados na investigação, contribuindo para a qualidade e complexidade da informação produzida no processo metodológico (González Rey, 2005a).

Nesse estudo utilizou-se um diário de campo onde foram anotadas informações relativas ao comportamento dos atletas e técnico, mas que somente puderam ser organizadas a partir do momento em que foram articuladas com as entrevistas e complemento de frases. A diferença entre a pesquisa descritiva e o método que propomos, é que cada informação que conseguimos deve ser organizada com as informações anteriores de modo a elaborarmos indicadores de sentido subjetivo. O pesquisador não organiza as informações temporalmente, descrevendo os eventos e relacionando com os comportamentos, mas ele é responsável por organizar as informações de modo a formar indicadores de sentidos subjetivos, onde sua interpretação das informações é continuamente re-organizada.

González Rey (2005a) reconhece a realidade (momento empírico da pesquisa) como determinante do conhecimento. A presença do investigador é inseparável do processo de construção do conhecimento, “no qual se desenvolve através de uma relação dialética e contraditória”. Essa relação dialética facilita o

aumento da complexidade da construção dos sentidos, de modo a produzir novas situações contraditórias entre o conhecimento e a realidade. Através dessas contradições ocorridas ao longo do curso do estudo, produzem-se zonas de sentido sobre o real, que conseqüentemente, facilitam ao investigador elaborar novas questões sobre o próprio conhecimento. Para esse autor a especulação é inseparável da construção teórica, pois é uma operação do pensamento que permite acessar os aspectos empíricos da realidade estudada. O objetivo da especulação é facilitar construções teóricas capazes de serem confrontadas novamente no momento empírico.

De fato, este é um dos motivos pelo qual o autor busca romper com a interpretação de que a realidade é um sistema externo, e que o pesquisador deve investigá-lo sem alterá-lo. González Rey afirma que não é possível que o pesquisador consiga realizar seu estudo isentando sua interpretação. Para ele, o pesquisador deve considerar sua prática como algo constitutivo da realidade e ao mesmo tempo constituinte do ambiente estudado.

Para Mítjans Martínez (2005) a subjetividade como representação da psique humana se expressa conforme a elaboração e construção do pesquisador, por meio de um conjunto de categorias que, na sua articulação, conforma a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey.

Não há como o pesquisador não influenciar os participantes, pois o investigador passa a ser conhecido e reconhecido como um novo indivíduo dentro do grupo. Sua presença não passa despercebida, pois cada sujeito possui momentos em que pode sentir-se avaliado, pressionado, confortado, desconfiado, protegido, envergonhado etc.

A interpretação das informações de uma pesquisa e a produção do conhecimento com base nessas informações, são produtos da interpretação do próprio pesquisador. Assim, cabe pensar de que forma o método pode ser estabelecido para que a realidade concreta e psicológica possa ser estudada. González Rey (2002) insiste na necessidade de que a produção teórica gere permanentemente novas zonas de sentido no momento empírico, enriquecendo o referencial teórico, e que para que isso ocorra é necessário que se rompa com a lógica instrumental que legitima o valor científico dos resultados pelo tipo de instrumento utilizado, de forma a abrir espaço para a elaboração de idéias e produção de novos conhecimentos.

Durante o trabalho de campo elaboraram-se categorias de informações a partir do agrupamento de indicadores de sentido subjetivo que contribuíram para o desenvolvimento teórico e empírico, como parte da integração subjetiva do pesquisador no processo de pesquisa. Estas interpretações são utilizadas como *práxis* profissional, em que o pesquisador analisa os resultados de sua intervenção de forma a proporcionar mudanças nas intervenções futuras.

Essa organização das informações foi difícil, devido a dificuldade em romper com a análise descritiva. A elaboração e diferenciação entre indicadores de sentido subjetivo, categorias e núcleos de sentidos subjetivos, embora tenha sido prazerosa, foi também um trabalho exaustivo que envolveu freqüentes re-organizações das informações.

Os significados atribuídos aos diversos elementos que compõe o estudo, são elaborados pelo próprio pesquisador no contexto dos sujeitos e cenário estudado, e as zonas de sentido sobre o problema são desenvolvidos no próprio curso da

pesquisa. O pesquisador define estes valores e significados de modo a legitimidade essas zonas de sentido considerando sua interpretação de diferentes indicadores subjetivos.

Na opinião de González Rey, o desenvolvimento dos indicadores e a definição de categorias durante a pesquisa qualitativa podem ser os momentos mais criativos do pesquisador. A produção de pensamentos ocorre através de associações de idéias com o decorrer dos fatos de forma diferente do que foi encontrado anteriormente em outros estudos:

“A elaboração teórica é um processo gradativo que cresce por meio de sua própria história, na qual os dados e indicadores são re-significados em diferentes momentos qualitativos. A elaboração teórica se desenvolve em dois níveis relativamente independentes entre si, ainda que ambos se relacionem de forma permanente: o nível de produção teórica que acompanha o curso da pesquisa empírica, na qual a relação entre teórico e empírico não é linear nem isomorfa, mas irregular, contraditória e imprevisível, e o nível de produção teórica que caracteriza o desenvolvimento de uma teoria geral, que mantém relação ainda mais imediata e indireta com o empírico” (González Rey, 2002 p. 124).

O pesquisador interfere de diversas maneiras, sejam com base em comportamentos, expressões gestuais, emocionais ou verbais, e em especial pelo diálogo permanente com o participante da pesquisa. Momentos como as viagens de carro para cidades onde foram realizadas as competições, foram importantes fontes de informação sobre outros espaços sociais em que o atleta participa.

Para um melhor entendimento dos comportamentos e ações sobre técnicos e atletas foram realizadas entrevistas, questionamentos sobre determinadas situações com o objetivo de estimular o diálogo entre o pesquisador e o participante. As interferências foram planejadas antecipadamente e considerando as informações já existentes, pois dependendo do momento em que se realizasse a intervenção

poderia haver comprometimento do desempenho esportivo. Como exemplo desses momentos podemos citar minutos antecedendo a largada e intervalos durante o treino. O contato interativo do pesquisador-pesquisado em um importante momento para o sujeito pesquisado, proporciona ao investigador expandir com naturalidade dentro das relações e eventos que fazem parte da vida cotidiana do sujeito, conforme esclarecido por González Rey (2002).

Para este mesmo autor, o trabalho de campo é importante, na medida em que constitui um processo permanente de construção de relações e eixos de conhecimento dentro do ambiente em que o pesquisador desenvolve seu problema. Não se trata apenas de uma descrição e registro dos eventos ocorridos, mas de constante reflexão através de uma *práxis*, em que o pesquisador é estimulado a desenvolver idéias frente aos eventos, e conseqüentemente produz intelectualmente. O pesquisador passa a ser autor e gerador de conhecimento, e não apenas um registrador de dados, deixando de ser um indivíduo que re-confirma teorias e hipóteses. A participação ativa e interativa proporciona uma tensão emocional entre sujeito e pesquisador que influenciará na constituição dos sentidos subjetivos.

Considerando a importância dessa aproximação entre investigador e sujeito participante, quando houveram os primeiros contatos com os sujeitos, nos apresentamos como pesquisadores, e que o principal objetivo é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento da Psicologia do Esporte, e auxiliar a equipe no que fosse preciso nos treinos e competições. A participação se desenvolveu indo aos locais de treino e competições, auxiliando na tomada de tempo dos treinos de natação, bicicleta, e dando suporte no alongamento, na comunicação entre os

integrantes, fotografando e filmando as provas e acompanhando os atletas antes da largada. Essa atitude que no início foi muito bem aceita pela equipe e auxiliou na inclusão do pesquisador na equipe, posteriormente se tornou uma cobrança por parte da técnica, que anteriormente já afirmava necessitar de uma auxiliar. Embora nossa vontade fosse acompanhar a equipe em tempo integral, não somente pelo estudo mas pelo entusiasmo dos treinos e competições, isso não foi possível devido ao volume de tempo que esse acompanhamento requer, o que inviabilizaria a elaboração da tese.

Os treinos e competições foram acompanhados durante seis meses, e no quinto mês diminuiu-se as visitas no campo, buscando manter contato com a técnica.

Caracterização da Equipe Esportiva

Primeiramente foi realizado um contato com os técnicos esportivo com o objetivo de convidá-los a participar da pesquisa, apresentar os objetivos da pesquisa, e esclarecer as questões éticas envolvidas no processo investigativo. O primeiro técnico que manifestou interesse pelo estudo foi o escolhido, e nesse mesmo encontro pediu-se que ele lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo1). Posteriormente foi realizada uma reunião individual com cada atleta da equipe para convidá-los a participar também da pesquisa. Durante as reuniões, e após a explicação sobre os objetivos da pesquisa foi pedido que cada atleta lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo2).

Os atletas menores de 18 anos somente puderam participar após o esclarecimento da pesquisa para seus pais, bem como a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3).

Os atletas que manifestaram o desejo em participar foram convidados para um encontro em grupo com o pesquisador, que buscou criar um clima participativo e um vínculo positivo com o pesquisador, propiciando um cenário em que os atletas puderam se posicionar diante da pesquisa. Neste momento foram tratados os objetivos da pesquisa, as questões éticas envolvidas, o posicionamento dos atletas frente à proposta, bem como o sentido em participar da pesquisa. Por fim, os atletas foram convidados a assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os critérios para participação da pesquisa foi a disponibilidade da equipe que primeiramente manifestou interesse.

Sendo assim, participaram dessa pesquisa uma técnica de *triatlo*, do sexo feminino de 42 anos, solteira, formada em Educação Física. Ela participou de competições de *triatlo* em nível regional, nacional e mundial, sendo sua principal realização ter sido campeã no Mundial em 2004/2005. Atualmente ela é professora de *triatlo* de uma equipe de aproximadamente 40 atletas, e trabalha também em praça de esportes de uma cidade no interior do Estado de São Paulo.

A técnica possui uma consultoria esportiva, onde os atletas são alunos dessa consultoria. Ela trabalha de dia na praça de esportes e de noite na academia, onde ministra aulas de natação, tanto para seus atletas, quanto para alunos da academia que queiram apenas fazer natação.

A técnica não consegue acompanhar todos os treinos de toda a sua equipe, então ela elabora uma planilha de treino para cada atleta, onde consta a intensidade e o volume de treino. Essa planilha é entregue a cada atleta no final de cada mês ou da semana, dependendo do atleta. Os sujeitos desse estudo, constituem de atletas que participam dos treinos no período da tarde e da noite, possibilitando assim acompanhar o desenvolvimento tanto individual como em grupo durante a maior parte do tempo de treino.

Participaram desse estudo 7 atletas:

- Helena de 23 anos, solteira com formação Universitária. Ela participou de competições internacionais como o Campeonato Panamericano Sub 23, Troféu Brasil na categoria profissional, onde já conseguiu ficar entre as cinco melhores triathletas do Brasil. Essa atleta treina de 3 a 5 horas por dia;
- Diana de 15 anos, solteira com formação incompleta no ensino médio. Ela treina 3 horas por dia, está completamente satisfeita com suas realizações esportivas, e o maior nível de competição que participou foi o Mundial de *Aquathlon e Triatlo*;
- Patrícia de 18 anos, solteira com formação incompleta no ensino médio. Essa atleta treina 3 horas por dia, está razoavelmente satisfeita com suas realizações;
- Sofia de 17 anos, solteira com formação incompleta no ensino médio. Ela treina de 3 a 5 horas diárias, e o maior nível de competição que participou foi o Campeonato Brasileiro;
- Carolina de 33 anos, solteira, com formação superior. Ela treina 3 horas diárias e o maior nível de competição que participou foi o Iron Man;

- Rafael de 48 anos, casado e com formação superior. Ele treina de 3 a 5 horas por dia, e o maior nível de competição que participou foi o Panamericano de Triatlo e o Campeonato Mundial de Natação;
- e Tiago de 26 anos, solteiro com formação superior. Ele treina 3 horas diárias e sua maior realização esportiva foi a primeira colocação no Duathlon Aquático de Campinas. O melhor nível de competição que participou foi o Triatlo Short Distance.

Instrumentos

Os instrumentos selecionados para este estudo não foram completamente utilizados em todos os sujeitos, porque esta metodologia está centrada na qualidade da informação, e nos diferentes níveis de expressão dos sujeitos frente aos instrumentos. Considerando também as características de cada situação, e as necessidades encontradas durante a pesquisa, esse estudo considerou como relevante não à quantidade de instrumentos utilizados, mas a qualidade das informações apresentadas nos contatos e sua articulação com o momento empírico. Os instrumentos não possuem um caráter apenas descritivo do momento empírico da pesquisa, e sim de fontes de informação que são interpretadas pelo pesquisador, que deve através de sua interpretação buscar indicadores para o desenvolvimento de hipóteses, que por sua vez, fornecem permanentemente informações que permitirão ao pesquisador visualizar, indiretamente, informações ocultas aos sujeitos que estão sendo estudados (González Rey, 2005).

Após essa análise optou-se em utilizar os seguintes instrumentos para a realização da pesquisa:

Dinâmica Conversacional: Embora a pesquisa em psicologia nos tenha acostumado à entrevista, que de forma geral é usada a partir de um roteiro pré estabelecido, e é desenvolvida em uma sessão mais como ato de entrevista do que como processo de relacionamento, no presente trabalho usamos o termo conversação (Billig, 1990, González Rey 1999, 2005) para enfatizar o caráter processual e aberto das relações com os participantes, que foram facilitadas por temas gerais que o pesquisador apresentou com a finalidade de estimular a conversação, e o surgimento de novos temas que apareceram espontaneamente através das colocações dos participantes da pesquisa. Estas conversações possuem tanto um caráter formal, no espaço em que a atividade é desenvolvida, como informal, marcado com os atletas e/ou técnico em diferentes horários e contextos, de acordo com a aceitação dos sujeitos. O objetivo com o uso da conversação não foi apenas a produção de informação relevante ao tema, o que é essencial, mas buscou-se criar um sentido subjetivo em relação à pesquisa, o qual foi um processo complexo que com frequência se tem desconsiderado em outros tipos de pesquisa. Foi colocado tanto individualmente quanto em grupo, porque escolheram treinar com essa técnica, quais são os principais motivos que os levaram a escolher o triatlo, como eles avaliam a técnica. Houve momentos que foram necessárias conversas individuais, pois as dificuldades apresentadas permitiram explorar melhor a relação entre a atleta e a técnica, como o caso da desistência da Helena que não pode participar do Campeonato Mundial na China devido a uma lesão;

Complemento de Frases (anexo 4): Este instrumento permitiu que as informações fornecessem aspectos relevantes sobre a produção de sentido do sujeito, possibilitando ao pesquisador uma construção teórica a partir de indícios fornecidos por cada frase (González Rey, 2002, 2005). As frases permitiram que o sujeito se descentre da intencionalidade, facilitando a produção de indicadores de sentidos subjetivos. Os agrupamentos foram utilizados, desde que produzissem significados, os quais se integraram a outros trechos que permitiram uma interpretação das contradições do sujeito e o caráter complexo da construção das zonas de sentido (González Rey, 2005). Ao se agrupar as frases, teve-se o cuidado para não restringir as possibilidades de construções teóricas a partir de interpretações qualitativas. Os agrupamentos, segundo este autor, devem representar momentos e unidades de uma análise integral, e não representar o objetivo final do trabalho. Essencialmente o uso de instrumentos não está limitado a agrupamentos, mas a captar elementos singulares que permitam enriquecer o modelo em desenvolvimento da pesquisa. Elas devem representar principalmente uma ferramenta interpretativa e um momento na organização do processo interpretativo.

Em um primeiro contato com os sujeitos, foi realizada uma dinâmica conversacional com um grupo de atletas e posteriormente com a técnica individualmente. Neste primeiro contato, trabalhou-se com questões que fornecessem informações gerais sobre o significado do *triatlo* para cada membro, bem como sua análise sobre o papel da técnica para o atleta e para a equipe. Esta dinâmica teve duração de aproximadamente uma hora e meia com os atletas, e uma

hora com a técnica. Com essas informações e as observações subseqüentes, foi possível estabelecer as questões que foram trabalhadas individualmente e em grupo.

Posteriormente, foi elaborado um complemento de frases, que foi respondido pelos atletas e pela técnica, que acabou por ser uma das principais fontes de informação da pesquisa. Juntamente com o complemento foi elaborado um questionário de caracterização que foi respondido no local com o complemento de frases.

Delineamento do Ambiente de Estudo

O treinamento desportivo é composto por diferentes momentos: o de treinamento, da competição, da pós-competição. Esses períodos são variáveis, e seu estabelecimento depende tanto do calendário competitivo escolhido pela técnica quanto da modalidade esportiva propriamente dita, considerando sua história e nível de desenvolvimento no âmbito mundial e nacional. As necessidades encontradas em equipes esportivas, estão relacionadas aos recursos humanos e financeiros que o atleta, ou equipe possuem, os quais dependem das condições sócio-culturais em que a modalidade em questão está inserida.

De fato, o estímulo social e o estímulo financeiro, estão permanentemente articulados com a proeminência com que atletas e equipes surgem a partir dos seus sucessos em competições. A possibilidade de se adquirir mais recursos, é também, um ponto de discussões entre todos os sujeitos que participam do ambiente esportivo, seja direta ou indiretamente.

O conhecimento da história e do estágio em que o *triatlo* se encontra em termos de organização no Brasil, pode fornecer informações relevantes para a compreensão da produção de sentidos individuais e da equipe. O *triatlo* surgiu em San Diego, nos Estados Unidos, em 1974 em um clube de atletismo, onde os treinadores desta modalidade prescreviam treinos para seus atletas durante suas férias. Os exercícios prescritos eram constituídos principalmente de natação, ciclismo e corrida, e tinham o objetivo de realizar a manutenção dos desempenhos atléticos, ou no mínimo, desacelerar o processo de destreinamento. O volume de exercícios em cada modalidade era de aproximadamente 500 metros de natação, 12 quilômetros de bicicleta, e 5 quilômetros de corrida.

No ano seguinte, os atletas pediram ao treinador que prescrevesse os mesmos exercícios, e, por diversão, desafiaram os salva-vidas da cidade de San Diego para uma disputa envolvendo as três modalidades. Essa disputa contou com a participação de 55 pessoas. Os atletas venceram com uma significativa vantagem devido ao treinamento diário a que estavam submetidos.

Em 1976, os salva-vidas que participaram da disputa propuseram modificações, que consistiram em realizar a natação no mar a uma distância de 700 metros, enquanto que o ciclismo seria realizado na avenida próxima à praia, em um percurso de 15 quilômetros, e em seguida a corrida em 45 quilômetros. Naquela oportunidade participaram da disputa 95 pessoas, o que motivou a realização de mais três provas no mesmo ano.

A partir deste momento surgiu o *triatlo*, que ao longo dos anos foi modificado com relação às distâncias e às regras, o que permitiu a sua apresentação como esporte de demonstração nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984.

Posteriormente essa prova foi inserida como modalidade olímpica em 2000, no XXVII Jogos Olímpicos, realizados em Sidney, Austrália.

Outra prova que utiliza as mesmas modalidades (natação, ciclismo e corrida) é o *Iron Man*, que iniciou no Havaí e possui distâncias diferentes do *triatlo*. São 3.800 metros de natação, 180 quilômetros de bicicleta e 42 quilômetros de corrida. Essa prova teve seu início também a partir de um desafio após uma discussão em 1977, com o objetivo de determinar qual seria a prova mais extenuante e quais seriam os atletas que possuiriam melhores chances de conseguir ganhar a prova: se seriam os nadadores da travessia de Kailua, os ciclistas de Oahu, ou os corredores do Havaí.

Um ex-oficial da Marinha norte-americana, chamado John Collins, sugeriu que se reunissem as três modalidades em uma competição sem intervalo, para determinar qual o melhor atleta. Após alguns meses de treinamento, em 1978 foi realizado a primeira prova de *Iron Man*, que contou com a participação de 15 atletas e na qual foi vencedor o motorista de táxi John Háley. Hoje essa prova continua a ser realizada todos os anos no mesmo local, e conta com a participação de mais de três mil atletas de todo o mundo.

No Brasil, a primeira prova de *triatlo* foi realizada em 1983 no Rio de Janeiro, e contou com diversas modificações com relação às distâncias e às categorias. Atualmente o Brasil possui dezenove Federações Estaduais localizadas nas cidades de: João Pessoa (PB), Fortaleza (CE), Salvador (BA), Maceió (AL), Aracaju (SE), Natal (RN), Cuiabá (MS), São Luis (MA), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Palmas (TO), Belém (PA), Goiânia (GO),

Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). O Estado de São Paulo é onde se encontra a maior concentração de triatletas do país.

ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A Subjetividade da técnica e seu Impacto na Constituição da Equipe

Alguns indicadores interessantes surgem quando a técnica da equipe é questionado sobre sua participação simultânea como atleta e técnica em competições:

*Hoje eu não me vejo mais como atleta. Eu me vejo muito mais como um treinador que ainda compete, e por eu **conseguir bons resultados**, eles ainda me vêem como atleta. Eu não trabalho por isso (ser atleta), eu trabalho por eles.*

A partir da hora que você se vê como atleta você é meio egoísta, você tem que ser egoísta, você tem que estar em primeiro lugar em todos os momentos. A diferença de eu ter feito (triatlo) é que eu tenho noção do que está acontecendo com eles, e por isso consigo mais deles... talvez pela postura que eu tive quando era atleta.

Nessa fala, queremos destacar primeiramente as seguintes expressões:

conseguir bons resultados e você tem que ser egoísta, você tem que estar em primeiro lugar em todos os momentos.

A palavra “egoísta” designa um amor próprio excessivo, e que desconsidera os interesses alheios, ou seja, caracteriza aquele que trata apenas dos próprios interesses. Ela foi enfatizada pela técnica, como se esta característica devesse ser aprendida, desenvolvida e aperfeiçoada pelo atleta. A técnica que possui um histórico atlético com vitórias importantes, costuma ser avaliado pelo atleta como um modelo a ser seguido, que pode proporcionar as mesmas vitórias e uma carreira de sucesso, assim como reconhecimento social.

Entretanto, comportamentos egoísticos entre os integrantes de uma equipe, facilitam a subjetivação de uma forma de competição em que as necessidades

individuais são mais relevantes do que as conquistas obtidas pelo trabalho em equipe, e desvaloriza a importância dos processos sociais como fonte de sentido subjetivo para o próprio desempenho do atleta.

O processo de produção subjetiva em uma equipe esportiva em que o individualismo é predominante, e a busca de resultados do atleta sobrepuja os obtidos pela equipe, dificulta que cada integrante possa demonstrar certos comportamentos, que embora constituam a subjetividade individual da pessoa, podem ser avaliados pelos demais membros da equipe como fraqueza, colocando-o em desvantagem em relação aos outros. A desvantagem, em qualquer forma ou nível, em um ambiente de competição interna de uma equipe, permite que o atleta em desvantagem interprete uma pluralidade de sinais apresentados na forma de olhar, movimentos de corpo e timbres de voz dos outros membros da equipe como se fossem ameaçadores e repreensivos. O sentido que as diferentes experiências possuem para o atleta têm um valor subjetivo que não pode ser expresso através de uma interpretação racional, mas somente mediante uma construção interpretativa do pesquisador.

Consideramos que a palavra egoísmo, quando associada ao resultado, constitui um indicador de sentido subjetivo, pois a técnica considera mais relevante as realizações individuais do que as da equipe. A questão que se levanta a partir deste indicador é: como este aspecto interfere nos sentidos subjetivos de cada um dos atletas nesta equipe? Podemos realmente utilizar a designação equipe, ou seria melhor utilizar grupo?

Quando a técnica enfatiza a palavra “você”, também indica que o indivíduo deva se sobressair em relação ao grupo. Essa informação também é um indicador

de sentido subjetivo de como a técnica estabelece sua relação com os atletas que treina. As orientações dadas pela técnica aos seus atletas observadas durante a pesquisa de campo permitem levantar outros indicadores, pois, embora a técnica considere uma equipe, os atletas podem se tratar como adversários, constituindo assim um grupo que possui uma configuração baseada no resultado individual conseguido em competições.

Durante os meses que se seguiram, a técnica utilizou sua vida esportiva e sua experiência como exemplo, para quase a totalidade de situações de dificuldade encontradas pela equipe, em treinos e competições, sem que o atleta pudesse expressar-se enquanto sujeito diferenciado, e constituído de suas próprias experiências, e que poderia conseguir resultados iguais ou melhores, que aqueles que a técnica conseguira em seu passado.

A técnica utilizou suas experiências como fonte de “soluções” para os problemas encontrados pela equipe nas diversas situações de treino e competitivas, não permitindo análises alternativas que partissem dos atletas. Suas experiências esportivas e de vida pessoal foram utilizadas como exemplos a serem seguidos, colocando de fato, sua superioridade em relação aos atletas que treina. Os exemplos transcendiam o espaço social esportivo, envolvendo também pais, mães e cônjuges. Mesmo quando estas experiências eram discutidas entre a técnica e o(s) interessado(s), dificilmente estas eram rechaçadas, pois a técnica/ex-atleta apresentava os resultados (desempenho esportivo) adquiridos como muito significativos para a carreira. Essas soluções foram apresentadas pela técnica em diferentes momentos de forma direta e verbal, e sempre em situações importantes para um atleta individualmente, ou para a equipe. As opiniões da equipe, ou de cada

integrante, dificilmente eram escutadas com a devida atenção. Desse modo, a equipe não consegue se expressar autenticamente em seus aspectos subjetivos. A dinâmica toma um caráter autoritário centrada na técnica. Não se desenvolve uma subjetividade desde o social, que estimule o desenvolvimento do atleta e da equipe, a partir de um inter-relacionamento entre os mesmos.

Esse tipo de orientação da técnica não abre espaço para a aceitação da diversidade, levando a supressão da subjetividade individual e impossibilitando a melhora do desempenho esportivo, pois o mesmo não depende apenas do desenvolvimento físico que predomina a preparação do atleta, mas de sua motivação para a sua realização. A motivação, vem sendo estudada pela Psicologia do Esporte de modo dicotômico, em que o comportamento é conseqüência de um fator externo, conhecido como motivação extrínseca, ou de um fator interno, compreendido e nomeado como motivação intrínseca. Essa forma de interpretação desconsidera a complexidade da subjetividade apontada por Mítjans Martinez (2005), o que acreditamos ser importante para a compreensão da motivação individual, e do desempenho esportivo, independentemente do nível competitivo.

Posteriormente a técnica fala de seu passado e sua relação com seu antigo técnico:

*No começo da minha carreira **meu pai era técnico**, ele sempre fazia as coisas em grupo, falou em equipe, sempre falou que tem que ser amigo. Então eu cresci assim, sobe na baliza esquece que é amigo, acabou a prova, beija e abraça seu adversário. É isso que eu vivi.*

Surge aqui uma informação importante: seu pai foi seu técnico, e é dessa dupla função que decorre o modelo de técnico.

*Então **ele (pai) falava que eu devia me esforçar o máximo**, e eu sabia que depois de sair (da raia) ele ia falar (para cumprimentar), então sempre fui muito humilde.*

Tive uma carreira muito boa. Com 6 anos eu comecei a ganhar campeonato, mas ele falava (o pai) que eu tinha que ser humilde.

Quando eu comecei minha carreira eu era praticamente sozinha, eu nadava em água fria, não tinha piscina aquecida, então eu comecei a criar coisas na minha cabeça para que conseguisse treinar. Então a água está fria, que ótimo, ninguém vai treinar, então eu vou treinar e vou ganhar de quem não está treinando. Eu criava reforços psicológicos.

Eu comecei participando de provas sem treinar.....eu tinha que ganhar, quer dizer eu não tinha mas ganhava, foi uma fase da minha vida que eu não perdia mais....eu subia no podium e as meninas eram maiores que eu....meu pai me colocava para competir com meninas mais velhas, eu às vezes competia na categoria, infantil, juvenil e adulta, aí eu só fazia isso

Quando ela diz ***meu pai me colocava para competir com meninas mais velhas*** e isso se associa a ***eu tinha que ganhar*** ou ***eu não perdia mais***, ela fornece um indicador de sentido subjetivo do que considera importante, que pode ser generalizado para o que ela espera de seus atletas hoje. Competir e vencer as atletas mais velhas no início de sua carreira, e a importância do reconhecimento do pai/técnico, facilitaram a subjetivação de orgulho, esforço e vencer, que pode estar relacionado ao ganho de atenção, afetividade e aprovação. Quando ela enfatiza o vencer em circunstâncias difíceis, existe um indicador de sentido subjetivo sobre o significado da vitória para ela, e o que Mariana enquanto a técnica espera de seus atletas hoje. Quando isto é associado a individualidade, facilita um clima de grupo, e não de equipe, onde os atletas se tratam como adversários, que buscam o reconhecimento da técnica através de esforço expresso em forma de auto-sacrifício pessoais, e vitórias em competições. Além disso, o clima grupal, caso se acentuasse a individualidade, não facilitaria a “produtividade” grupal e individual, o que deve ser importante para qualquer atleta ou técnico.

Sendo assim, o clima grupal permanece com alterações a partir da subjetivação grupal dos resultados individuais, atenção da Mariana sobre cada atleta

nos treinos, e conseqüentemente das variações emocionais, explícitas ou não, de todos os membros nas diferentes situações em que surgem.

É importante ressaltar, que Mariana é reconhecida pelos membros do grupo por suas conquistas atléticas em nível nacional e internacional, o que facilita a sua imposição de certas normas de conduta em treinos. Isto leva Mariana se colocar como auto-referente quando compara suas realizações com as de seus atletas. Qual o impacto do posicionamento da Mariana sobre os atletas frente à desistência, falhas e possivelmente falta de “esforço”?

*Eu nunca paro em uma prova, eu demonstro para eles que isso nunca deve ser feito, como aconteceu na USP agora, furou o pneu na prova **eu peguei uma bike emprestada e terminei a prova. Eu falo que se tiver dor você tem que terminar a prova. Eu ensino pra eles, a prova termina na linha de chegada. Nem que você rasteje, pra dar mensagens positivas que você consegue acabar...** e os poucos que não acabam eles comentam entre eles, você (atleta) está pagando um preço caro na minha cabeça por isso, fica sempre na memória isso eu estar parando a prova. Eles vão com força do coração, com força da alma, do espírito, daquilo que vem de dentro para fora, e uma coisa que eu faço é que eu acredito em todos eles, acredito que todos eles podem, e talvez por isso eles conseguem (terminar a prova).*

Finalizar a prova, nem que tenha que rastejar, é considerado como um exemplo a ser seguido a todo custo, como Mariana mesma afirma fazer quando **pega a bike emprestada**, ou quando afirma que deve completar a prova com a **força da alma**. O esforço e a competição no sentido subjetivo dela são ressaltados novamente com essa sua fala. A relevância dos resultados para a técnica de alto-rendimento, revela uma contradição em nossa sociedade contemporânea, que, por um lado, expressa abertamente a preocupação com o “outro” e a importância da humanização do (e pelo) esporte, e, por outro, dá sinais de que os melhores resultados são mais importantes. Estes últimos estão subentendidos nas condutas de técnicos e atletas. Apesar de procurem manter uma imagem contrária, as intenções permanecem na busca de vitória e reconhecimento financeiro.

Outros indicadores de sentidos subjetivos reforçam nossa interpretação das informações, de como as diferentes situações esportivas de seus atletas, e os resultados alcançados são subjetivados por Mariana. Seu sucesso e sua visão individualista do esporte configuram um sentido subjetivo, que omite uma posição centrada no atleta e não no grupo, o que não facilita a configuração subjetiva da equipe. O desempenho e o esforço despendido para alcançá-los são valorizados, embora o resultado possua maior importância. O ambiente esportivo é um espaço de reconhecimento do sujeito, que se sente na obrigação de realizar estas atividades, com um grau de sucesso baseado em comparação de resultados de desempenho. A competição constitui um processo de produção simbólica, na qual os espaços esportivos e não-esportivos não podem ser compreendidos separadamente. A subjetividade social do esporte, em que o sujeito não é mais um praticante nas horas de lazer, mas sim um competidor, que obrigatoriamente deve procurar atingir melhores desempenhos a partir de níveis estabelecidos nas competições amadoras.

De fato, aqueles que não conseguem atingir estes níveis de desempenho sentem-se envergonhados e são recriminados por professores e alunos, e somente são incluídos após atingirem níveis de desempenho socialmente aceitáveis. Durante o período de desenvolvimento, a subjetivação da disputa esportiva pelo sujeito, altera sua avaliação de desempenho dos demais “concorrentes”. Após algum tempo de treino o sujeito alcança este nível de desempenho, e passa a discriminar os iniciantes. O sentido subjetivo se altera quando o sujeito é reconhecido pelos outros de forma diferente. O espaço esportivo e de atividade física, o sujeito é permanentemente estimulado a tratar os outros como concorrentes.

Quando um atleta não comparecia ao treino, independentemente de sua justificativa, Mariana reclamava e respondia que um atleta deve ir a todos os treinos. O auto-sacrifício, ou o sacrifício de outras atividades é valorizado pela técnica, e o atleta que cumpre essa exigência, tem melhor atenção da técnica. Este comportamento da técnica produz mudanças nos sentidos subjetivos do atleta, que se sente valorizado e nele vê um modo de se destacar na equipe. Por sua vez, se o atleta discorda, a técnica o considera como “sem futuro”, o que contradiz com suas falas explícitas na entrevista e no complemento de frases. Não há espaço para a expressão de suas diferenças, que podem gerar estados emocionais não competitivos com a disposição subjetiva que a prática esportiva requer. Essa desvalorização do diferente conspira contra a integração do sentido subjetivo da equipe.

Observa-se, por conseguinte, uma disputa dos integrantes da equipe pela atenção da técnica, na medida em que esta não proporciona um espaço de diálogo nem com os atletas nem com a equipe, configurando uma equipe que não possui nem uma identidade enquanto equipe. Os sentidos subjetivos grupais giram em torno da disputa entre seus integrantes pela atenção da técnica.

Embora durante nosso acompanhamento dos treinos, a técnica tenha afirmado que procura acompanhar todos os seus atletas durante os treinos, isso não ocorre concretamente. Há uma preocupação maior com os atletas mais experientes, e/ou que se destacam com melhores resultados nas competições. Portanto, a importância de cada atleta para a técnica e o grau de atenção que esta dá individualmente dependem dos resultados alcançados nas competições, mais do que o diálogo existente entre eles. Esse fato contribui para a construção da

configuração subjetiva da equipe, em que o individualismo, a falta de diálogo entre atleta-atleta, técnico-atleta, equipe-atleta e equipe-técnico, não permite a emergência do atleta enquanto sujeito. As conseqüências desse tipo de orientação podem ser avaliadas tanto por uma interpretação educativa, quanto do alto rendimento. A conseqüência principal do primeiro é a exclusão do praticante iniciante ou do intermediário, que por não possuir a atenção necessária não encontrará reconhecimento por seu desempenho nos treinos, ou mesmo por não existir conhecimento e reconhecimento de suas necessidades que podem estar relacionadas ao momento esportivo. E no alto rendimento, a exclusão pode ocorrer por livre e “espontânea” vontade do atleta, que não encontrou suporte para suas necessidades que perpassam outros espaços sociais.

O sentido subjetivo dos atletas sobre essas diferenças é legitimada pela importância da vitória, que está implícita nas condutas da técnica já discutidas anteriormente.

Em Rúbio (2006, p. 327) encontramos um relato importante de Virna, ex-atleta da seleção brasileira de vôlei, que precisou ficar longe do filho recém nascido para cumprir os longos períodos de treinamento e o calendário de competições. Ela afirmou que apenas conseguiu sentir-se tranqüila quando o técnico Bernandinho permitiu que seu filho permanecesse nas concentrações enquanto ela treinava. Esse fato, é um exemplo de como o desempenho do atleta não depende apenas do preparo físico, técnico e tático, mas que a subjetividade do atleta deve ser considerada como parte do desenvolvimento e preparação do atleta de alto-rendimento, e que os vínculos afetivos do atleta em outros espaços sociais são tão importantes quanto os relacionados com a equipe.

Na primeira competição da temporada de 2006, Mariana tinha expectativas sobre o retorno de Helena, que até então se encontrava afastada por lesão. Embora, a técnica procurasse demonstrar interesse por todos os atletas, claramente ela expressava maior preocupação com Helena, pois foi a única atleta que Mariana acompanhou antecedendo a largada e durante toda a competição. Mariana distribuiu os integrantes da equipe em pontos estratégicos para acompanhar o percurso da prova, com exceção da *bike* que possuía uma distância maior, e que não permitia um acompanhamento mais próximo devido ao número limitado de pessoas na equipe. Mariana controlou o tempo de percurso pelo relógio, e enquanto Helena não chegava, ela procurou por rádio e celular os outros membros da equipe para saber se Helena já havia passado em suas posições. O número de vezes que a técnica procurou os membros da equipe para saber onde Helena estava foi muito superior ao dos outros integrantes da equipe. Quando Helena chegou e disse que abandonou a prova, pois o pneu havia furado, a expressão facial de desapontamento de Mariana foi visível, mesmo para os outros membros da equipe. Esta expressão permaneceu durante todo o resto do dia, mesmo com outros atletas da equipe participando da prova.

A interpretação do atleta sobre o comportamento da técnica, e isto associado a um fracasso ou a um bom resultado que ela deixou de apresentar, facilitam a produção de sentidos subjetivos, que são expressos em forma de vergonha e decepção.

A técnica não consegue acompanhar seus atletas individualmente, e transmite sua reprovação com relação a determinados comportamentos e resultados, gerando assim, um clima de indiferença entre os atletas. De fato, a

conseqüência deste comportamento da técnica foi que o atleta, enquanto sujeito, não aparece, pois a técnica permaneceu como figura controladora do processo de treinamento e exclui a participação ativa do atleta. Quando o atleta apresenta comportamentos que fornecem um indicador subjetivo, a técnica interpreta como fraqueza e descomprometimento.

A técnica fornece alguns indicadores de sentido subjetivos ao dizer:

O técnico podia confiar, quando eu dizia para o técnico que eu estava com dor ele podia confiar porque eu realmente estava com dor. Talvez por isso eu não cobre tanto deles como muito técnico, porque eu já passei por isso.

Embora, Mariana afirme que acredita quando seus atletas reclamam de dor, houve momentos que ela avaliou a dor dos atletas como “competitite”, em analogia a uma inflamação, mas que são compreendido por Mariana como um estado de nervosismo e sinal de fraqueza do atleta diante da competição que se aproxima. Essa “competitite”, ou as reclamações dos atletas ocorreram de três a quatro dias antecedendo as provas. Observou-se que quase todos os atletas da equipe apresentavam esse comportamento. Este é um indicador de sentido subjetivo que perpassa o relacionamento técnico/atleta, e que se relaciona em uma multiplicidade de processos simbólicos e emocionais que caracterizam este espaço.

A equipe busca reconhecimento e diálogo com a técnica, mas não consegue, pois o reconhecimento somente se realizará se se considerar a vitória no sentido subjetivo da técnica, bem como os resultados apresentados individualmente e não em equipe. É importante frisar que a “competitite” não aparece isoladamente, praticamente todos os atletas procuram por Mariana uma semana antes da prova, para informar sobre alguma dor que sente. De fato, os atletas comparam suas dores, disparando um processo inconsciente de disputa interna entre os integrantes da

equipe, cuja intenção é o reconhecimento da técnica. A expressão do sentido subjetivo individual não se dá na dor, mas na forma como os atletas acreditam que os sintomas e sinais são interpretados por Mariana. O carinho, o toque da técnica no local de “dor”, facilitam a produção de sentimentos relacionados ao amparo. É relevante observar que Mariana sabe dessa subjetividade grupal, mas não dialoga com os atletas em grupo, mas sim individualmente, não gerando um clima de solidariedade grupal.

A disputa interna é compreendida pela técnica como disputa dos atletas por atenção e como resultado de sua competência técnica. A configuração subjetiva entre técnico e equipe se baseia nos processos simbólicos produzidos a partir da competição. A indiferença dos demais atletas no sentido subjetivo de cada atleta, somente se ameniza quando o resultado de um membro pode alterar o reconhecimento grupal, seja da Mariana, ou seja de outros grupos de competidores.

É importante também analisar que as dores que Mariana sentia quando atleta, o mesmo parece não se aplicar aos seus atletas, reforçando nossa interpretação de auto-referência, em que a subjetividade do atleta é suprimida pela técnica, quando a questão passa a ser o outro, e não ela mesma. A “competitite” é dos atletas, mas não foi algo que ela sentia. O esforço e as dores que os atletas sentem são avaliados por Mariana como momentos de fraqueza, falta de empenho ou de desistência. A competição e a importância da técnica em sentir-se vitorioso, é um produtor de sentidos subjetivos que orienta significativamente o processo de configuração desta equipe.

A subjetividade social exacerba um clima de individualismo e competição, onde o sujeito é o centro de sua própria subjetivação, gerando ciúme e inveja,

impossibilitando a estruturação de um tecido constituído por integração, complementação, e vontade de ajudar ao outro. A multiplicidade de fenômenos que constituem a subjetividade social levam o atleta a destacar o que possui de melhor e possibilite destacá-lo em relação aos outros.

Outro aspecto importante é a invariabilidade de assuntos que são discutidos entre os membros da equipe. O *triatlo* é o único assunto tratado nos diferentes espaços. Nos jantares que antecedem a competição, churrascos de confraternização no final de temporada, nas noites de preparação para prova e durante as viagens, os assuntos discutidos são sempre sobre o tempo que cada atleta fez na última prova, os adversários mais difíceis, as melhores *bikes*. As conversas com a técnica são sobre os treinos, e os competidores que serão enfrentados nas provas, e as dificuldades que foram sentidas durante a realização dos treinos. Quando há algum espaço para conversar sobre outro assunto, o assunto é desprovido de sentido subjetivo, onde a comunicação dá espaço para uma troca de informações sem significado.

A comunicação entre Mariana e seus atletas somente é orientada pelo *triatlo*, especificamente para a competição, ou seja, resultados que são comparados com os dela, sem que se avalie o sentido subjetivo que este resultado possui para o próprio atleta.

Diana (15) diz que:

Tenho medo: antes de todas as largadas, mas acredito que seja adrenalina pura, o que me ajuda a dar sempre mais de mim.

Devido à falta de espaço de diálogo entre técnico - atletas, não há orientação necessária sobre as necessidades e dificuldades encontradas durante sua vida

esportiva. Pôde-se observar que os atletas mais novos não possuem um período de conversa com a técnica sem que se fale sobre *triatlo*, o que no caso de Diana possui influência de expectativas da mãe e da técnica por ser considerada um novo talento.

A preparação dos atletas para a competição não é acompanhada por Mariana de forma sistemática, ou com uma aproximação emocional através de diálogos. Apenas os resultados são esperados por ela, e a comunicação se desenvolve a partir de uma ênfase na descrição e orientação dos treinamentos físicos e técnicos, onde o sentido subjetivo de cada atleta é desconsiderado durante seu desenvolvimento, tendo como conseqüência o *medo antes de todas as largadas* como Diana expressou. O desamparo citado anteriormente não se limita apenas a competição, mas ao treinamento também. Para cada atleta a segurança no sentido subjetivo se expressa de um modo diferente, e as relações que cada um necessita para sentir-se amparado são individuais, considerando sua compreensão da realidade.

Ser constituinte da equipe é poder expressar-se sem receios de reprovação e exclusão. A configuração subjetiva desta equipe poderia constituir-se por competição, desde que o sentido subjetivo individual não fosse suprimido pela busca de vitórias que tenham como conseqüência o ganho de afetividade da técnica. Se os atletas da equipe compreendem que o sentido subjetivo da técnica possui prioridade sobre seus próprios, e que a equipe somente existe para fornecer motivação a técnica, ou sua aprovação, então esta equipe deixa de ser uma equipe, e se transforma em grupo. Não existem sentidos subjetivos que estimulem a solidariedade, os vínculos pessoais nem a valorização do esforço coletivo, o que são essenciais para a definição de uma equipe.

Inconscientemente Mariana procura subverter a subjetividade dos atletas que orienta, através de um discurso elaborado a partir da sua subjetividade. Mariana, inconscientemente, tem como objetivo continuar a sentir o orgulho de vencer que sentia anteriormente.

O Momento Competitivo e sua Influência na Configuração Subjetiva da Equipe

No final da temporada houve uma prova cujos pontos ganhos ao final da competição, determinaria quem seria o atleta a terminar a temporada em primeiro lugar. Nesta prova participaram atletas de quase todo o circuito, devido à expectativa que gerava a disputa por conseguir terminar a temporada em uma posição melhor do ranking.

Durante esta competição a atleta Diana perdeu para uma ex – atleta, que saiu da equipe, juntamente com sua irmã, após uma séria discussão com a técnica sobre patrocínio. Esta discussão ocorreu algumas semanas antecedendo o início da pesquisa, e por isso não houve tempo para que estas atletas participassem como sujeito deste estudo. Mas, durante as competições subseqüentes que a equipe participou, estas atletas estavam sempre presentes, e embora a equipe tenha sido sempre cordial com as ex – companheiras ao mesmo tempo faziam comentários sobre as possibilidades de Diana ganhar.

Havia expectativas da técnica e da equipe para que Diana ganhasse, pois demonstraria a superioridade da equipe, e principalmente da técnica. Entretanto Diana perdeu a disputa, e a técnica, a equipe e a mãe da Diana demonstraram

sinais de desapontamento. Durante o final da prova, na corrida, um indicador importante apareceu quando a equipe analisou o cronômetro e calculou que Diana não conseguiria vencer, e mesmo antes da terminar a prova estes já não mais motivavam Diana com seus gritos e não a acompanhavam com o mesmo entusiasmo de antes do início da competição. Ao término da prova a técnica não conversou com Diana, e a mãe demonstrou sinais de desapontamento, que pôde ser observado no momento em que Diana ainda corria.

Após esta prova, a técnica deu férias aos atletas, e durante este período Diana relatou que se questionou sobre sua possível desistência de competir em provas de *triatlo*. Diana disse:

...eu pensei em desistir, porque é difícil ver todos os meus amigos de fora do triatlo saindo e eu tenho que treinar. Mas depois eu conversei com minha mãe e resolvi voltar a treinar

Depois de um tempo treinando a gente acostuma e volta à rotina.

Diana teve apoio e estímulo da equipe, técnico, e de sua mãe durante toda a temporada, mas quando ela não cumpriu as expectativas na última prova, o sentido subjetivo produzido associou-se ao fracasso e desistência do esporte. Não apenas pela derrota, mas pela decepção, apresentada nas expressões faciais da equipe, técnico e mãe, nos cochichos em pares, e falta de contato visual com entusiasmo que anteriormente existia. Essas complexas redes de “pequenos detalhes” cotidianos são as responsáveis por uma produção de sentido subjetivo que bloqueia ou limita o atleta, sendo um momento essencial e aparentemente despercebido da subjetividade social.

Considerando toda a emocionalidade que Diana sentiu nesta última prova, quais seriam os pensamentos, dúvidas e emoções que estes sentidos subjetivos

produziriam nos treinos e nas competições subseqüentes? Como Diana interpretaria os olhares e falas de seus companheiros de equipe, técnico e sua mãe nos próximos treinos? Não ter conseguido suprir as expectativas anteriores produzem um sentido subjetivo onde a vergonha, insegurança, e medo da exclusão são possíveis emoções e pensamentos que Diana sente, e que interferem em seu desempenho. Como Diana subjetivaria todas estas informações e indicadores presentes no momento esportivo, e que forma tomaria sua configuração subjetiva? Somente quando conseguir uma vitória significativa para todos, é que o sentido subjetivo de Diana será alterado, permitindo que ela interprete a equipe de forma menos ameaçadora.

Como qualquer processo de subjetivação das experiências anteriores, o desapontamento da técnica e da equipe com relação a sua derrota na última competição, produziram reflexões sobre outras possibilidades além da esportiva. O sentido subjetivo produzido pela técnica sobre o *triatlo*, e possivelmente sobre o esporte, configuram uma forma de equipe que baseia suas relações a partir dos resultados pré-definidos por ele, em que o atleta sente-se na obrigação de atingir estes resultados.

A desistência de Diana somente não se concretizou, pois sua mãe a convenceu a continuar.

Esta situação nos permite levantar uma questão importante. Todos os participantes do ambiente esportivo, sejam eles diretos ou indiretos, também participam de outros sistemas sociais. A influência destes participantes é tema de nossa próxima análise em um capítulo subseqüente intitulado a Interferência da Família na Formação da Subjetividade do Atleta.

No complemento de frases que Mariana respondeu encontramos as seguintes respostas:

*Esforço-me: para dar a **atenção necessária a todos os que me procuram**. Fazer o melhor que posso a cada momento, **não deixando escapar oportunidades**.*

*Meu **sonho**: como técnica é **fazer um atleta olímpico**, e como **atleta** realizar uma **grande prova** (travessia do Canal Mancha ou um Double Iron Man).*

Aspiro: formar bons atletas.

Mariana se preocupa em dar atenção aos indivíduos que a procuram durante toda a noite em que ministra treinos de natação. Na academia suas aulas devem ser ministradas como aulas de natação, tanto para pessoas que treinam *triatlo* com ela, como para pessoas que apenas querem nadar junto com os triatletas. Nas frases acima ela afirma que dá *atenção necessária a todos que a procuram* mas somente para aqueles indivíduos que possuem potencial, e assim *não deixando oportunidades escaparem*. A manutenção dessa atenção dependerá dos resultados que o indivíduo apresentar durante os treinos, que é avaliado por Mariana através dos tempos conseguidos na natação, *bike* e corrida, e posteriormente nas competições. Para ela, *formar bons atletas*, e principalmente, *fazer um atleta Olímpico*, são os objetivos que na realidade ela tem procurado alcançar. Esse indicador de sentido subjetivo é importante ao ser relacionado com os outros que se seguem:

*Conflitos: às vezes **tenho pequenos conflitos por parecer que me falta tempo**. O dia é pequeno demais para tudo que planejo executar. Durmo menos para viver mais.*

*É **difícil: lidar com pessoas que tenham idéias muito diferentes da minha**. Idéias voltadas para coisas materiais e racionais.*

***Prefiro: não brigar a vencer em situações cotidianas, e brigar para vencer em todas as competições.** (não gosto de perder por incompetência).*

A subjetividade da técnica permanece sendo mais importante do que a dos atletas, e por isso *é difícil lidar com pessoas que tenham idéias muito diferentes da*

dela, o que representaria se sujeitar a subjetividade dos “outros”, e por isso ela *prefere não brigar*. Mas como é impossível para as pessoas se sujeitarem completamente à vontade da Mariana, ela possui às vezes *pequenos conflitos por parecer que falta tempo*. Esses indicadores de sentido subjetivo são articulados com os núcleos elaborados anteriormente. A produção simbólica de atitudes e ações não passam despercebidas pelos atletas, como podemos analisar no que Rafael (48) escreveu logo a seguir:

Meu técnico: não é meu técnico, é uma pessoa que tem seus interesses acima daquilo que entendo ser técnico.

A vitória: é corrupta.

Não consigo: entender as inverdades.

É difícil: ser você mesmo na atividade competitiva.

Gostaria: que as pessoas buscassem a felicidade sem torcer pela derrota dos outros.

Conflitos: no estabelecimento de objetivos desportivos, onde o que impera nem sempre é minha própria vontade.

Rafael é o sujeito com idade mais avançada que participou dessa pesquisa. Ele já foi atleta de alto – rendimento na natação, e tornou-se professor Universitário no curso de Educação Física. As frases acima fornecem informações sobre os sentidos subjetivos do Rafael em relação a Mariana e ao esporte. Sua experiência com outros técnicos e sua idade permite que Rafael subjetive os processos simbólicos existentes nos comportamentos da Mariana, diferentemente do que encontramos nos outros integrantes da equipe até esse momento do nosso estudo. O sentido subjetivo de Rafael em relação a atividade esportiva se integra por emoções e processos simbólicos diversos, que formam indicadores de sua expressão que mesclam com o clima da equipe, questionamento a valores da prática esportiva, e sua forte individualidade. Em relação a este último aspecto a expressão *Gostaria: que as pessoas buscassem a felicidade sem torcer pela derrota*

dos outros constitui um indicador muito forte para afirmar como o individualismo é sentido por ele no contexto dessa prática.

Quando a técnica expressa que procura dar atenção a todos os atletas, Rafael distingue no dia-a-dia de treinamento e competição, de que a “mensagem” que a técnica é um sujeito preocupado com o desenvolvimento de cada atleta, mas que o sentido subjetivo existente por trás dessa “mensagem” é a utilização dos resultados obtidos pelos atletas para conseguir reconhecimento dos “outros” (atletas, pais dos atletas, adversários e equipe). O comportamento de Mariana somente pode ser percebido pelos processos simbólicos produzidos na diferença de seu comportamento com Helena e dos demais atletas, em diferentes momentos, demonstrando protecionismo de Mariana em relação a Helena.

Ressaltamos nesse momento, a importância da experiência de Rafael na constituição de sua subjetividade e na avaliação da técnica. Sobre seu passado esportivo ele disse na entrevista coletiva:

“... querendo ou não, (o atleta) é um ser humano e não uma máquina.”

“Pra mim o técnico não é um conselheiro, ele tem que cumprir determinadas coisas. Tem que fazer com que um atleta seja um atleta. ... é isso que falo que é bom senso, tem que entender que a pessoa é uma pessoa e que há coisas além do treino...”

“vejo o técnico como amigo sim, mas não necessariamente como meu amigo em primeiro lugar ele deve ver o atleta como atleta, aí entra o bom senso.”

A importância da humanização do treinamento foi discutida anteriormente no capítulo de Subjetividade e Esporte, e abordado por Valdés e Brandão (2005), e a frase acima expressa exatamente o que esses autores afirmaram quanto a necessidade do atleta ser reconhecido como sujeito. Por ter maior experiência como atleta, e tempo de vida, o sentido subjetivo sobre o esporte, é atualmente para Rafael, um espaço de realizações que perpassam o momento esportivo, e não mais

um momento competitivo, mas de realizações pessoais. Entretanto, existem indicadores de sentido subjetivo quando ele escreve:

*Meu **sonho**: participar de **desafios maiores** como Iron Man e Double Iron Man*

O triatlo: é uma filosofia de vida.

*As vezes: **sinto vontade de fazer mais e mais.***

***O medo: é um breque** na ambição e me faz ir com calma.*

A competição: é a maneira de viver.

***Quando treino: fico feliz** por passar por um momento de conquista imediata.*

*Esforço-me: para **estar feliz.***

Prefiro: levar a vida do que deixar que ela me leve.

*Os **outros: são o suporte** do companheirismo.*

Os destaques apontados nas frases são indicadores de sentidos subjetivos onde os resultados são importantes para Rafael, mas principalmente no que se refere aos desafios que ele se propõe e que possuem um significado para a sua realização pessoal. Por sua idade mais avançada dentro da equipe, suas conquistas são compreendidas de forma diferente do que o resto da equipe, principalmente por ele se reconhecer como indivíduo que, embora goste do *suporte dos outros* o importante é ele estar feliz. Ao mesmo tempo Rafael reconhece também a necessidade de treinar respeitando seus limites individuais, justamente por possuir idade mais avançada que os companheiros de equipe, e que deve, então, considerar os riscos envolvidos nos treinamento para competição, mesmo possuindo um bom preparo físico, e por isso *O medo: é um breque na ambição e me faz ir com calma.*

Rafael ainda escreveu:

Orgulho-me: de ser o que sou.

Essa frase é importante no sentido de tudo o que ele vem colocando na entrevista e complementos, que o diferencia da equipe, que é a confiança no próprio

reconhecimento de suas escolhas, e o que espera de si mesmo e do esporte, e de que modo esses se configuram na sua identidade enquanto sujeito.

Mariana (técnico) escreveu:

*Os **outros**: atualmente todos os outros são atletas que **direta ou indiretamente dependem do meu trabalho**.*

As vezes: tenho vontade de ter outras atividades.

Vencer: é consequência de um trabalho sério e de muita abdicção.

A frase acima reforça a confirmação da hipótese elaborada de que a transição de carreira de Mariana, possui ainda aspectos que não foram resolvidos. Por diversos momentos durante as entrevistas, Mariana relatou sua vontade de conseguir tempo para realizar atividades que havia abdicado enquanto atleta.

Durante o mês de dezembro e início de janeiro Mariana propôs que cada um poderia se afastar de férias durante 15 dias, e que ela se afastaria também deixando as planilhas de treinamento com cada atleta. Próximo ao dia em que viajaria Mariana relatou que queria ficar sozinha, sem os atletas que orientava, mas que não seria possível, pois alguns deles iriam com ela viajar. Sua viagem que deveria durar 15 dias, não passou de 4 dias, pois ela retornou dizendo que estava incomodada com a alta temperatura da cidade onde tinha ido.

O interessante é que por diversas vezes ela relatou a dificuldade de conseguir tempo para realizar atividades que não possuem relação com o triatlo, situação que ocorreu no início de sua carreira, quando participava de competições de natação, e iniciou a prática do triatlo como atividade em que poderia realizar sem que houvesse pressão por resultados.

No complemento de frases Mariana escreveu:

*Tenho medo: **da morte**. Não pela passagem em si, **mas sim de não ter dado tempo de alcançar todos meus objetivos. De deixar “meus atletas” órfãos.***

Meu maior desejo: conseguir ajudar meus atletas a atingirem seus objetivos.

Luto: para acordar todos os dias com motivação para ter novas idéias e fazer todos atingirem suas metas.

*Ser atleta uma missão, **uma luta pessoal** diária.*

Embora ela escreva que seu *maior desejo é conseguir ajudar seu atletas a atingirem seus objetivos*, inconscientemente, o que ela quer é conseguir realizar o próprio desejo: *formar um atleta Olímpico*. Quando relacionamos o *medo da morte com não dar tempo para alcançar todos os desejos dela*, e deixar os *“seus atletas” órfãos*, entendemos que a morte é um momento que podemos considerar como um fim, em que não há possibilidade de se atingir os seus objetivos. O medo então se refere a não conseguir alcançar seus objetivos. Quando Mariana afirma lutar *para acordar todos os dias com motivação para ter novas idéias e fazer todos atingirem suas metas*, é outro indicador de sentido subjetivo relativo ao seu interesse e determinação, que pode ser analisado tanto como uma característica importante em um técnico que busca resultados competitivos, como uma justificativa para se utilizar qualquer método ou meio para se alcançar esses resultados. Embora a técnica deva considerar os valores éticos, sua busca por resultados competitivos é considerado, em geral, o principal objetivo de sua profissão. A dificuldade existente no trabalho da técnica, são as conseqüências que a competição pode ter para jovens que não continuem a competir, e o impacto das experiências competitivas que ele (a) vivenciou.

Ainda considerando o complemento de frases de Mariana encontramos:

*Minha ambição: **tenho ambições espirituais e não materiais**. Fico muito “mais feliz” em ver a satisfação das pessoas que trabalho que o retorno material que isso possa me trazer.*

*Gostaria: de **ter muita “grana” para ajudar atletas**.*

A equipe: deve ser algo parecido com o significado da palavra família. Devemos cultivar na equipe amizade, amar, companheirismo e a vontade de vencer (derrotar) somente no momento de competição.

Não consigo trabalhar com injustiça e conviver com sentimentos ruins. Os sentimentos que não “cabem” no meu dia: inveja, mentira e injustiça.

Mariana considera todos a sua volta como competidores e por isso há uma forte disputa com outros técnicos, onde ela procura orientar seus atletas de forma que eles não tenham contato com outros técnicos. Quando um dos atletas conversa com um técnico ela não fica do lado, e os comentários são sempre negativos, o que é mais um indicador de seu padrão de comunicação, controlador e centrada nela mesma.

A Família como Aspecto de Sentido Subjetivo Desconhecido na Lógica Tecnicista e Autoritária do Técnico

Os sentidos subjetivos que aparecem na prática esportiva são perpassados pelos sentidos subjetivos produzidos em diferentes espaços sociais da vida do atleta. Assim, a vida familiar, a relação com os pais e o cônjuge que estão mais próximos do atleta, podem ser muito significativos para os sentidos subjetivos do esporte. Também o nível de envolvimento de fãs com alguns atletas pode ser significativo, e fonte de alterações importantes na produção de sentido do atleta e configuração da equipe. Nesta concepção da subjetividade, múltiplos espaços de vida social do atleta podem se converter em elementos relevantes para o sentido subjetivo que se configura ao redor do esporte. Assim, se compreende o sentido subjetivo como uma produção que não é isomórfica nem linear com a ação presente. A experiência atual pode se tornar um sentido subjetivo pela configuração subjetiva que emerge no momento atual da ação do sujeito.

Logo no início da pesquisa de campo foram realizadas reuniões individuais com os pais dos atletas com idade menor de 18 anos, com o objetivo de esclarecer os objetivos do estudo, e pedir que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Nestas reuniões os pais apresentaram-se entusiasmados com a vida atlética dos filhos, e com expectativas em relação à pesquisa, e as contribuições que esta poderia proporcionar com relação ao desempenho atléticos dos filhos nas competições.

Encontramos pais que não participavam diretamente do dia-a-dia dos treinos e competições, mas que auxiliavam financeiramente, mães e cônjuges que compareciam nos treinos de natação e nas competições. Neste estudo, o nível de interferência da família não se limitava ao atleta, e sim nas decisões do técnico que procurava manipular os atletas colocando - os em uma situação de desconfiança com relação à intenção dos pais. A técnica utilizava os recursos financeiros que conseguia, através de bolsa atleta (desconto no pagamento recebido pelas planilhas de treinamento) e patrocínio, como forma de coerção dos atletas a seguirem suas orientações, sobrepondo suas idéias acima dos pais dos atletas.

Durante o treinamento a técnica disse:

...olhá lá! Os pais vieram quase todos para saber sobre o patrocínio. Eles não vem nunca, mas hoje que eu vou conversar com os atletas sobre o que consegui, os pais vieram....eles só vem quando e para falar de dinheiro.

Nós havíamos discutido anteriormente sobre a necessidade da técnica ser reconhecida como principal responsável pelos resultados alcançados por cada atleta. A técnica sente-se ameaçada com a aproximação dos pais no ambiente de treinamento, pois o patrocínio conseguido por ela é fruto de suas realizações e resultados. Este é um indicador de sentido subjetivo já discutido anteriormente que

está relacionado ao controle que ela busca manter sobre seus atletas. A técnica procura estratégias diferentes para manutenção deste controle de acordo com a situação que encontra no cotidiano de treinamento, como por exemplo, o caso do patrocínio.

Durante nossa entrevista individual, a técnica respondeu:

...eu já peguei o boletim deles, eles trazem pra me mostrar que estão indo bem na escola. ...a gente é meio família, fica todo mundo junto

Não tenho dificuldade entre a minha pessoa e os atletas, talvez entre eles os pais em relação às expectativas. E isso gerou uma dificuldade com a equipe.

A longa permanência da técnica junto ao grupo de atletas estudado, e as críticas que ela fez sobre as atitudes dos pais, configura um processo de produção de sentido entre seus membros, desenvolvendo um forte vínculo emocional entre a técnica e os atletas, como é o caso da “competitive”, levando a uma disputa deste com as demais pessoas que participam da vida do atleta em outros espaços. Mariana e Helena, através da consultoria esportiva, procuram um hotel ou uma pousada para que o grupo permaneça na noite antecedendo a competição. Na primeira vez que acompanhei o grupo em uma competição, na prova de Meio Iron Man realizado na cidade de Pirassununga, houve problemas entre um atleta e sua noiva que permaneceu com ele no mesmo quarto. Na noite antecedendo a competição, a noiva do atleta queria que ele desse mais atenção `a ela, mas ele justificava que estava se concentrando para a prova do dia seguinte. Todos os atletas permaneceram até aproximadamente as duas horas da manhã acordados, organizando os materiais, preparando as bikes, conversando sobre a prova, enquanto uma das atletas, formada em fisioterapia, fazia massagens nos demais membros do grupo.

Contudo, Mariana não permaneceu junto aos seus atletas, e criticou a presença da noiva pois isso desconcentrava o atleta, e que *se ela quiser ir com ele às competições, então ela tem que entender*. Quando o nível de importância do esporte para o atleta aumenta, então as interfaces entre os espaços sociais se estreita, aumentando a disputa entre os membros da equipe e os participantes indiretos. Quando há um membro da família de uma atleta, que não participa frequentemente desse espaço social, além de haver o distanciamento da técnica em relação ao membro da família, e falta de suporte da técnica em orientar o atleta sobre como explicar a esse membro sobre o ritual pré-competitivo, isto gera tensão não somente entre atleta e parente, mas entre grupo e o parente. O parente pode sentir vergonha e frustração por acreditar que está atrapalhando, além de ciúmes por querer atenção, e falta de apoio do atleta-parente. Por outro lado, a produção de sentidos subjetivos da equipe com relação ao parente, são de reprovação, as vezes de indiferença e de suporte a decisão da técnica.

Considerando a entrevista, Mariana afirma que lê o boletim dos atletas, a técnica procura demonstrar sua aproximação com os atletas, em que o boletim é referencia de um controle parental sobre seus filhos. Este comportamento da técnica é produto de sua subjetivação da situação de ler o boletim, e comparar-se como um membro familiar.

No momento em que a técnica afirma não possuir dificuldade com os atletas, e ao mesmo tempo afirma que as expectativas dos pais com relação ao desempenho dos atletas gera dificuldades na equipe, um relevante indicador nos é apresentado: a técnica demonstra reprovação com relação ao comportamento dos pais e sua isenção de culpa com relação a este assunto.

Em seguida ele diz:

*Essas dificuldades com os pais só existem porque **eu não tenho tempo de trabalhar com os pais** (risos)... não tenho tempo de fazer. Talvez eu pudesse fazer uma confraternização para eles **conhecerem melhor meu trabalho**, para que isso não aconteça (dificuldades, e diferenças entre expectativas). Tem pais que eu nem conheço.... a faixa etária dos 15, 16, 17, 18 anos é mais complicado.*

De fato, constata-se que não existe uma subjetividade social que permite falar de equipe. Os atletas não falam de seu sentido com Mariana, que considera isso como debilidade. O grupo tem assuntos a serem dialogados com Mariana, mas esta não permite uma expressão pessoal descentrada. O que possui significado para os outros não são motivo de interesse para a técnica, que se relacionam com os sistemas de conversação que apresentamos anteriormente. Não existe nada fora do treino e a atividade física que parte da atividade social do grupo.

Ela admite que não se comunica com os pais, mas quando surge uma oportunidade, esta é desconsiderada, pois é compreendida como oportunismo dos pais. Este indicador corrobora com nossa interpretação da auto-referência que a técnica constrói sobre si mesmo, e o sentido de controle sobre seus atletas, e conseqüentemente sobre os resultados que busca construir.

Quando a técnica diz que gostaria de conversar com os pais, seus objetivos foram de apresentar seu trabalho, e possivelmente seus resultados, é um indicador de sentido que reforça sua busca por reconhecimento e orgulho dos pais, que conseqüentemente expressariam sua satisfação com relação ao trabalho desenvolvido. Este indicador se configura com os indicadores de sentidos envolvido na relação entre seu trabalho e o orgulho por seu esforço, apresentados anteriormente, formando um tecido de sentido subjetivo, que orienta a criação de novas estratégias de manutenção destes sentidos.

Foi perguntado `a técnica se a proximidade dos pais com o meio esportivo era um complicador. Ele respondeu:

*Eu não saberia dizer. **Todos eles (os pais) acompanham.** Eles levam o que acontece na prova para dentro de casa. Talvez seja alguma coisa de status, ou alguma coisa que eles queriam ter ou ser para os filhos, e aí é complicado. **Você vê muitos pais usando** o triatlo para conseguir escola, academia e coisas de graça. Para manter um padrão que ele (o pai) não conseguiria ter, e assim os filhos viram um comércio. Você vê muitos atletas que não querem mais treinar, mas que permanecem para manter um padrão que o pai quer que mantenha. O pai diz ao atleta “se você parar você não vai mais poder ir pra escola, vai ter que trabalhar, não vai mais pra academia.” É tanta coisa que ele (o atleta) perde que ele resolve continuar.*

A avaliação da técnica sobre o comportamento dos pais expressa como a subjetivação do espaço esportivo é gerenciado por ela. Os sentidos subjetivos que perpassam e se desenvolvem na relação entre o atleta e seus pais, não somente são desconsiderados pela técnica, como esta compreende que este vínculo emocional é um complicador, pois causa instabilidade no seu controle dos atletas, e conseqüentemente reduz as chances de se conseguir os resultados esportivos e o afeto de seus atletas. As críticas que ela faz aos pais são indicadores de ciúmes que geram competição afetiva entre os pais e a técnica com relação ao filho atleta. Nesta disputa, a técnica utiliza o seu controle sobre as bolsas e o patrocínio cedidos por ela aos atletas, para manter controle sobre os atletas. A efetivação deste controle somente pode ser avaliada a partir do sentido subjetivo do atleta sobre a significância que o *triatlo* possui para cada um, e pelo significado que são atribuídos ao treinador, em suas conquistas em geral, de que forma este sentido se configura com as necessidades e expectativas destes neste e em outros espaços.

As informações adquiridas a partir do complemento de frases dos atletas fornecem indicadores sobre o nível de influência da família no esporte, e como os sentidos subjetivos do atleta se configuram a partir de suas experiências nestes dois sistemas.

No complemento de frases a atleta Helena escreveu:

Meu pai: *um homem apaixonado por esporte que se vê realizado quando fala de sua filha para os amigos.*

E durante a entrevista Helena disse:

O meu pai pagou até hoje de 100 inscrições, só 5. A primeira bicicleta foi ele que pagou, por volta de R\$ 3500,00. Ele achava que eu devia fazer esporte, pois isso era importante, mas a faculdade era mais importante. Com o tempo eu comecei a investir muito no triatlo e para que ele continuasse a me apoiar eu tinha que mostrar que estava indo bem na faculdade. Meus pais não enchiam o meu saco.

Em relação aos pais podem-se identificar elementos afetivos e construções da técnica que na sua inter - relação levam a uma configuração subjetiva que de forma pratica poderia se expressar através da articulação entre: rivalidade, crítica, ciúme e competição. Em seu conjunto, essa configuração representa uma barreira subjetiva para a comunicação com os pais que, por sua vez, limita o aproveitamento da técnica desse espaço de relação, para produzir novos sentidos subjetivos que, direta ou indiretamente possam contribuir com a realização esportiva da equipe.

Diferentemente do que foi relatado pela técnica, Helena (23) diz que o pai não somente a apóia como não parece causar nenhum problema para sua carreira. Entretanto a técnica enfatizou em diferentes situações durante os treinos que os pais de Helena buscam através de diferentes formas desmotivá-la de sua carreira esportiva. Estas informações reforçam o indicador de disputa da técnica com os pais de Helena.

Helena é a atleta melhor colocada no ranking e com melhores resultados da equipe, e única pessoa considerada pelos demais sujeitos como a única atleta da equipe, segundo entrevista realizada com o grupo. Esta atleta participa da organização da empresa de consultoria esportiva da técnica, e por isso permanecem

a maior parte do dia juntos. Dentre os pais criticados pela técnica, o comportamento dos pais de Helena foram os mais citados. A reprovação da técnica foi direcionada aos comportamentos dos pais no ambiente escolar e esportivo, onde ela julga seus próprios comportamentos como mais importantes para o futuro de Helena.

A competição é um outro momento em que a família interfere na produção de sentidos subjetivos do atleta. Na nossa análise do momento competitivo apresentamos informações sobre a pressão da equipe, e da mãe sobre a atleta Diana, para que ganhasse de um ex-atleta da equipe. A resposta apresentada por Diana, nos possibilitou elaborar algumas construções sobre a relevância destes diferentes sistemas de participação do atleta, e como eles interferem na produção de sentidos e na configuração do sujeito. Os sentidos são as formas de subjetivação de todas as experiências vividas pelo sujeito, a forma em que essas experiências se desdobram numa produção simbólico emocional, que é organizado sempre dentro da subjetividade atual do atleta. Os sentidos da prática esportiva estão perpassados pelos sentidos de outras atividades e afetos do sujeito.

Nos complementos de frase Diana escreveu:

*Meu sonho: é chegar às **Olimpíadas**.*

*Minha: ambição é **ser a melhor triatleta brasileira/mundial**.*

*Vencer: apesar de falarem que participar é importante independentemente do resultado esse é meu objetivo: **VENCER SEMPRE**.*

Nestas falas vemos como o *triatlo* é importante para Diana, mas ainda não há indicadores dos sentidos subjetivos envolvidos. Contudo, posteriormente encontramos:

*Os outros: me apóiam e **me admiram** pela dedicação e força de vontade.*

*Às vezes: **me pergunto se todo este esforço vale a pena**, mas logo me lembro de todas as **minhas conquistas** e acredito que vale muito.*

***Perder: faz parte, apesar de ser horrível** para mim.*

Neste momento há indicadores relevantes sobre o sentido subjetivo envolvido quando o *triatlo* é citado. Diana escreveu que *todos me apóiam*, mas não foi o que ocorreu quando ela perdeu a competição. Ao contrário, houve decepção por parte da mãe, técnico e dos membros da equipe. As frases acima indicam o sentido que o reconhecimento dos *outros* é importante para Diana, e que somente aparece se ela apresenta resultados que atendam as expectativas dos *outros*. O sujeito, suas necessidades emocionais, são suprimidos, e o *perder* (que é *horrível*), possui um sentido subjetivo não apenas de perda da competição, mas do reconhecimento daqueles que possuem forte vínculo afetivo, e por isso é *horrível*. Mas como o *perder faz parte*, e Diana não possui total controle sobre o resultado, uma vez que o sistema de competição somente premia o vencedor, então Diana não tem escolha além de aceitar. O sentido subjetivo de Diana sobre o esporte, e os participantes diretos e indiretos, se configuram, de forma que Diana passa a se questionar sobre ***se todo este esforço vale a pena***, pois não se pode ganhar *SEMPRE*. O sentido subjetivo do esporte está constituído ao redor do sucesso ou fracasso, como todas as conseqüências e desdobramentos que isso tem para a sua vida.

Diana não consegue impor suas vontades e necessidades, pois isto colocaria em risco o reconhecimento *dos outros*, que são significativamente relevantes para Diana devido ao seu vínculo emocional com estas pessoas. A ambição e o sonho de Diana é *ser a melhor triatleta brasileira/mundial*. Estas respostas são indicadores de busca por reconhecimento dos outros, em um nível onde não existiriam mais adversários, e uma vitória neste âmbito, seria de um sentido subjetivo cujo significado perpassaria os sistemas sociais que ela participa hoje.

No complemento de frases, ainda, encontramos:

*O triatlo: é um esporte que só me trouxe **coisas boas**, mostrando que com esforço podemos **ir muito além do que pensamos**.*

*Ser atleta: é levar uma **vida saudável e regrada**, além de conhecer um ouro lado da vida, de **esgotamento total pela vitória**.*

*A competição: é a hora de **mostrar** o quanto você se dedicou.*

*Minha preocupação principal com o esporte: é me manter **saudável e não sedentária, em primeiro lugar**.*

A expressão *ir além do que pensamos* indica o nível de significância, que a *competição*, momento em que se *mostra o quanto você se dedicou*, possui para Diana como fonte de produção de sentido subjetivo. O *esgotamento total pela vitória* é um indicador do esforço, que Diana realiza para conseguir cumprir uma *vida regrada*, dedicada a cumprir os horários e alcançar resultados. O esgotamento pela vitória indica o sentido do sacrifício que Diana faz para atender as expectativas dos outros, e por isso *mostrar* é ser vista, e assim o sentido subjetivo de Diana se modifica a cada momento de seu treinamento e do resultado da competição. Devido ao sentido subjetivo que a competição possui, esta atleta se sensibiliza aos processos simbólicos relacionando – os a comportamentos, falas, olhares, tempo de atenção da técnica, de acordo com suas últimas experiências nos treinos e competições.

Diana demonstra indicadores quanto há a necessidade de se conseguir abrir um espaço para o diálogo, pois as frases **vida saudável e regrada** assim como **saudável e não sedentária**, são indicadores do sentido subjetivo que o esporte possui para ela. Manter-se em forma e não ser sedentário são atividades que não condizem com o esporte de alto rendimento nos dias atuais, mas que fazem parte de uma subjetividade social, onde as preocupações com o bem estar físico e mental

estão associadas com o exercício físico e lazer. Permanecer ativo fisicamente é diferente de seguir uma carreira de atleta de alto rendimento que possibilita participar de competições olímpicas e mundiais.

Prosseguindo com o complemento de frases, Diana diz:

*O que me desmotiva: é a **obrigação** de um treinamento sábado de manhã.*

É difícil: ver meus amigos não atletas saindo sempre, e eu quase nunca.

Esta resposta é um indicador de sentido subjetivo importante, pois o que realmente Diana quer é sair com os amigos. Durante alguns treinos, Diana buscou convencer a técnica e sua mãe (que está presente constantemente à borda da piscina) de que estava com dor de cabeça, para ir ao cinema com os amigos da escola. Este é um indicador do esforço e a abdicação de aspectos importantes de que Diana sente falta, mas que não podem ser atendidos, pois *a vida regrada de atleta* não permite. Quando Diana escreve que *desmotiva a obrigação de treinar sábado*, um dia em que poderia sair com os amigos, Diana está sinalizando sua consciência sobre a abdicação de certas vontades, mas que *vale a pena quando lembra tudo o que conseguiu conquistar com esforço*. A competição é importante, pois é através do *triatlo* que ela consegue ser reconhecida. Entretanto este reconhecimento somente se realizará efetivamente se conseguir suprir as expectativas da técnica, equipe e da mãe. Embora Diana demonstre suas vontades e necessidades indiretamente, a forma que escolhe para se afastar do treino é interpretada pela técnica e sua mãe como fraqueza. Existe satisfação na mãe e na técnica em desmascarar as desculpas de Diana, e utilizam seu vínculo afetivo como forma de controle e manutenção de Diana nos treinos. O sentido subjetivo que a técnica e mãe possuem difere de Diana, e estes interpretam o comportamento de

Diana a partir do sentido que o esporte possui para eles e não a partir de uma compreensão do significado do comportamento de Diana. Nem mesmo há flexibilidade por Diana possuir apenas 15 anos, idade que compreende mudanças físicas, psicológicas e sociais em constante transformação.

Diana, ainda escreveu:

*Conflitos: existem entre as pessoas que acham que estão sendo **substituídas** na sua vida pelo esporte.*

A palavra *substituída* demonstra as posições em que cada um destes aspectos aparecem na teia da configuração subjetiva, e os sentidos subjetivos existentes para cada uma deles. Não há diálogo entre ela e as outras pessoas, pelo menos da forma como seria necessário para que Diana pudesse sentir confiança sobre seu reconhecimento independentemente do resultado nas competições.

Diana responde ainda que:

*A equipe: é muito legal, o que acaba **me incentivando cada vez mais**.*

*Prefiro: um treino **coletivo**.*

*Orgulho-me: de minha **evolução no esporte**.*

Estes são alguns indicadores de sentido subjetivo sobre como o grupo é relevante para que ela permaneça treinando diariamente. O esforço despendido por Diana para realizar as rotinas de treino e sua abdicação das demais atividades, somente é conseguido a partir do sentido subjetivo relacionado ao reconhecimento dos outros, de forma que ela não pare de treinar. O sentido de orgulho para Diana, se configura com o orgulho dos outros a partir dos bons resultados obtidos nas competições e nos treinos.

Meu técnico: é o melhor do mundo para mim. Além de ser visto como um grande amigo.

O sentido subjetivo que a técnica possui para Diana perpassa o âmbito esportivo, mas este não é correspondido, uma vez que a técnica procura estabelecer uma relação profissional com Diana, fundamentada em uma relação de troca, em que técnico tem o reconhecimento dos atletas, pais e equipe, e Diana a oportunidade de se destacar no esporte. Os pais suprem suas necessidades de resultados adquiridos pelos filhos nas competições. Por outro lado dos atletas conseguem o reconhecimento, também dos outros, sobre seu desempenho, configurando uma teia de relações de troca, mas não de possibilidade de emergência da vontade de todos os sujeitos que participam diretamente do *triatlo*. Consequentemente, a configuração do grupo não pode ser reconhecida de equipe, em que o sujeito aparece de forma espontânea e segundo suas expectativas.

O esporte de alto rendimento (se não o esporte competitivo de forma geral), aliado a uma técnica (ex-atleta), possui diferentes possibilidades de expressão dos sentidos subjetivos individuais e grupais, bem como formas diversas de configurações subjetivas grupais. Mas isto somente será possível a partir de um diálogo, onde a expressão do sujeito seja permitida sem restrições.

A participação dos pais dos atletas no ambiente esportivo é diferenciada, oportunizando a construção de novos núcleos de sentidos subjetivos sobre o esporte e si mesmo.

A produção de sentidos subjetivos a partir de todas essas considerações são significativos quando analisamos o impacto sobre o desempenho do atleta durante os treinos e competições. A organização dos sentidos subjetivos não pode ser interpretado separadamente, e sim como um todo inseparável que esta em

constante mudança, pois o comportamento dos participante diretos e indiretos do ambiente esportivo, como o pai, a mãe, a técnica e a equipe esportiva, bem como os sentidos subjetivos produzidos por eles, se articulam constituindo e são constituídos uns dos outros. Cada situação de conflito no ambiente esportivo, ou familiar, não são determinantes separadamente, mas são significantes em sua indissociabilidade na produção de sentidos subjetivos.

O comportamento do pai e da mãe fornecem todo um conjunto de processos simbólicos relacionados ao *triatlo*, que são subjetivados por Sofia. A vontade de Sofia em participar dos treinos e competições são conflituosos com o que talvez a mãe queira que ele faça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema do qual partiu a pesquisa foi o estudo da subjetividade no esporte, considerando a relação técnico - atleta, estudando a configuração subjetiva da técnica e como esta influencia o atleta em uma modalidade individual, buscando compreender como esses processos interferem, na subjetividade do atleta, no desempenho esportivo, e no clima da equipe. Durante a pesquisa de campo, informações sobre a presença da família na formação da subjetividade do atleta foram levantadas, tanto por parte dos atletas, quanto pela técnica, o que gerou importantes contribuições para o estudo.

A tese apresenta o que Valdés e Brandão (2005) ressaltaram como importante para o desenvolvimento da Psicologia do Esporte, que é o estudo da dimensão subjetiva, tanto dos atletas, como da equipe, que historicamente tem sido desconsiderada na psicologia esportiva, devido aos seus posicionamentos epistemológicos dominantes, os quais tem levado pesquisadores a constantes aplicações de instrumentos para a regulação de funções e processos psicológicos concretos, desconsiderando a complexidade das configurações subjetivas grupais e individuais que se configuram na prática esportiva e da atividade física. Esse tipo de posicionamento, segundo os autores, tem tido um papel fundamental em muitos dos comportamentos concretos que, de forma fragmentada tem sido trabalhados historicamente pela psicologia esportiva

O caráter competitivo e a hegemonia da subjetividade da técnica têm um impacto significativo na constituição da equipe pois, isto gera o predomínio de

incerteza entre os atletas sobre o reconhecimento de seu esforço e dedicação. A interpretação sobre o significado de dedicação para cada atleta e para a técnica, se diferenciam, permanecendo em momentos decisivos, o resultado esportivo.

A ênfase no resultado individual facilita o estabelecimento de um clima de insegurança na equipe, interferindo no desempenho esportivo, onde o atleta busca sua melhora esportiva cuja intenção é o reconhecimento da técnica, o que leva a produção de sentidos subjetivos da equipe centraliza-se em uma competição entre seus membros. O impacto da subjetividade da técnica nos atletas, em nosso estudo, não facilita a comunicação entre ela e o atleta ou grupo, dificultando a formação de uma equipe.

A disciplina nos treinos é utilizada como forma de acobertamento de um regime autoritário, que desconsidera a subjetividade do atleta. A insatisfação da técnica com os resultados alcançados pelos atletas em competição e treinos, é aceito pelo grupo devido a existência da subjetividade social relacionada ao culto a técnica, cuja posição é legitimada por suas conquistas enquanto atleta ou resultados já obtidos enquanto técnica.

A técnica busca reconhecimento através do atleta em diferentes dimensões, como: platéia, técnicos de outros atletas, mídia e patrocinadores. A técnica considera como reconhecimento da platéia quando o atleta sobe no pódio, enquanto que dos demais técnicos, quando o atleta estabelece um tempo de prova significativamente melhor que de seus adversários. Da mídia ele considera reconhecimento através de reportagens e entrevistas dadas por ele, enquanto que dos patrocinadores através do retorno financeiro.

O momento competitivo influencia a configuração subjetiva da equipe, uma vez que a vitória individual é legitimada pela técnica como sendo mais importante, e a única forma do atleta ser reconhecido. O ambiente esportivo, então, é constituído por individualismo, ciúme, inveja, ansiedade e receio da avaliação do “outro” seja ele o técnico, atleta, ou familiar.

A importância da família na subjetividade do atleta é outro aspecto a ser considerado na relação entre técnico – atleta - equipe. A família apresenta-se como um sentido subjetivo desconhecido pela técnica, onde ele interpreta a presença dos pais como interferência tanto na disputa por vínculo afetivo do atleta/filho, quanto no aspecto econômico, o que acabou criando um ambiente de competição intra-pessoal, facilitando o individualismo, ciúme e inveja.

O espaço social familiar pode facilitar ou dificultar o processo de desumanização do atleta, principalmente dos jovens que ainda não possuem experiência esportiva. O desapontamento da família e o ciúme entre os atletas e a técnica, confunde o atleta jovem, cujo sentido subjetivo sobre o reconhecimento dos outros e ao mesmo tempo suas vontades são passíveis de alterações, levando o sujeito a procurar modos de fuga das pressões exercidas sobre ele.

Esses indicadores quando associados a outros existentes no ambiente competitivo, como a exaltação do vencedor, desvalorização do derrotado e o imediatismo, configuram uma subjetividade social, expressa em diferentes espaços sociais da sociedade contemporânea.

A subjetividade individual e grupal é permeada somente por uma avaliação comparativa entre atletas, onde conta apenas a vitória. Todo o ambiente esportivo conspira para isso: técnico, pais, patrocinadores, platéia, e mídia.

Os sentidos subjetivos do atleta podem ser predominadas pela vergonha, pela ansiedade e pela incerteza de que conseguirá alcançar os resultados necessários para o reconhecimento financeiro esperado.

O caráter competitivo no ambiente esportivo constitui a subjetividade social, onde se configura não apenas os sentidos subjetivos sobre o esporte, mas a competição, exaltação do vencedor, desvalorização do derrotado e do segundo lugar, imediatismo, em que a remuneração e o reconhecimento somente existem para uma minoria. A produção de sentido subjetivo individual perpassa e é perpassado por todo um processo simbólico que considera essa subjetividade social.

A persistência do atleta frente as dificuldades encontradas na vida esportiva, dependem do sentido subjetivo que a prática esportiva tem para o sujeito, e não do desempenho físico, tático e técnico do atleta. Existem diferentes níveis de dificuldade, que são singulares e passam por processos de subjetivação individual e grupal, sendo passíveis de mudança de acordo com o processo de produção de sentidos subjetivos.

A desconsideração do atleta enquanto sujeito altera o sentido subjetivo do atleta sobre o esporte, e tem como consequência não somente a desistência de jovens que poderiam vir a ser atletas de alto-rendimento, mas a desistência da prática de exercícios físicos em geral.

Mais estudos sobre a subjetividade são necessários no sentido de se criar novas interpretações do contexto esportivo, de modo a auxiliar atletas, técnicos e equipes no estabelecimento de uma diálogo que permita ao sujeito expressar-se livremente, sem receio de ser repreendido ou julgado pelo “outro”.

Existe a real necessidade de um psicólogo esportivo participando ativamente do processo de treinamento e competição, pois embora esse estudo faça críticas `a técnica, ele não pode ser cobrado por não possuir tais conhecimentos, uma vez que essa competência não lhe cabe.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. M. (1997). *Personalidade e Prática Esportiva: uso do PMK em estudos de casos com atletas de voleibol*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde, 183 p. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.
- Arantes, J.P. (2002). *Motivação de Nadadores de Alto Rendimento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, 97 p. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Abbagnano, N.(1982). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Bandeira, T. L. (2002). *Identificação das Causas Subjetivas da Ansiedade Competitiva e das Estratégias de Superação de Atletas de Equipes Adultas Masculinas de Basquetebol*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 98 p. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Bandura, A. (1998). *Self-efficacy: an exercise of self-control*. New York: Cambridge University Press.
- Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, v.28, p. 117-148.
- Bandura, A. (1995). *Self-efficacy in Changing Societies*. New York: Cambridge University Press.
- Becker Jr., B. (2002). *Psicologia Aplicada ao Treinador Esportivo*. Novo Hamburgo: Feevale.
- Biddle, S.J.H. (1995). *European Perspectives on Exercise and Sport Psychology*. Exeter: Human Kinetics.
- Biddle, S. & Hanranhan, S. (1998). Attributions and Attributional Style. In: Duda, J. L.. *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*. Purdue University: Book Crafters. Capítulo 1, p. 3-19.

- Bloom, G, Durand – Bush, N. & Salmela, J. (1997). Pre and Post Competition Routines of Expert Coaches of Team Sports. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 11 n 2 p. 127 `a 141.
- Blumenstein, B., Bar-Eli, M. & Tenenbaum, G. (editors) (2002). *Brain and Body in Sport and Exercise*. Baffins Lane: John Wiley & Sons.
- Bompa, T. O. (2002). *Periodização Teoria e Metodologia do Treinamento*. São Paulo: Phorte.
- Bourdieu, P. (2003). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Buceta, J. M. (1998). *Psicología Del Entrenamiento Deportivo*. Madrid: Dykinson.
- Bull, S. (editor) (1999). *Adherence Issues in Sport & Exercise*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Buriti, M. A. (1997).org *Psicologia do Esporte*. Segunda edição. Campinas: Alínea.
- Chase, M, Lirgg C & Feltz, D. (1997). Do Coaches' Efficaccy Expectations for Their Teams Predict Team Performance. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 11, n 1, p. 08 `a 23.
- Chelladurai, P. & Reimer, H. A. (1998). Measurement of Leadership in Sport. In: Duda, J. L. *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*. Purdue University: Book Crafters.
- Cotê, J. & Salmela, J. (1996). The Organizational Tasks of Hight – Performance Dymnastics Coaches. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 10 n 3 p. 247 `a 260.
- Cotê, J., Salmela, J. & Russel, S. (1995). The Knowledge of Hight Performance Gymnastic Coaches: Methodological Framework. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 9 n 1 p. 65 `a 75.

- Cotê, J., Salmela, J. & Russel, S. (1995a). The Knowledge of Hight Performance Gymnastic Coaches: competition and training considerations. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 9 n 1 p. 76 `a 95.
- Csikszentmihalyi, M. (1992). *Psicologia da Felicidade*. São Paulo: Saraiva.
- Dale, G. & Wrisberg, C. (1996). The Use of a Performance Profiling Techtique in a Team Setting: Getting the Athletes and Coach on the "same page". *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 10 n 3 p. 261 `a 277.
- D'Arripe-Longueville, F., Fournier, J. & Dubois, A. (1998). The Perceived Effectiveness of Interactions Between Expert French Judô Coaches and Elite Female Athletes. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics.v. 12 n 3 p. 317 `a 332.
- Davis, N. Z. (1990). *Culturas do Povo*. São Paulo: Paz e Terra.
- Dishman, R. K. (editor) (1994). *Advances in Exercise Adherence*. Champaign: Human Kinetics.
- Dobránszky, I. A. (2004). Análise da Produção científica sobre técnicos. *Revista Percepção e Movimento*. Espírito Santo do Pinhal: Creupi.
- Dobránszky, I A. (2001). *Influência da Auto-eficácia e Ansiedade em Atletas de Squash*. Dissertação de Mestrado. Universidade Paulista do Estado de São Paulo.
- Efran, J., Lesser, G. & Spiller, M. (1994). Enhacing Tennis Coaching with Youths using a Methaphor Method. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 8 n 4 p. 349 `a 359.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Epiphanio, E. H. (2001). *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano: um estudo exploratório junto a uma equipe feminina de Vôlei*. Tese de Doutorado em

Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, 110 p. Universidade de São Paulo.

Feltz, D. L. E. & Lirgg, C. D. (2001). Self-Efficacy Beliefs of Athletes, Teams and Coaches. In: Singer, R. N., Hausenblas, H. A., Janelle, C. M. (editores) *Handbook of Sport Psychology*. Segunda Edição. Nova York: John Wiley & Sons.

Feltz, D. L. & Cháse, M. A. (1998). The Measurement of Self-Efficacy and Confidence in Sport. In: DUDA, J. L. *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*. Purdue University: Book Crafters.

Ferreira, A. B. H. (1975). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Figueiredo, S. H. (2002). *Estudo com atletas de voleibol: a comunicação e o rendimento nos treinamentos*. Doutorado em Psicologia Experimental, 121 p. Universidade de São Paulo.

Foucault, M. (2004). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martin Fontes.

Foucault, M. (1996). *A Ordem do Discurso*. 3ª edição. São Pauo: Loyola.

Gardner, F. (1995). The Coach and the Team Psychologist: an integrated Organizational Model. In: Murphy, S. M. (editor). *Sport Psychology Interventions*. Champaign: Human Kinetics.

Gardner, D., Shildes, D., Bredmeier, B. & Bostrom, A. (1996). The Relationship Between Perceived Coaching Behaviors and Team Cohesion Among Baseball and Softball Players. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 10 n 4 p. 367`a 381.

Garrigou A. & Lacroix B. (2001). *Nobert Elias: A Política e a História*. São Paulo: Perspectiva.

Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

- González Rey, F (2005a). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2005b). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2003). *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia; caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: Educ.
- Gouvêa, F. C.(1996). *Aspectos da Motivação para Educação Física Em Adolescentes Desportistas e Não Desportistas*. Campinas. 163p.. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Griffing, J. & Harris, M. (1996). Coaches' Attitudes, Knowledge, experiences and recommendations regarding weight control. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 10 n 2 p. 180 `a 194.
- Hagger, M., Chatzisarantis (2005). *The Social Psychology of Exercise and Sport*. Glasgow, Bell & Bain.
- Hanin, Y. (editor) (2000). *Emotions in Sport*. Champaign: Human Kinetics.
- Harwood, C. & Swain, A. (2002). The Development and Activation of Achievement Goals Within Tennis: II a player, parent and coache intervetion. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 16 n 2 p. 111 `a 137.
- Jowett, S. & Timson-Katchis, M. (2005). Social Networks in Sport : Parental Influence on the Coach-Athlete Relationship. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 19 n 3 p. 267 `a 287.
- Lavallee, D. & Wylleman, P.(2000). *Career Transitions in Sport: International Perspectives*. Morgatown. Fitness Information Technology Inc.

- Llave, A. L. De La, Péra-Llantada, M^a C., Buceta J. M^a (1999). *Investigaciones Breves em Psicología Del Deporte*. Madrid: Dykinson.
- Leonhardt, L. (2003). O Psicólogo auxiliando na qualificação do Treinador: Potencializando Talentos no Cotidiano de um clube de futebol. In: RÚBIO, K.. *Psicologia do Esporte Aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, A. A.(2006). *Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto-nível*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- Machado, A. A.(1997). *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí, Fontoura.
- Machado A, Marchese; Calabresi, C. (2000). A ação midiática na formação de esportistas. In: Dobránszky, I. A., Machado A. A.(orgs). *Delineamentos da Psicologia do Esporte: evolução e aplicação*. Campinas: Tecnocópias.
- Machado, C. G. (2002). *Sucessos e Insucessos no basquetebol feminino adulto de Santa Catarina: percepção de atletas e treinadores*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 117 p. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Malete, L. & Feliz D. (2000). The Effect of a Coaching Education Program and Coaching Efficacy. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 14 n 4 p. 410 `a 417.
- Marques, M. G. (2000). *Estudo descritivo sobre como adolescentes, atletas de futebol e tênis de Porto Alegre, percebem a Psicologia do Esporte*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, 150 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Martin, G. (2001). *Consultoria em Psicologia do Esporte Orientações Práticas em Análise do Comportamento*. Campinas: Instituto de Análise de Comportamento.
- Mitjans M. (2005). *A Teoria da Sujetividade de Gonzalez Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia*. In: GONZÁLEZ REY, F. *Sujetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson.

- Mcauley, E. & Mihalko, S. L.. Measuring Exercise-Related Self-Efficacy. In: DUDA, J. L.. *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*. Purdue University: Book Crafters, 1998. Cap.7, p. 371-390.
- Oliveira, G. A. S. (2004). Mulheres Enfrentando o desafio da inserção, ascensão e permanência no comando de equipes esportivas de alto nível. In: Simões, A. C., Knijnik (orgs). *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph.
- Ostrow, A. C. (editor) (2002). *Directory of Psychological Tests in the Sport and Exercise Sciences*. Morgantown: Fitness Information Technology.
- Price, M. & Weiss, M. (2000). Relationships Among Coach Burnout, Coach Behaviors and Athletes' Physiological Responses. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V 14 n 4 p. 391 `a 409.
- Pussield, G. A. (1999). *Comparação do nível de motivação entre nadadores da categoria juvenil, através de um método de automotivação*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 141 p. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Roberts, G. C. (editor) (1992). *Motivation in Sport and Exercise*. Champaign: Human Kinetics Books.
- Rúbio, K. (2006). *Medalhistas Olímpicos Brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Rúbio, K. (1998). *"Et, Niat, Niatat": Sobre o Processo de Formação de Vínculo em uma Equipe Esportiva*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 128 p. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Ruete, H. M. (2004). *Término da Carreira de Atletas de Alto Rendimento: impactos durante sua transição*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação Física. Campinas: PUCCAMP.

- Silva III, J. M. & E Stevens, D. E. (2002). *Psychological Foudations of Sport*. Boston: Allyn & Bacon.
- Samulski, D.(2002). *Psicologia do Esporte*. Belo Horizonte: Manole.
- Simões, A. C.(1996). *Ideologia de liderança no esporte: uma visão do “ ideal próprio” dos técnicos e “ real equipe” dos atletas*. São Paulo. Tese (Livre Docência em Psico-pedagogia do Esporte). Universidade de São Paulo.
- Simões, A. C.(1987). *Estudo dos comportamentos dos Técnicos de Handebol*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de São Paulo.
- Simões, A. C, Hata, M., & Rúbio, K. (1998). Dinâmica das Relações Grupais: análise sociometrica de uma equipe de handebol. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 12, n2 p. 115 `a 125.
- Simões, A. C., Rodrigues, A. A, & Carvalho, D. F. (1998). Lideranças e as Forças que Impulsionam a Conduta de Técnico e Atletas de Futebol, em Convívio Grupal. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 12, n2 p. 134 `a 144.
- Simões, A. C. (1994). Esporte: análise do comportamento de liderança de técnicos de handebol. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 8 n 1 p. 17 `a 29.
- Singer, R. N. (2001). Prologue: A Brief History of Reserch in Sport Psychology. In: Singer, R.N., Hausenblas H. A. & Janelle C. M. *Handbook of Sport Psychology*. Segunda edição. New York: John Wiley & Sons.
- Spink, M. J. (org). (2004). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª edição. São Paulo, Cortez.
- Strean, W., Senecal, K., Houlett S. & Burgess, J. M. (1997). Xs and Os and What the Coaches Knows: improving team strategy through critical thinking. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics. V. 11 n 3 p. 243 `a 256.

- Tacca, M. C.(2005). Relação Pedagógica e Desenvolvimento da Subjetividade. In: Gonzalez Rey. F. *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson.
- Vigotski. L. S. (2003). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo. Martins Fontes.
- Valdés, H. V. & Brandão, M. R. F. (2005). Sobre a Psicologia do Esporte: uma análise crítica a partir dos conceitos de subjetividade e sentido. In: GONZALEZ REY. *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson.
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (1999). *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. (segunda edição). Champaign: Human Kinetics.
- Weinberg, R., Butt, J. & Knight, B. (2001). High School Coaches' Perceptions of the Process of Goal Setting. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics.v. 15 n 1 p. 20`a 47.
- Weinberg, R., Burke, K., & Jackson, A. (1997). Coache's and Players Perceptions of Goal Seting in Junior Tennis: an exploratory investigation. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics.v. 11.n 4 p. 426 `a 439.
- Williams, J. M., Jeromi, G. J., Kenow, L. J., Rogers, T., Sartain, T. A. & Darland, G. (2003). Factor Structure of the Coaching Behavior Questionnaire. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics.v. 17 n 1 p. 16 `a 34.
- Wright, A. & Cotê, J. (2003). A Retrospective Analysis of Leadership Development Though Sport. *The Sport Psychologist*. Champaign: Human Kinetics.v. 17 n 3 p. 268 `a 291.
- Zavalloni, M. (2005). Apresentação. In González Rey. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo, Thompson Learning.

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa integra a tese de Doutorado em Psicologia do professor de Educação Física István de Abreu Dobránszky, do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Luís González Rey.

A construção e manutenção de uma boa relação depende da forma como técnicas, atletas e equipe solucionam suas divergências, dificuldades e superam os obstáculos em diferentes momentos, durante a convivência diária. Estas soluções são influenciadas pelas experiências passadas, e devem atender as expectativas individuais e da equipe.

Sendo assim, o presente estudo busca conhecer os processos subjetivos envolvidos na construção da relação entre técnicos e atletas, durante treinos e competições, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade da relação entre técnicos, atletas e equipe durante treinamentos e competições. Esclareço que o objetivo da pesquisa não é avaliar ou questionar as atividades e procedimentos realizados pelos técnicos, mas sim explorar a dinâmica durante os treinos e competições.

Para que se compreenda a construção da relação entre técnicos, atletas e equipe, será necessário utilizar as seguintes fontes de informação: observações: dinâmicas conversacionais individuais e em grupo, complemento de frases, questionários abertos e conflitos de diálogo. Estes encontros poderão ser gravados ou filmados.

Em momento algum o estudo oferecerá riscos a integridade física, psíquica e moral de nenhum participante.

Vale ressaltar que a sua participação nesta pesquisa é voluntária sendo resguardado a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo aos participantes.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (telefone: 3729.6808), e você receberá uma cópia do mesmo na íntegra, devidamente assinado.

Após o término deste estudo, caso haja interesse dos participantes, o pesquisador disponibiliza-se a ministrar uma palestra sobre a temática em questão.

Agradeço a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

István de Abreu Dobránszky

Telefones para contato:

Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3729.6808

Pesquisador (19) 9794.5220 ou pelo e-mail: idobranszky@yahoo.com.br

Eu _____,
abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa desenvolvida pelo professor de Educação Física István de Abreu Dobránszky, doutorando em Psicologia da PUC - Campinas.

Estou ciente de que minha identidade será mantida em sigilo, e que minha colaboração é voluntária, sendo resguardados todos os procedimentos éticos de pesquisa. Declaro ainda ter sido devidamente informada(o) sobre os objetivos e procedimentos do estudo em questão, assim como me foram prestados todos os esclarecimentos necessários.

_____, _____ de _____ de 2005

Assinatura do (a) Técnico Participante

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa integra a tese de Doutorado em Psicologia do professor de Educação Física István de Abreu Dobránszky, do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Luís González Rey.

A construção e manutenção de uma boa relação, depende da forma como técnicos, atletas e equipe solucionam suas divergências, dificuldades e superam os obstáculos em diferentes momentos, durante a convivência diária. Estas soluções são influenciadas pelas experiências passadas, e devem atender as expectativas individuais e da equipe.

Sendo assim, o presente estudo busca conhecer os processos subjetivos envolvidos na construção da relação entre técnicos e atletas, durante treinos e competições, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade dos treinamentos e competições.

Para que se compreenda a construção da relação entre técnicos, atletas e equipe, será necessário utilizar as seguintes fontes de informação: observações em treinos e competições, dinâmicas conversacionais individuais e em grupo, complemento de frases, questionários abertos e conflitos de diálogo. Estes encontros poderão ser gravados ou filmados.

Vale ressaltar que a sua participação nesta pesquisa é voluntária sendo resguardado a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao participante.

As informações produzidas pela pesquisa serão tratados de forma confidencial, garantindo-se o anonimato de cada participante. O pesquisador se compromete ainda a prestar quaisquer esclarecimentos que se façam necessários antes e durante o desenvolvimento da pesquisa.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (telefone: 3729.6808), e você receberá uma cópia do mesmo na íntegra, assinado por você.

Após o término deste estudo, caso exista interesse dos participantes, o pesquisador disponibiliza-se a ministrar uma palestra sobre a temática em questão.

Agradeço a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

István de Abreu Dobránszky

Telefones para contato:

Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3729.6808

Pesquisador (19) 9794.5220 ou pelo e-mail: idobranszky@yahoo.com.br

Eu _____,
abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa desenvolvida pelo professor de Educação Física István de Abreu Dobránszky, doutorando em Psicologia da PUC- Campinas.

Estou ciente de que minha identidade será mantida em sigilo, e que minha colaboração é voluntária, sendo resguardados todos os procedimentos éticos de pesquisa. Declaro ainda ter sido devidamente informada(o) sobre os objetivos e procedimentos do estudo em questão, assim como me foram prestados todos os esclarecimentos necessários.

_____, _____ de _____ de 2005

Assinatura do (a) Atleta Participante

ANEXO 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para Autorização de Participação do Atleta

Esta pesquisa integra a tese de Doutorado em Psicologia do professor de Educação Física István de Abreu Dobránszky, do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Luís González Rey.

A construção e manutenção de uma boa relação, depende da forma como técnicos, atletas e equipe solucionam suas divergências, dificuldades e superam os obstáculos em diferentes momentos, durante a convivência diária. Estas soluções são influenciadas pelas experiências passadas, e devem atender as expectativas individuais e da equipe.

Sendo assim, o presente estudo busca conhecer os processos subjetivos envolvidos na construção da relação entre técnicos e atletas, durante treinos e competições, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade da relação entre técnico, atleta e equipe durante treinamentos e competições. Esclareço que o objetivo da pesquisa não é avaliar ou questionar as atividades e procedimentos realizados pelos técnicos, mas sim explorar a dinâmica durante os treinos e competições.

Para que se compreenda a construção da relação entre técnicos, atletas e equipe, será necessário utilizar as seguintes fontes de informação: observações em treinos e competições, dinâmicas conversacionais individuais e em grupo, complemento de frases, questionários abertos e conflitos de diálogo. Estes encontros poderão ser gravados ou filmados.

Em momento algum o estudo oferecerá riscos a integridade física, psíquica e moral de nenhum participante.

Vale ressaltar que a participação nesta pesquisa é voluntária sendo resguardado a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao participante.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (telefone: 3729.6808), e você receberá uma cópia do mesmo na íntegra, assinado por você.

Vale salientar também que o adolescente tem o direito de se recusar a participar, mesmo sendo autorizada pelos pais ou responsável.

Após o término deste estudo, caso haja interesse dos participantes, o pesquisador disponibiliza-se a ministrar uma palestra sobre a temática em questão.

Agradeço a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

István de Abreu Dobránszky

Telefones para contato:

Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3729.6808

Pesquisador (19) 9794.5220 ou pelo e-mail: idobranszky@yahoo.com.br

*Eu _____, RG nº _____ autorizo a
participação voluntária do meu filho (a)
_____ na pesquisa referida acima.*

_____, _____ de _____ de 2005

Assinatura do (a) Pai ou Mãe ou responsável pelo Participante

ANEXO 4

Complemento de Frases

Nome _____

1. Idade _____ 2. Sexo Masculino Feminino

3. Qual seu nível de escolaridade

- Fundamental incompleto
- Fundamental Completo
- Médio Incompleto
- Médio completo
- Universitário incompleto
- Universitário Completo
- Pós-Graduado

4. Estado Civil:

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Mora junto com um (a) parceiro (a)

5. Possui filhos? Qual a idade deles? _____

6. Quantas horas você treina por dia?

- até 3 horas
- entre 3 e 5 horas
- entre 5 e 8 horas
- acima de 8 horas

7. Qual foi o maior nível de competição que você participou em sua carreira

- Regional
- Nacional
- Internacional
- Mundial

8. Qual foi sua maior realização em sua carreira esportiva?

9. Você está satisfeito com suas realizações esportivas?

- Completamente satisfeito
- Razoavelmente satisfeito
- Difícil de responder
- Razoavelmente insatisfeito
- Completamente insatisfeito

O Triatlo _____

Ano _____

Considero que posso _____

A competição _____

Meu técnico _____

A equipe _____

A felicidade _____

Queria ser _____

Meu maior desejo _____

Luto _____

Vencer _____

Perder _____

Quando tenho dúvidas _____

Meu pai _____

Minha mãe _____

Minha ambição _____

Tenho medo _____

Meu futuro _____

Meus amigos _____

O estudo _____

O que me motiva _____

Minha preocupação principal _____

Esforço-me _____

Não consigo _____

Prefiro _____

Eu secretamente _____

Sempre quis _____

Sou _____

Ser atleta _____

Preciso _____

Minha segurança _____

Odeio _____

Meu maior desafio _____

Orgulho-me _____

Aspiro
